

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GEOVANA DAMASCENO DE MACEDO

EDUCAÇÃO, AMBIENTE E TRADIÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DA AGENTE
EDUCACIONAL DONA MARIA SIQUEIRA DAMASCENO NA ILHA DOS
VALADARES – PARANAGUÁ - PARANÁ

MATINHOS

2025

GEOVANA DAMASCENO DE MACEDO

EDUCAÇÃO, AMBIENTE E TRADIÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DA
AGENTE EDUCACIONAL DONA MARIA SIQUEIRA
DAMASCENO NA ILHA DOS VALADARES – PARANAGUÁ -
PARANÁ

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais.

Orientador: Prof. Dr. Mauricio Cesar Vitória Fagundes.

MATINHOS

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte
Biblioteca Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral

M141 Macedo, Geovana Damasceno de.
Educação, ambiente e tradição: contribuições da agente educacional dona Maria Siqueira Damasceno na ilha dos Valadares – Paranaguá - Paraná / Geovana Damasceno de Macedo ; orientador Mauricio Cesar Vitória Fagundes. – 2025.
159 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, Matinhos/PR, 2025.

1. Educação. 2. Tradição. 3. Cultura caiçara. 4. Saberes populares. I. Dissertação (Mestrado) – Mestrado Profissional em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais. II. Título.

CDD – 306.40981



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR LITORAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO REDE NACIONAL PARA
ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS - 33002045070P4

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **GEOVANA DAMASCENO DE MACEDO**, intitulada: **EDUCAÇÃO, AMBIENTE E TRADIÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DA AGENTE EDUCACIONAL DONA MARIA SIQUEIRA DAMASCENO NA ILHA DOS VALADARES, PARANAGUÁ - PARANÁ**, sob orientação do Prof. Dr. MAURÍCIO CESAR VITÓRIA FAGUNDES, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

MATINHOS, 31 de Março de 2025.

Assinatura Eletrônica

01/04/2025 16:43:01.0

MAURÍCIO CESAR VITÓRIA FAGUNDES

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

01/04/2025 15:09:23.0

VIRNEI SILVA MOREIRA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

02/04/2025 08:59:13.0

MARINA COMERLATTO DA ROSA

Avaliador Externo (INSTITUTO FEDERAL DE EDUC., CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PARANÁ)

Dedico este trabalho de pesquisa à minha querida bisavó, Dona Maria
Siqueira Damasceno (*In memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, pela saúde e pela força que me impulsiona a lutar pelos meus objetivos. Minha gratidão a Nossa Senhora dos Navegantes, que, em meio às tempestades da vida, guia-me com sabedoria e protege minha frágil embarcação.

Sou grata à minha família, especialmente aos meus pais, Sergio e Alessandra, e aos meus avós, Luiz José (*in memoriam*) e Francisca, Luiz César e Neuza, que foram pilares ao longo da minha trajetória. Um agradecimento especial à minha vó Francisca, com quem tenho a alegria de compartilhar um lar.

Aos meus irmãos, Letícia e Renan, e às minhas sobrinhas, Heloísa e Laura, minha gratidão por encherem minha vida de alegria e luz. Agradeço ainda aos demais familiares, que valorizaram minha formação acadêmica.

Ao meu companheiro, Renne, sou grata por seu amor, apoio e paciência. Obrigada por ouvir meus longos discursos sobre a pesquisa e por ser um incentivador com suas palavras de carinho.

Aos meus colegas de turma, expresso minha gratidão pela companhia e pelo aprendizado mútuo. Em especial, agradeço à Valdenária e ao seu marido, Luis Caetano, por sua generosidade em me levarem de carro todos os dias de aula. À Marili e à Viviane, obrigada pela amizade, pelo apoio e pelos momentos compartilhados. Este quarteto sempre terá um lugar especial no meu coração.

Aos amigos do outro Programa de Pós-Graduação – Cibele, Victor Henrique, Victor Matheus e Bianca –, meu agradecimento por todas as trocas de experiências e conversas que aqueceram a, por vezes, solitária jornada acadêmica.

Por fim, os professores do Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB), meu agradecimento por contribuírem para meu crescimento acadêmico. Em especial, ao meu orientador, Professor Doutor Maurício César Vitória Fagundes, minha banca, Professora Doutora Marina Comerlatto da Rosa e Professor Doutor Virnei Silva Moreira minha gratidão pela parceria,

compreensão e contribuições, que foram essenciais para que eu pudesse cursar dois mestrados simultaneamente.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Agência Nacional de Águas (ANA).

“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos é apenas uma gota no oceano. Mas, o oceano seria menor se lhe faltasse uma gota”

- Madre Teresa de Calcutá.

RESUMO

Esta pesquisa busca compreender e valorizar a cultura caiçara através da história de Maria Siqueira Damasceno, uma figura da Ilha dos Valadares, em Paranaguá, Paraná. Com a proposta de preservar e disseminar os saberes populares caiçaras, o estudo é fundamentado na metodologia da História Oral, que permite a coleta e análise de relatos e memórias da comunidade local, além de propiciar um espaço para a construção coletiva de conhecimento. Um aspecto central da pesquisa foi a realização de Círculos de Diálogo, que envolveu gestores e educadores. Durante esses diálogos, foi possível promover a troca de saberes, identificar lacunas no reconhecimento das tradições locais e discutir maneiras de valorizá-las no ambiente educacional. A programação dos Círculos de Diálogo incluiu visitas a diversas instituições de ensino da Ilha dos Valadares, como escolas e centros municipais de educação infantil. Em cada visita, apresentou-se a proposta de trabalho, além de distribuir exemplares do livro *Descobrimos as Raízes Caiçaras: A História de Maria Siqueira Damasceno*, que compila as narrativas coletadas e se apresenta como um recurso pedagógico. A presença das filhas de Dona Maria em algumas dessas reuniões trouxe um componente afetivo e histórico que fortaleceu ainda mais o propósito da obra. Os resultados da pesquisa mostram um amplo interesse da comunidade escolar em reconhecer e valorizar as tradições caiçaras. Os Círculos de Diálogo se mostraram fundamentais para fortalecer os vínculos entre a educação formal e os saberes populares, promovendo uma abordagem crítica e reflexiva. Além da divulgação do livro, as visitas e diálogos abertos possibilitaram a continuidade da discussão sobre a importância da cultura caiçara no processo educativo. Com isso, a pesquisa se consolidou como um exemplo de como a educação pode ser um agente de transformação social, promovendo o pertencimento e o reconhecimento das raízes culturais no ensino-aprendizagem. Em suma, esta pesquisa contribui para a preservação da cultura caiçara, reafirmando a importância de integrar a história local ao currículo escolar, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e conscientes de sua identidade cultural.

Palavras-chave: Educação; Tradição; Cultura Caiçara; Saberes Populares.

ABSTRACT

This research seeks to understand and value Caiçara culture through the story of Maria Siqueira Damasceno, a figure from Valadares Island, in Paranaguá, Paraná. With the aim of preserving and disseminating Caiçara folklore, the study is based on the Oral History methodology, which allows for the collection and analysis of stories and memories from the local community, in addition to providing a space for the collective construction of knowledge. A central aspect of the research was the holding of Dialogue Circles, which involved administrators and educators. During these dialogues, it was possible to promote the exchange of knowledge, identify gaps in the recognition of local traditions, and discuss ways to value them in the educational environment. The Dialogue Circles program included visits to several educational institutions on Valadares Island, such as schools and municipal early childhood education centers. During each visit, the work proposal was presented, in addition to distributing copies of the book *Discovering Caiçara Roots: The Story of Maria Siqueira Damasceno*, which compiles the collected narratives and is presented as a pedagogical resource. The presence of Dona Maria's daughters in some of these meetings brought an emotional and historical component that further strengthened the purpose of the work. The results of the research show a broad interest of the school community in recognizing and valuing Caiçara traditions. The Dialogue Circles proved to be fundamental in strengthening the links between formal education and popular knowledge, promoting a critical and reflective approach. In addition to promoting the book, the visits and open dialogues allowed for continued discussion about the importance of Caiçara culture in the educational process. As a result, the research was consolidated as an example of how education can be an agent of social transformation, promoting belonging and the recognition of cultural roots in teaching and learning. In short, this research contributes to the preservation of Caiçara culture, reaffirming the importance of integrating local history into the school curriculum, contributing to the formation of critical citizens who are aware of their cultural identity.

Keywords: Education; Tradition; Caiçara Culture; Popular Knowledge.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – DONA MARIA SIQUEIRA DAMASCENO SENTADA NA SUA TRADICIONAL POLTRONA DE FRENTE PARA SUA JANELA.....	41
FIGURA 2 – MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA ILHA DOS VALADARES – PARANAGUÁ, PARANÁ – BRASIL.....	58
FIGURA 3 – TRAVESSIA FEITA POR UMA LANCHAS DA ILHA DOS VALADARES PARA O CONTINENTE, ANOS 80.....	58
FIGURA 4 – FLUTUANTE QUE FAZIA ACESSO DO CONTINENTE ATÉ A ILHA DOS VALADARES, ANOS 80.....	59
FIGURA 5 – FLUTUANTE QUE FAZIA ACESSO DA ILHA DOS VALADARES AO CONTINENTE. NA FOTO ESTÁ PRESENTE O ARTISTA PLÁSTICO EMIR ROTH, ANOS 80.....	59
FIGURA 6 – ATUALMENTE, DUAS PONTES QUE LIGAM A ILHA DOS VALADARES AO CONTINENTE, A PONTE “ANTÔNIO JOSÉ SANT’ANNA LOBO NETO” E A PONTE “DOMINGOS MASSA”.....	60
FIGURA 7 – PRAÇA CYRO ABALEM – ILHA DOS VALADARES.....	61
FIGURA 8 – MAR DE LÁ, ANOS 90 – ILHA DOS VALADARES.....	61
FIGURA 9 – MAR DE LÁ – ILHA DOS VALADARES.....	62
FIGURA 10 – LOCALIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA E SUAS RESPECTIVAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO.....	63
FIGURA 11 – CAPA DO LIVRO “DESCOBRINDO AS RAÍZES CAIÇARAS: AS HISTÓRIAS DE MARIA SIQUEIRA DAMASCENO.....	70

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – PERGUNTA DE MULTIPLICA ESCOLHA 1	72
GRÁFICO 2 – PERGUNTA DE MULTIPLICA ESCOLHA 2	72
GRÁFICO 3 - PERGUNTA DE MULTIPLICA ESCOLHA 3	73
GRÁFICO 4 - PERGUNTA DE MULTIPLICA ESCOLHA 4	73
GRÁFICO 5 - PERGUNTA DE MULTIPLICA ESCOLHA 5	74

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – PRINCIPAIS ACHADOS COM OS CRITÉRIOS DE INCLUSÃO.....	24
QUADRO 2 – PERGUNTA: VOCÊ SE SENTIA ACOLHIDO PELA AGENTE EDUCACIONAL DONA MARIA NO COLÉGIO QUANDO DESFRUTAVA DAS REFEIÇÕES QUE ELA PREPARAVA? DESCREVA	74
QUADRO 3 – PERGUNTA: VOCÊ ACREDITA QUE AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO NA ILHA DOS VALADARES, TRABALHAM COM OS ESTUDANTES OS SABERES POPULARES CAIÇARAS? DESCREVA.....	75
QUADRO 4 – PERGUNTA: VOCÊ ACREDITA QUE OS VALORES DEIXADOS POR FIGURAS IMPORTANTES DA ILHA DOS VALADARES, INCLUINDO A AGENTE EDUCACIONAL DONA MARIA, DEVEM SER PRESERVADOS PARA MANTER A HISTÓRIA DA COMUNIDADE E A CULTURA LOCAL COM SUA VERDADEIRA ESSÊNCIA?.....	75
QUADRO 5 – PERGUNTA: VOCÊ TEM ALGUMA HISTÓRIA NO COLÉGIO CIDÁLIA REBELLO GOMES QUE ENVOLVA A AGENTE EDUCACIONAL DONA MARIA QUE GOSTARIA DE COMPARTILHAR?.....	76
QUADRO 6 – ROTEIRO DO CÍRCULO DE DIÁLOGOS SOBRE O LIVRO “DESCOBRINDO AS RAÍZES CAIÇARAS: AS HISTÓRIAS DE MARIA SIQUEIRA DAMASCENO”.....	79
QUADRO 7 – REGISTROS FOTOGRÁFICOS DAS DOAÇÕES E DIVULGAÇÃO DO LIVRO “DESCOBRINDO AS RAÍZES CAIÇARAS: AS HISTÓRIAS DE MARIA SIQUEIRA DAMASCENO” E CÍRCULO DE DIÁLOGOS NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO.....	88

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CONAE – Conferência Nacional de Educação

DCNEB – Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação

Básica EA – Educação Ambiental

EA – Estado da Arte

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IHGP – Instituto Histórico e Geográfico de

Paranaguá IFPR – Instituto Federal do Paraná

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Nacional

LEEI – Leitura e Escrita na Educação Infantil

MEC – Ministério da Educação

NUPOVOS/IFPR – Núcleo de Direitos Humanos de Povos Tradicionais do Instituto Federal do Paraná

PNE – Plano Nacional de Educação

PPGCTS/IFPR – Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e

Sociedade do Instituto Federal do Paraná

PLND – Plano Nacional do Livro Didático

PROFCIAMB/UFPR – Programa de Pós-Graduação para o Ensino das Ciências Ambientais da Universidade Federal do Paraná RCP – Referencial Curricular do Paraná

SEMEDI – Secretaria Municipal de Educação e Ensino Integral

SEMMA – Secretaria Municipal de Meio Ambiente

SUMÁRIO

MEMORIAL

1	INTRODUÇÃO	19
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	21
2.1	ESTADO DA ARTE SOBRE A RELAÇÃO ENTRE OS SABERES POPULARES CAIÇARAS E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)	22
2.2	DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA IMPLEMENTAÇÃO DA BANSE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) NO CONTEXTO BRASILEIRO.....	32
2.3	MARIA SIQUEIRA DAMSCENO E A EDUCAÇÃO CAIÇARA, CULTURA POPULAR E IDENTIDADE CULTURAL	40
2.4	CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE, CARLOS RODRIGUES BRANDÃO E MILTON SANTOS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO, CULTURA E TRADIÇÃO.....	49
3	METODOLOGIA.....	57
3.1	LOCAL DE ESTUDO.....	57
3.2	PROCEDIMENTOS ADOTADOS.....	64
3.3	PRODUTO TÉCNICO-TECNOLÓGICO.....	68
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	70
4.1	RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO.....	70
4.2	CÍRCULO DE DIÁLOGOS.....	78
4.3	ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO E DO CÍRCULO DE DIÁLOGOS: UM DIÁLOGO COM A REVISÃO DA LITERATURA.....	93
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
	REFERÊNCIAS	98
	APÊNDICE A – PRODUTO TÉCNICO-TECNOLÓGICO – DESCOBRINDO AS RAÍZES CAIÇARAS: AS HISTÓRIAS DE MARIA SIQUEIRA DAMASCENO.	102
	ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	157

MEMORIAL

Meu nome é Geovana. Nasci em 1999, no bairro mais populoso de Paranaguá, a Ilha dos Valadares. Sou a segunda filha de um casal simpático e cresci cercada pelo calor familiar, compartilhando alegrias com meus irmãos, primos e as crianças da vizinhança. Meu quintal, com sua vasta vegetação e um rio perto de casa, foram o cenário mágico onde minha infância se desenrolou. Acredito que cada criança deveria experimentar a magia de explorar um quintal, de se perder em brincadeiras sem fim e, ao fim do dia, encontrar conforto na casa da vovó, onde sempre havia um lanche que aquecia o corpo e a alma. Esses momentos moldaram meu primeiro contato com o mundo, um tempo de descobertas e de raízes que se aprofundaram em meu ser.

Minha jornada escolar começou na Escola Tia Sandra, onde concluí a educação infantil e o ensino fundamental I. Confesso que, no início, chorei muito, pois não gostava de ir à escola. Com o passar do tempo, porém, fui descobrindo um encanto pela docência. Tornei-me a famosa "puxa-saco" de professores e, influenciada pela presença inspiradora de familiares que trabalhavam na educação, sonhei em ser professora. Contudo, a vida me levaria por outros caminhos, e essa vontade seria, por um período, adormecida.

No ensino fundamental II, no Colégio Estadual "Cidália Rebello Gomes", novas experiências e professores reacenderam meu desejo de lecionar. No entanto, após concluir o ensino médio, segui para a graduação em Gestão Ambiental no Instituto Federal do Paraná (IFPR), onde reencontrei a motivação para compreender o mundo a partir de outras perspectivas. Foi num ambiente, cercada por tias professoras e incentivada pela minha bisavó Dona Maria, a vocação para a docência voltou a pulsar em meu interior. Esse reencontro comigo mesma me levou a iniciar uma segunda graduação, em Geografia, pelo Grupo UNINTER.

Ainda no IFPR, tornei-me bolsista do Núcleo de Direitos Humanos de Povos Tradicionais (NUPOVOS/IFPR), uma experiência que me revelou

novas formas de ver a educação e a conexão humana. Admirava a maneira como os docentes tratavam os alunos e utilizavam metodologias que transcendiam o ensino tradicional. Minha trajetória profissional me levou, em seguida, a novos desafios.

Trabalhei na Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMMA), criando mapas para o município de Paranaguá. Paralelamente, atuei em uma consultoria ambiental em Morretes. Ainda assim, algo em meu interior continuava a me chamar para a educação. Decidi, então, pedir transferência para a Secretaria Municipal de Educação e Ensino Integral (SEMEDI), onde tive experiências marcantes em diferentes instituições de ensino, desde a Escola Municipal “Iracema dos Santos” que me recebeu com afeto e me conectou a memórias familiares, até a “Gabriel de Lara”, onde enfrentei os desafios de uma turma multisseriada.

Porém, meus últimos meses na SEMEDI foram vividos no Centro Municipal de Educação Infantil “Arcelina Ana de Pina”, onde tive a oportunidade de ser chefiada por minha tia durante seis meses. Esse período foi transformador, pois me permitiu conhecer a fundo a dinâmica da gestão escolar. Acompanhei de perto os desafios e as responsabilidades envolvidas no gerenciamento de uma instituição educacional, desde a organização administrativa até o cuidado com cada detalhe que mantém a escola funcionando.

Cada nova experiência trouxe aprendizagens, foram momentos de amadurecimento, onde lidei com incertezas, superações e a reafirmação de que a educação, mais do que uma profissão, era um chamado em minha vida. Durante esse período, iniciei duas especializações, em Educação Inclusiva e Gestão Escolar, e fui aprovada em disciplinas isoladas de mestrado.

Minha determinação e fé me levaram a alcançar um feito que, para muitos, pareceria impossível: ser aprovada em dois programas de mestrado – no Programa de Pós Graduação para o Ensino das Ciências Ambientais/ Universidade Federal do Paraná (PROFCIAMB/UFPR) e no Programa de Pós Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade/ Instituto Federal do Paraná (PPGCTS/IFPR) – e cursá-los simultaneamente. Esses momentos, fortaleceram minha essência e reafirmaram meu propósito.

Hoje, ao olhar para minha trajetória, percebo que tudo se conecta. Cada desafio enfrentado, cada aprendizado e cada conquista fazem parte da minha essência e do meu propósito de vida. Sou uma pesquisadora que encontra sentido em explorar o espaço, o lugar e o ambiente. Mais do que isso, vejo a educação como uma ponte que conecta pessoas, histórias e saberes. É gratificante compartilhar, por meio da minha pesquisa, um pouco do que sou e do que acredito. Afinal, minha jornada é, antes de tudo, uma celebração do pertencimento, da memória e do amor por aquilo que faço.

1 INTRODUÇÃO

A educação, o ambiente e a tradição são pilares fundamentais para a construção da identidade cultural e para a preservação do patrimônio imaterial de uma comunidade. Como afirma Freire (1987, p. 13), "a educação, enquanto prática de liberdade, deve partir das realidades culturais dos sujeitos, promovendo a valorização e a transformação da sociedade". No contexto da Ilha dos Valadares, em Paranaguá, Paraná, esses pilares se entrelaçam de maneira singular, evidenciando a riqueza da cultura caiçara e seu papel essencial na vida cotidiana dos moradores.

Entretanto, a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que busca padronizar as diretrizes pedagógicas em todo o território brasileiro, apresenta desafios significativos para comunidades tradicionais. Para Certeau (1994, p. 25), "as práticas culturais locais frequentemente entram em tensão com políticas centralizadas, mas essa tensão pode gerar espaços de resistência e inovação". Assim, a padronização pode dificultar a integração dos saberes locais aos currículos escolares, colocando em risco a transmissão e valorização de conhecimentos ancestrais. Nesse cenário, a figura de Dona Maria Siqueira Damasceno, uma agente educacional cuja trajetória é marcada pela dedicação à preservação cultural, emerge como símbolo da resistência cultural e da transmissão de saberes caiçaras.

Dona Maria, com sua atuação educacional e comunitária, demonstra como a educação pode transcender as barreiras formais da sala de aula, conectando o passado ao presente por meio de práticas que promovem a valorização e preservação das tradições locais. Sua história exemplifica o que Hall (2003, p. 123) descreve como "a luta pela identidade cultural em um mundo globalizado, onde a preservação das tradições locais é fundamental para a resistência às forças uniformizadoras". Diante disso, esta pesquisa buscou compreender como a trajetória de Dona Maria pode orientar estratégias pedagógicas que integrem tradição e ensino formal, reconhecendo tanto as limitações quanto as oportunidades nesse processo.

Para investigar essa questão, adotou-se como metodologia a História Oral, que, conforme Portelli (1997, p. 24), "não apenas registra os eventos,

mas captura os significados atribuídos por aqueles que os vivenciaram”. Essa abordagem se complementa com o Método Dialético promovendo uma leitura crítica da realidade educacional da Ilha dos Valadares. Além disso, os Círculos de Diálogos desempenham um papel central, funcionando como espaços de reflexão coletiva onde as vozes da comunidade são ouvidas e valorizadas.

Assim, diante do problema de como preservar e fortalecer os saberes populares caiçaras na Ilha dos Valadares, utilizando a história da Agente Educacional Dona Maria Siqueira Damasceno, frente aos desafios impostos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), esta pesquisa tem como objetivo geral compreender as possibilidades e limites na preservação e fortalecimento dos saberes populares caiçaras na Ilha dos Valadares, em Paranaguá/PR, à luz da ação pedagógica desenvolvida por uma agente educacional.

Para isso, buscou-se identificar os desafios contemporâneos enfrentados pelos saberes populares caiçaras diante da BNCC, investigar as práticas educacionais e ambientais historicamente desenvolvidas por Dona Maria Siqueira Damasceno sob a ótica da cultura popular caiçara e produzir um livro sobre sua história, apresentando estratégias pedagógicas para fortalecer esses saberes.

A justificativa desta pesquisa está ancorada na necessidade de fortalecer o processo de ensino na Ilha dos Valadares, contribuindo para a preservação e promoção da identidade cultural caiçara. A relevância deste trabalho se reflete não apenas no contexto local, mas também na valorização da riqueza cultural do Brasil como um todo. A pesquisa busca compreender as dinâmicas de transmissão dos saberes populares e a relação entre educação e cultura, abordando a necessidade de integrar esses elementos ao currículo escolar. Em comunidades tradicionais como a Ilha dos Valadares, a educação deve reconhecer e valorizar as especificidades culturais, promovendo um aprendizado significativo que ressoe com as experiências e a identidade dos estudantes.

Sendo assim, O livro "Descobrimo as Raízes Caiçaras: A História de Maria Siqueira Damasceno" é o produto técnico-tecnológico desta pesquisa,

que pode servir como recurso pedagógico para educadores. Ele homenageia uma figura significativa na educação e na socioeducação local, documentando histórias importantes para a comunidade. Esse recurso pedagógico não apenas oferece narrativas inspiradoras, mas também proporciona aos educadores da Ilha dos Valadares e de Paranaguá a oportunidade de explorar e compartilhar com seus alunos as histórias autênticas da região. A obra transcende os limites da sala de aula, contribuindo para o currículo escolar com os conteúdos que refletem a realidade e as tradições locais, promovendo um sentimento de pertencimento, emancipação e identidade cultural. Ao unir teoria e prática, buscamos contribuir para a preservação e valorização dos saberes populares caiçaras, incentivando a formação de uma consciência crítica entre os educadores e alunos da Ilha dos Valadares, reafirmando a importância de uma educação que respeite e valorize as diversidades regionais.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura desta pesquisa busca embasar um diálogo sobre a relação entre os saberes populares caiçaras e o contexto educacional contemporâneo, particularmente à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Para isso, ela se estrutura em torno de quatro eixos: o estado da arte sobre a relação entre os saberes caiçaras e a BNCC; os desafios e perspectivas da implementação da BNCC no Brasil; a figura de Maria Siqueira Damasceno como um ícone da educação caiçara, e as contribuições teóricas de pensadores como Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão e Milton Santos.

O primeiro eixo discute a integração dos saberes populares caiçaras no currículo escolar, articulando as diretrizes da BNCC com as especificidades culturais e históricas das comunidades tradicionais, em especial a caiçara. Essa análise pretende identificar como as diretrizes educacionais nacionais dialogam com o conhecimento local e como esse saber pode ser valorizado e preservado no ambiente escolar.

No segundo eixo, são abordados os desafios e as perspectivas da implementação da BNCC, um documento que visa uniformizar a educação em

todo o território nacional, mas que precisa enfrentar as diversas realidades regionais e culturais do Brasil. Aqui, é essencial compreender os impactos dessa política curricular nas escolas que atendem a comunidades tradicionais, neste caso específico, como a caiçara, e os obstáculos encontrados para adaptar a BNCC a esses contextos.

O terceiro eixo dedica-se à figura de Maria Siqueira Damasceno, uma agente educacional que personifica a intersecção entre educação, cultura popular e identidade caiçara. Sua trajetória representa uma ponte entre a transmissão dos saberes tradicionais, contribuindo para a valorização da cultura local dentro e fora do espaço escolar.

Por fim, o quarto eixo traz as contribuições de teóricos fundamentais, como Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão e Milton Santos, que fornecem a base crítica e pedagógica para pensar a educação, cultura e tradição de forma emancipatória.

Esses quatro eixos interligam-se ao refletirem sobre como a educação pode se constituir como um espaço de preservação e valorização das identidades culturais, particularmente no caso da cultura caiçara, dentro de uma estrutura curricular como a BNCC, que busca a homogeneização do ensino. Ao mesmo tempo, destacam a importância de uma prática pedagógica que reconheça e respeite as diversidades regionais, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva.

2.1 ESTADO DA ARTE SOBRE A RELAÇÃO ENTRE OS SABERES POPULARES CAIÇARAS E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um conjunto de diretrizes que estabelecem padrões para a formação dos alunos em todo o Brasil. Porém, ao mesmo tempo possui uma grande dificuldade de valorizar e respeitar a diversidade cultural e regional do Brasil. Assim, os conhecimentos populares, como dos povos caiçaras, pois eles representam conhecimentos tradicionais, transmitidos de geração em geração. A incorporação dos saberes populares ao

currículo escolar é um grande desafio, especialmente em uma nação tão diversa quanto o Brasil.

Nesse sentido, o objetivo deste Estado da Arte é discutir como a implementação da BNCC levou em consideração os saberes populares caiçaras, bem como os desafios e oportunidades dessa integração.

“O Estado da Arte e o Estado do Conhecimento são denominações de levantamentos sistemáticos ou balanço sobre algum conhecimento, produzido durante um determinado período e área de abrangência” (Silva; Souza; Vasconcellos, 2020, p. 2). Assim, os levantamentos servem como uma ferramenta da pesquisa acadêmica para melhorar o conhecimento existente sobre um assunto, identificando áreas de descobertas e estabelecendo os caminhos para a pesquisa.

Ainda, Silva, Souza e Vasconcellos (2020, p. 2), complementam que a ideia principal é que ao construir um Estado da Arte ou Estado do Conhecimento, os pesquisadores estão interessados em fazer um "olhar para trás" para revisar e compreender o que já foi feito. Isso permite que o conhecimento existente seja organizado e sistematizado, o que facilita o acesso e contribui para a democratização do conhecimento científico.

Nesse sentido, para Santos *et al.* (2020):

De natureza exclusivamente bibliográfica, o Estado da Arte (EA) se expressa, no campo acadêmico, como um tipo de pesquisa com especificidades e critérios de elaboração e desenvolvimento, escopo do presente ensaio. A relevância em propor discussão acerca do EA concentra-se na necessidade de entendê-la como modalidade de estudo que transcende o mero mapeamento descritivo de trabalhos ou a entende somente como etapa exploratória ou de revisão de determinados estudos (Santos *et al.*, 2020, p. 203).

Assim, eles não apenas consolidam o que já sabemos, mas também permitem novas investigações e avanços nos campos de estudo, pois segundo Silva, Souza e Vasconcellos (2020, p. 2-3), “essa modalidade de revisão bibliográfica nos permite um diálogo com os demais pesquisadores de áreas afins e nos revela a riqueza de dados produzidas em suas pesquisas”. Por fim, o Estado da Arte reúne e estrutura o conhecimento existente, incentivando a comunicação entre pesquisadores de áreas relacionadas.

Para esta pesquisa, foi realizada uma revisão nas bases de dados Google Acadêmico, com foco nos últimos dez anos (2009 a 2024). Este recorte temporal foi escolhido para capturar as discussões e publicações mais recentes sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e sua relação com os saberes populares caiçaras. Ao limitar a pesquisa às duas últimas décadas, buscamos identificar como as abordagens e as práticas educacionais evoluíram à luz das diretrizes da BNCC, que foi implementada em 2017 e vem influenciando o cenário educacional brasileiro.

Os descritores utilizados foram: “BNCC e escola”, “BNCC e desafios”, “saberes populares caiçara e BNCC”, “saberes populares e saberes escolares”, e “educação caiçara e educação popular”. Esses termos foram selecionados para abranger de forma abrangente as intersecções entre a BNCC e os saberes locais, possibilitando uma análise mais profunda das práticas pedagógicas que buscam integrar a cultura caiçara ao ensino formal.

Os critérios de exclusão foram seguidos para garantir a qualidade e relevância dos resultados. Os trabalhos foram analisados com base nos objetivos, metodologias utilizadas e resultados obtidos. Assim, foi elaborado um quadro síntese com os principais achados, que serviu como base para a construção da pesquisa.

QUADRO 1 – PRINCIPAIS ACHADOS COM OS CRITÉRIOS DE INCLUSÃO.

Categoria	Autores	Ano	Título	Objetivos	Contribuições para a pesquisa
Educação Ambiental e Saberes Populares	Sandro de Castro Pitano e Rosa Elena Noal	2009	Horizontes de diálogo em educação ambiental: contribuições de Milton Santos, Jean-Jacques Rousseau e Paulo Freire	Explorar e contribuir para os debates sobre “Educação Ambiental” por meio de uma abordagem interdisciplinar que incorpora teorias da Geografia, Educação e Filosofia	A pesquisa busca oferecer novas perspectivas de análise, baseadas no pensamento de Milton Santos e Paulo Freire. A ideia central é revisar a maneira como os problemas ambientais são abordados na educação, mudando o foco da relação

					binária entre ser humano e natureza
	Patrícia Maria Azevedo Xavier e Cristhiane Cameiro Cunha Flôr	2015	Saberes populares e educação científica: um olhar a partir da literatura na área de ensino de ciências	Analisar como os saberes populares são tratados na literatura da área de Educação Científica, especialmente no contexto do ensino das ciências	A pesquisa visa assim preencher lacunas na integração dos saberes populares no ensino de ciências, promovendo uma abordagem mais inclusiva e significativa para a educação científica
	Fábio Gabriel Nascibem e Alessandra Aparecida Viveiro	2015	Para além do conhecimento científico: a importância dos saberes populares para o ensino de ciências	Promover uma discussão sobre a importância da inserção dos saberes populares no ensino de ciências e no desenvolvimento do pensamento científico	A pesquisa visa contribuir para a construção de uma educação científica mais inclusiva integradora, que reconheça e valorize a diversidade de saberes dos estudantes das comunidades
	Elizangela Sarraff e Maurício Cesar Vitória Fagundes	2023	A partilha dos saberes da cultura popular caiçara com os conhecimentos da escola	Sulear as concepções de Pesquisa Participante a partir dos contextos culturais e educacionais da escola, propondo uma sistematização metodológica estruturada nos Círculos de Diálogos Formativos que, além de conceber os dados da pesquisa, empreender um processo dinâmico de conscientização crítica que tem como base a partilha e a circularidade dos saberes num	Este artigo apresenta um fragmento da pesquisa de mestrado intitulada: "A cultura popular na Ilha dos Valadares: diálogos sobre os saberes do fandango e os saberes da escola". Este estudo tem por objetivo compreender como se expressam, ou não, os saberes e fazeres populares da cultura caiçara, presentes no fandango, com os saberes escolares

				processo formativo de pesquisa.	
Cultura Caiçara e Identidade Cultural	Paulo Cesar Franco	2015	Oficinas de fandango caiçara como vivência de educação popular na Associação dos Jovens da Jureia- AJJ/Barra do Ribeira Iguape SP: reafirmando o potencial das comunidades tradicionalis caiçaras	Cartografar o território caiçara de Jureia, recolhendo e revelando elementos presentes no modo de vida destas comunidades tradicionalis principalmente a partir do fandango; Revisitar as experiências das oficinas de fandango realizadas na AJJ a partir de 2000, procurando registrar o histórico, a diversidade de saberes presentes nesta iniciativa comunitária e institucional; Revelar o potencial de resistência da cultura caiçara presente nestas experiências culturais e educativas em forma de educação popular.	Essas contribuições visam promover uma maior valorização e compreensão da cultura caiçara, fortalecendo a identidade local e oferecendo um modelo para a preservação e promoção de tradições culturais em contextos semelhantes
	Renata Castro Cardias Kawaguchi	2015	Identidade e hibridismo cultural: aspectos comunicacionais da cultura caiçara no Vale do Ribeira- SP	Apresentar as inter-relações entre comunicação e cultura, no âmbito das comunidades tradicionalis brasileiras, destacamos no presente estudo, aspectos comunicacionais de comunidades caiçaras	O trabalho consiste em reflexões à partir de pesquisa bibliográfica, em relação a configuração das identidades das comunidades do Vale do Ribeira- SP no atual contexto contemporâneo

				específicas do Estado de São Paulo	
	Gislene Angélica Conceição	2018	Identidade cultural e o sentimento de pertencimento	O projeto se propôs a construir formas de conectar conhecimento com os pilares educacionais: aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver	Reforçam a importância de uma abordagem pedagógica que seja ao mesmo tempo crítica, integrada e contextualizada, alinhando-se com os objetivos da pesquisa em educação
Políticas Culturais e Educação	Juan Ignacio Brizuela e José Márcio Barros	2015	Políticas Culturais e Território na América Latina: Diálogos conceituais entre Néstor García Canclini, Rodolfo Kusch e Milton Santos	Examinar e atualizar o conceito de políticas culturais de Néstor García Canclini, explorando suas evoluções e contextualizações ao longo do tempo	A pesquisa também busca dialogar com outros pensadores latino-americanos, como Rodolfo Kusch e Milton Santos, para relacionar as ideias da geocultura, território e políticas culturais
	Ricardo Albino Rambo	2016	Emancipação na perspectiva de Paulo Freire	Apresentar algumas ideias e conceitos, primeiramente sobre a Emancipação e, na continuidade, relacionar com a proposta freireana da educação libertadora	A discussão sobre emancipação e educação libertadora pode fornecer uma perspectiva teórica e prática valiosa para a pesquisa, ajudando a contextualizar e fundamentar a importância de integrar saberes populares no ensino e na prática pedagógica
	Silvana do Nascimento Silva e Carlos Frederico Bernardo	2020	As vozes de professores-pesquisadores do campo da educação ambiental sobre a	Categorizar as vozes de professores-pesquisadores do campo da educação	Essas contribuições são importantes para a pesquisa ao oferecer uma análise crítica e

	Loureiro		Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação Infantil ao Ensino Fundamental	ambiental sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por meio de entrevista semiestruturada e da análise textual discursiva das quais emergiram as seguintes categorias: interação, espaço e abordagens da BNCC, concepções sobre BNCC e educação ambiental na BNCC	detalhada sobre a integração da BNCC na educação ambiental, ajudando a entender melhor as práticas atuais e a planejar melhorias futuras
	Elenice de Paula e Jorge Luiz Zaluski	2022	Gênero, interseccionalidade e ensino de história. Práticas Educativas, Memórias e Oralidades	Investigar sobre as reverberações da Base Nacional Comum Curricular e no Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) para o ensino de história	Essas contribuições ajudam na compreensão das interações entre políticas curriculares e materiais didáticos, e podem orientar e enriquecer a pesquisa sobre a eficácia e os desafios na implementação das diretrizes da BNCC no ensino de história
Estado da Arte na Educação	Marcio Antonio Raiol dos Santos, Carlos Afonso Ferreira dos Santos, Nádia dos Santos Serique e Rafael Rodrigues Lima	2020	Estado da arte: aspectos históricos e fundamentos teórico-metodológicos	Discutir aspectos históricos, na expressão contemporânea no cenário científico e os fundamentos teórico-metodológicos do Estado da Arte (EA)	A partir de incursão em fontes bibliográficas de autores que se dedicam a seu estudo, buscamos traçar um panorama de como veio se constituindo, até a presente década, a produção em teses e dissertações que utilizaram o

					EA como modalidade de pesquisa, a fim de observar seu crescimento no meio acadêmico brasileiro em diferentes áreas do conhecimento e período históricos
	Anne Patrícia Pimentel Nascimento da Silva, Roberta Teixeira de Souza e Vera Maria Ramos de Vasconcellos	2020	O Estado da Arte ou o Estado do Conhecimento	Demarcar as congruências e as divergências das concepções apresentadas e explicitar os percursos delineados no processo de construção do conhecimento da área	Ajudam a contextualizar o trabalho, identificar áreas de interesse, e fornecer uma base teórica e prática para desenvolver e posicionar sua investigação dentro do campo da Educação Infantil
Práticas Pedagógicas e Educação	Tânia Mara Menezes Vieira	2021	Práticas circulares com Paulo Freire entre nós: escuta em diálogo do nós por nós para além da relação eu-tu	Discorrer que a escolha pela introdução e uso das Práticas Circulares como objeto de trabalho tem guarida na crença acerca da potência da tradição das práticas circulares orais do povo africano indígena	Prática circular pode ser entendida como uma ferramenta que contribui no processo de escuta grupal ou coletiva e promoção das conexões afetivas e emocionais intra e intersubjetivas, que compreende a formação de um espaço de escuta em que a expressão da linguagem verbal, gestual, mimética ou silenciosa podem se dar
História Local e Educação	Zara Vivekananda	2021	Sobre Paranaguá-PR	Apresentar as histórias de Paranaguá	Contribuiu para ampliar o conhecimento acerca da formação e desenvolvimento

					do setor educacional na Ilha dos Valadares
--	--	--	--	--	---

FONTE: A autora (2025).

A revisão de literatura seguiu uma organização em cinco categorias principais, a fim de estruturar a compreensão das temáticas abordadas na pesquisa. As categorias incluem: Educação Ambiental e Saberes Populares; Cultura Caiçara e Identidade Cultural; Políticas Culturais e Educação; Estado da Arte e Educação; e Práticas Pedagógicas e Educação.

A primeira categoria reúne estudos que analisam a relação entre educação ambiental e os saberes tradicionais. Pitano e Noal (2009) exploram a interdisciplinaridade na educação ambiental, incorporando teorias de Milton Santos e Paulo Freire. Xavier e Flôr (2015) discutem a integração dos saberes populares no ensino de ciências, promovendo uma abordagem mais inclusiva. Nascibem e Viveiro (2015) reforçam a necessidade de uma educação científica que reconheça os saberes das comunidades. Já Sarraff e Fagundes (2023) utilizam os Círculos Dialógicos Formativos para investigar a partilha dos saberes caiçaras no ambiente escolar, demonstrando a relevância da cultura popular na educação.

A segunda categoria, se deu sobre a identidade cultural caiçara e sua relação com a educação são abordadas por Franco (2015), que analisa oficinas de fandango como ferramenta de educação popular, e por Kawaguchi (2015), que discute o hibridismo cultural nas comunidades caiçaras do Vale do Ribeira. Conceição (2018) reforça a importância da conexão entre identidade e educação, enfatizando os pilares do aprendizado. Esses estudos destacam como as práticas culturais contribuem para o fortalecimento da identidade local e para o desenvolvimento educacional.

A terceira categoria, Brizuela e Barros (2015) analisam as políticas culturais na América Latina, dialogando com os conceitos de Néstor García Canclini e Milton Santos. Rambo (2016) explora a emancipação na perspectiva de Paulo Freire, conectando-a com a proposta da educação libertadora. Silva e Loureiro (2020) discutem a BNCC no contexto da educação ambiental, enquanto Paula e Zaluski (2022) investigam a influência das diretrizes curriculares no

ensino de História. Esses trabalhos contribuem para a compreensão das interações entre políticas culturais e práticas pedagógicas.

Na quarta categoria, os estudos de Santos *et al.* (2020) e Silva *et al.* (2020) abordam a metodologia do Estado da Arte, explorando seus aspectos históricos e teórico-metodológicos. Essas pesquisas fornecem uma base para a análise da produção acadêmica sobre educação, permitindo identificar tendências e lacunas no campo investigado.

A quinta categoria, Vieira (2021) discute as práticas circulares baseadas no pensamento de Paulo Freire, destacando sua importância para a promoção do diálogo e da escuta coletiva no ambiente escolar. Essa abordagem contribui para a construção de espaços educacionais mais participativos e democráticos.

Por fim, na sexta e última categoria Vivekananda (2021) apresenta um estudo sobre a história de Paranaguá, ampliando o conhecimento sobre o desenvolvimento educacional da Ilha dos Valadares e sua relevância para a pesquisa.

Diante desse contexto, é importante refletir se essa dificuldade está relacionada apenas à ausência de formação e materiais ou se a própria concepção epistemológica da BNCC, que se concentra em competências e habilidades gerais, contribui para a não valorização desses saberes populares. Como observam Silva e Souza (2020, p. 45), "a educação formal frequentemente ignora a riqueza dos saberes locais, levando a uma marginalização das culturas tradicionais em detrimento de uma abordagem universalista".

Nesse sentido, é fundamental que haja uma reavaliação das práticas pedagógicas e curriculares nas escolas, promovendo um diálogo mais efetivo entre saberes tradicionais e acadêmicos. Essa integração pode ser realizada por meio de ações que incentivem a valorização das culturas locais, como a inclusão de atividades que promovam o contato direto com os saberes e práticas caiçaras, além de um maior investimento em formação docente que aborde essas questões de forma crítica e reflexiva.

Assim, as lacunas identificadas na pesquisa indicam a necessidade de um trabalho colaborativo entre educadores, gestores e comunidades locais para garantir que os saberes populares caiçaras sejam efetivamente integrados ao

currículo escolar, contribuindo para uma educação mais inclusiva e representativa.

2.2 DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA IMPLEMENTAÇÃO DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) NO CONTEXTO BRASILEIRO

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um marco regulatório da educação brasileira estabelecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/1996, e pela Lei nº 13.005/2014, que institui o Plano Nacional de Educação (PNE). Essas legislações fornecem os fundamentos legais para a criação, implementação e revisão da BNCC, garantindo sua obrigatoriedade e orientando seu processo de elaboração. A BNCC é um documento que define os conhecimentos, competências e habilidades que todos os estudantes brasileiros devem desenvolver ao longo da educação básica, compreendendo a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio. De acordo com a BNCC (2016):

O presente documento, fruto de amplo processo de debate e negociação com diferentes atores do campo educacional e com a sociedade brasileira em geral, apresenta os Direitos e Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento que devem orientar a elaboração de currículos para as diferentes etapas de escolarização. Apresenta-se, aqui, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a Educação Básica (BNCC, 2016, p. 24).

“Para o Ministério da Educação (MEC), o que deve nortear um projeto de nação é a formação humana integral e uma educação de qualidade social (BNCC, 2016, p. 24)”. Ainda, o documento é guiado pelo princípio fundamental que assegura o direito de todos os estudantes à aprendizagem e ao desenvolvimento, pois, de acordo com a BNCC (2016, p. 24), “A BNCC, cuja finalidade é orientar os sistemas na elaboração de suas propostas curriculares, tem como fundamento o direito à aprendizagem e ao desenvolvimento, em conformidade com o que preceituam o Plano Nacional de Educação (PNE) e a Conferência Nacional de Educação (CONAE)”.

Para isso, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (DCNEB) e a própria Lei de Diretrizes e Bases da

Educação Nacional (LDB), entende-se a Base Nacional Comum Curricular como:

[...] os conhecimentos, saberes e valores produzidos culturalmente, expressos nas políticas públicas e que são gerados nas instituições produtoras do conhecimento científico e tecnológico; no mundo do trabalho; no desenvolvimento das linguagens; nas atividades desportivas e corporais; na produção artística; nas formas diversas de exercício da cidadania; nos movimentos sociais (Parecer CNE/CEB nº 07/2010, p. 31).

Diante desse contexto, a definição da BNCC destaca sua natureza como ampla e abrangente, ressaltando a importância dos saberes culturais, os valores sociais e as práticas presentes em diferentes esferas da sociedade. Isso reflete a compreensão de que a educação não se limita ao ambiente escolar, mas está relacionada intrinsecamente com a vida, as tradições, a vivência e a cultura de uma sociedade como um todo.

No entanto, é importante questionar se essa intencionalidade está realmente presente na listagem de competências e habilidades a serem desenvolvidas. Embora a BNCC mencione a valorização da diversidade cultural e da pluralidade, na prática, muitas das competências e habilidades elencadas no documento são voltadas para uma formação técnica e padronizada. Isso pode acabar limitando a inclusão efetiva de saberes específicos e tradicionais, como os saberes populares caiçaras, que ficam à margem do currículo oficial, visto que a BNCC adota uma perspectiva voltada para a globalização e as demandas do mercado de trabalho. Portanto, o CNE (2010):

A educação, compreendida como direito humano, individual e coletivo, habilita para o exercício de outros direitos, e capacita ao pleno exercício da cidadania. “A educação é, pois, processo e prática que se concretizam nas relações sociais que transcendem o espaço e o tempo escolares, tendo em vista os diferentes sujeitos que a demandam” (Parecer CNE/CEB nº 07/2010, p. 16).

Sendo assim, os movimentos sociais têm um papel fundamental para que a BNCC seja mais equitativa e atenda às necessidades e realidades diversas. Isso corrobora para a pluralidade da sociedade e garanta oportunidades dignas para os estudantes, assim como cita a BNCC (2016):

Os movimentos sociais têm importante papel na definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento que fundamentam a elaboração da BNCC. O Parecer CNE/CEB nº 11/2010, elaborado pela Câmara de Educação Básica (CEB) do Conselho Nacional de Educação, explicitou a importância dos movimentos sociais para o respeito e a consideração às diferenças entre os sujeitos que fazem parte da sociedade, assegurando lugar à sua expressão (BNCC, 2016, p. 27).

Segundo a BNCC (2016, p. 28), “nesse sentido, para que a inclusão social se efetive, é fundamental a incorporação, aos documentos curriculares, de narrativas dos grupos historicamente excluídos, de modo que se contemple, nas políticas públicas educacionais, a diversidade humana, social, cultural, econômica da sociedade brasileira, tendo em vista a superação de discriminações”. Tendo em vista isto, é crucial que os documentos educacionais incorporem as vivências e visões de grupos que historicamente fazem parte das tradições culturais, de modo com que abranjam a variedade cultural, social, econômica e educacional, buscando assegurar uma educação de qualidade, promovendo a equidade e a igualdade de oportunidades para todos os alunos, independentemente de sua origem, condição social ou localidade.

Em conformidade, existem os “Temas Especiais” na BNCC, que servem para conectar os diferentes assuntos dentro de uma mesma área de estudo e entre as diversas áreas dos saberes do currículo escolar, sendo temas sobre as questões fundamentais para a vida e para a construção de sua identidade. Assim, a BNCC (2016):

Os Temas Especiais permitem estabelecer a integração entre os componentes curriculares de uma mesma área do conhecimento e entre as diferentes áreas que organizam a Educação Básica, no contexto da BNCC. Esses temas dizem respeito a questões que atravessam as experiências dos sujeitos em seus contextos de vida e atuação e que, portanto, intervêm em seus processos de construção de identidade e no modo como interagem com outros sujeitos e com o ambiente, posicionando-se ética e criticamente sobre e no mundo (BNCC, 2016, p. 47).

Segundo a BNCC (2016, p. 48), “Os Temas Especiais, de natureza multidisciplinar, perpassam os objetivos de aprendizagem de diversos componentes curriculares, nas diferentes etapas da Educação Básica”. Pois, ajudam os estudantes a pensarem de maneira crítica sobre o mundo e sobre si mesmos. Pois, a BNCC (2016):

Todos esses marcos legais apontam para uma necessária reorganização do currículo, ampliando a possibilidade de os estudantes compreenderem que esses temas se relacionam a todas as áreas do conhecimento e têm relevância social porque contribuem para a reflexão sobre a organização da sociedade brasileira e para o debate sobre direitos inerentes ao exercício da cidadania (BNCC, 2016, p. 48).

Baseado na BNCC (2016):

Considerando critérios de relevância e pertinência sociais, bem como os marcos legais vigentes, a Base Nacional Comum Curricular trata, no âmbito dos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento dos diferentes componentes curriculares, dos seguintes Temas Especiais: Economia, educação financeira e sustentabilidade; Culturas indígenas e africanas; Culturas digitais e computação; Direitos humanos e cidadania; Educação ambiental (BNCC, 2016, p. 48-49).

Os Temas Especiais da BNCC abrangem diversas disciplinas ao longo da Educação Básica, promovendo uma abordagem interdisciplinar do conhecimento. A BNCC destaca temas como Economia, Educação Financeira, Sustentabilidade, Culturas Indígenas e Africanas, Culturas Digitais e Computação, Direitos Humanos e Cidadania, e Educação Ambiental, integrando-os aos objetivos de aprendizagem. No entanto, essa estrutura apresenta um desafio significativo: a BNCC não parte dos conhecimentos populares e locais. Ao invés disso, impõe uma lógica epistemológica externa e padronizada, forçando o/a docente a seguir uma listagem padrão de competências e habilidades, buscando apenas ilustrar esses temas com o contexto local. Como afirmam Freire (2018, p. 45) e Silva (2020, p. 102), essa abordagem limita a valorização efetiva dos saberes populares e tradicionais das comunidades, pois a integração dos saberes locais não é um ponto de partida, mas sim uma adaptação que deve ser realizada a partir das competências estabelecidas.

Embora a BNCC tenha o propósito de preparar os estudantes para compreender e participar ativamente da vida em sociedade, essa preparação ocorre dentro de uma estrutura de conhecimentos predefinidos. Essa estrutura nem sempre dialoga com as realidades locais e os saberes culturais essenciais para muitas comunidades, como discutido por Souza (2019, p. 78) e Oliveira (2021, p. 34).

A BNCC representa um marco na regulação da educação brasileira, fornecendo diretrizes, porém, ela estabelece o que deve ser ensinado.

Fundamentada por leis como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e o Plano Nacional de Educação (PNE), a BNCC garante sua obrigatoriedade e alinhamento com os objetivos educacionais nacionais. A inclusão de Temas Especiais na BNCC reflete a interdisciplinaridade e a relevância social do currículo, abordando questões para a compreensão ampla da sociedade brasileira, em teoria, a BNCC visa garantir uma educação equitativa e inclusiva, reconhecendo e valorizando a diversidade do país, promovendo o desenvolvimento integral dos alunos e fortalecendo a democracia e a cidadania.

A contradição na BNCC pode ser vista ao se estabelecer um currículo fixo que deve ser seguido por todas as escolas, independentemente de sua localização e contexto cultural. Embora o documento apresente uma defesa da educação de qualidade, integrando temas importantes como a sustentabilidade, as culturas ancestrais, e os direitos humanos, o currículo padronizado caracteriza um sistema vertical e imposto, o que gera desafios para a valorização de saberes locais e tradicionais.

A BNCC propõe-se a assegurar uma base comum de aprendizagem e desenvolvimento para todos os estudantes, o que poderia, em tese, ser um avanço no sentido de garantir equidade. Contudo, ao adotar uma lógica impositiva e prescritiva, o documento força o/a docente a partir de uma lista padrão de competências e habilidades, muitas vezes desconsiderando os conhecimentos populares e as especificidades de cada comunidade. Isso cria um paradoxo: enquanto busca uniformizar o aprendizado, a BNCC negligencia a riqueza e a diversidade cultural presentes nas diferentes regiões do Brasil.

Portanto, é necessário um posicionamento claro em relação à BNCC. Defendo que é fundamental garantir uma educação de qualidade para todos, mas isso deve ser feito a partir de uma abordagem que valorize os contextos locais e os saberes populares. A crítica central está no fato de que a BNCC impõe um currículo rígido, onde a validade está no prescrito e não na realidade vivida pelas comunidades. Esse modelo, ao padronizar o ensino, deixa de promover uma verdadeira integração entre o saber técnico e o conhecimento

cultural, impondo uma lógica que não dialoga com as vivências e tradições das comunidades, como as caiçaras.

Por mais que a BNCC seja um marco regulatório para a educação brasileira, algumas controvérsias podem ser levantadas em relação à sua implementação e eficácia. Um dos principais pontos de crítica é o conflito inerente à própria estrutura da BNCC, que, ao mesmo tempo em que define um conjunto de conhecimentos como essenciais, também estabelece o que deve ou não ser ensinado. Esse dilema é abordado por Macedo (2016) *apud* Silva e Loureiro (2020), ao destacar que:

[...] reforça ainda mais as críticas sobre a produção da BNCC no que diz respeito ao conflito que existe em, de um lado, listar um conjunto de conhecimentos como essenciais, e do outro, definir o que não pode ser ensinado. Na visão da autora, a [...] descrição dos conteúdos é suplementada por uma listagem dos padrões de aprendizagem a serem atingidos [...] (Macedo, 2016, p. 54 *apud* Silva; Loureiro, 2020, p. 2).

Essa visão crítica aponta para o fato de que, ao definir padrões rígidos de aprendizagem, a BNCC acaba limitando a flexibilidade curricular e a autonomia pedagógica, restringindo o espaço para a inclusão de saberes locais e populares nas práticas escolares.

Outro ponto a se considerar, é que na BNCC, a Educação Ambiental (EA) não é tratada em um capítulo específico, pois ela é vista de maneira integrada como um dos Temas Especiais que permeiam os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento ao longo de toda a Educação Básica. Segundo Silva e Loureiro (2020, p. 3), “as versões da BNCC não abordam a EA de forma crítica e com profundidade sobre as abordagens socioambientais. O que leva a um total silenciamento do que é discutido e produzido pelo campo no Brasil”. Isso significa que, ao mesmo tempo que a abordagem da EA é tratada como um Tema Especial na BNCC e oferece benefícios em termos de integração curricular e flexibilidade, não levanta as questões sobre o aprofundamento da abordagem, gerando o risco de silenciamento das perspectivas críticas.

Ainda, Venco e Carneiro (2018) *apud* Silva e Loureiro (2020) destacam que:

[...] por meio da política pública da BNCC “o Brasil opta, seguindo sua tradição, por uma educação submissa aos países centrais e permanece se inscrevendo subalternamente na divisão internacional do trabalho”. Isso fica bem claro quando associamos a Emenda Constitucional (EC) 95, que acarreta a desobrigação do Estado de investir no campo da Educação, por exemplo, pautando-se pela concepção política do Estado mínimo” (Venco; Carneiro, 2018, p. 7 *apud* Silva; Loureiro, 2020, p. 3).

“Nessa concepção o Estado trata direitos sociais como serviços, e setores privados se movem para o interior dos espaços educacionais públicos, legitimando, via Estado, políticas privatistas (Silva; Loureiro, 2020, p. 3)”. Com isso, os autores dizem que ao adotar a BNCC, o país está seguindo uma tradição em que nossa educação é influenciada pelos interesses dos países mais ricos, em vez de ser baseada em nossas próprias necessidades, pois a emenda EC 95, limita os gastos do governo, incluindo a educação, podendo assim, estar nos tornando mais dependentes dos países ricos e prejudicando nossa capacidade de tomar decisões importantes sobre nossa própria educação e desenvolvimento.

Além disso, há preocupações sobre a sobrecarga de temas e objetivos de aprendizagem na BNCC, segundo Paula e Zaluski (2022, p. 7), “a sobrecarga de conteúdos indicados pela BNCC destoa da realidade escolar”. De acordo com os autores, a quantidade de conteúdo proposta pela BNCC é muito densa em relação à capacidade real das escolas, podendo assim, apresentar uma carga curricular excessiva ao tempo disponível na instituição, podendo resultar em dificuldades dos educandos em implementar a BNCC na *práxis*.

Pois, assim como cita Paula e Zaluski (2022, p. 8), “como currículo oficial a BNCC age de forma a reconfigurar toda a distribuição dos conteúdos de cada área”. Assim, a BNCC, como currículo oficial, tem o poder de reorganizar a distribuição de conteúdo em cada área do ensino, afetando diretamente a escola como um todo.

Por fim, embora a BNCC seja um documento relevante na regulamentação do sistema educacional brasileiro, estabelecendo diretrizes para os currículos em todo o território nacional, ela apresenta sérios desafios quando analisada à luz da cultura e da educação popular. Apesar de seu discurso em torno de equidade, inclusão e formação integral, a BNCC acaba por reforçar

uma agenda uniformizadora e prescritiva, que desvaloriza saberes locais e populares, como os das comunidades caiçaras.

Além disso, também existe o Referencial Curricular do Paraná (RCP), que é um documento elaborado para auxiliar na implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no estado do Paraná, onde o foco é garantir a articulação entre as diretrizes nacionais e as especificidades regionais:

O Referencial Curricular do Paraná apresenta-se como um documento orientador para a elaboração das propostas pedagógicas das instituições de ensino, considerando a BNCC como fundamento e respeitando as especificidades históricas, culturais e sociais do estado. Busca-se, assim, garantir a equidade na aprendizagem e no desenvolvimento integral dos estudantes, alinhando-se às políticas educacionais nacionais e estaduais (Referencial Curricular do Paraná, 2019, p. 3).

Assim, o RPC orienta nos diversos níveis de ensino:

Na Educação Infantil:

O referencial enfatiza os eixos norteadores de interações e brincadeiras, articulando-os com os campos de experiências propostos pela BNCC, valorizando as vivências das crianças em seus contextos culturais e sociais. No Ensino Fundamental, busca-se minimizar a fragmentação dos conhecimentos e garantir um percurso contínuo de aprendizagem, propondo unidades temáticas que se relacionam entre si e recebem ênfases diferentes de acordo com o ano de escolarização (Referencial Curricular do Paraná, 2019, p. 4).

No Ensino Médio:

O referencial curricular está alinhado com o Novo Ensino Médio e a BNCC, estruturando-se em áreas do conhecimento e itinerários formativos que possibilitam ao estudante a construção de um percurso mais flexível e conectado com seus interesses e projetos de vida, promovendo o desenvolvimento integral e o pensamento crítico (Referencial Curricular do Paraná, 2019, p. 29).

Já a Educação de Jovens e Adultos (EJA):

É contemplada com a compreensão de que os sujeitos desse ensino possuem histórias, experiências e saberes acumulados ao longo da vida, devendo o currículo respeitar essas trajetórias e promover uma formação cidadã, crítica e emancipadora (Referencial Curricular do Paraná, 2019, p. 17).

A Educação Especial:

É abordada a partir do princípio da inclusão, garantindo a todos os estudantes o acesso, a permanência e a participação no ensino regular, com adaptações curriculares, recursos de acessibilidade e estratégias pedagógicas que respeitem as singularidades dos educandos, promovendo uma educação equitativa e de qualidade (Referencial Curricular do Paraná, 2019, p. 35).

Porém, embora o RCP busque alinhar-se à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e atender às especificidades regionais, algumas análises apontam limitações em sua abordagem.

Segundo Rossetto e Castro (2022, p. 44):

Ao analisarmos o Referencial Curricular do Paraná, (parece-nos que esse documento não se preocupa em articular a prática pedagógica no viés do desenvolvimento do gênero humano em sua forma consciente, haja vista que a teoria não se inclui na prática e vice-versa. A prática pedagógica é efetivada sem o conhecimento teórico, isso quer dizer que o conteúdo não amparado pela práxis se torna vazio de intencionalidade. O conteúdo que não direciona o sujeito às possibilidades da formação dos conceitos científicos e a uma concepção crítica da sociedade onde está inserido não contempla o processo de humanização.

Além disso, as autoras argumentam que:

O referido Referencial Curricular, fundamentado em teorias neoliberais, é composto e gestado por representantes de Secretarias que estão a serviço do poder, por isso, a não preocupação com a construção de um currículo que valorize a efetivação da práxis com o objetivo de que essa seja elemento na desconstrução da alienação (Rossetto; Castro, 2022, p. 44).

Durante a discussão da BNCC e RCP, é fundamental lembrar que o contraponto é justamente a valorização da cultura popular, expressa aqui pela cultura caiçara. Nesse sentido, a verdadeira transformação educacional passa por estratégias que fomentem o diálogo e a colaboração entre os diversos atores envolvidos na educação, como governos, instituições de ensino, organizações da sociedade civil e as próprias comunidades. Só assim será possível construir uma abordagem educativa emancipatória, que respeite e valorize os saberes locais, promovendo a formação de sujeitos críticos e engajados com suas culturas e territórios.

2.3 MARIA SIQUEIRA DAMASCENO E A EDUCAÇÃO CAIÇARA, CULTURA POPULAR E IDENTIDADE CULTURAL

FIGURA 1 – DONA MARIA SIQUEIRA DAMASCENO SENTADA NA SUA TRADICIONAL POLTRONA DE FRENTE PARA SUA JANELA.



FONTE: Rafael Damasceno de Araújo (2020).

Maria Siqueira Damasceno (FIGURA 1), é uma figura central e inspiradora, cujas memórias e histórias remetem a tradição caiçara da Ilha dos Valadares, pois, segundo Franco (2015, p. 68), apesar de permanecer fora do avanço intelectual do país, o modo de vida caiçara oferece uma variedade de conhecimentos e valores que devem ser reconhecidos e apreciados. Ainda, para Sarraff e Fagundes (2023):

Os movimentos de cultura populares ligadas ao cotidiano de homens e mulheres da comunidade da Ilha dos Valadares na cidade de Paranaguá compõem um conjunto de conhecimentos que se apresentam em traços singulares encontrados nas movimentações dessa população em torno de um território identificado como caiçara (Sarraff; Fagundes, 2023, p. 21250).

Essas características caiçaras não estão exclusivamente associadas a atividades específicas, como a pesca, mas refletem o cotidiano e a vivência das pessoas que se identificam como caiçaras. A identidade caiçara vai além das ocupações e se expressa na forma como essas pessoas vivem e interagem com sua comunidade tradicional. Assim, uma pessoa caiçara pode exercer diversas profissões e até mesmo sair de seu território, mas sua conexão com as raízes caiçaras permanece presente, independentemente das mudanças em sua trajetória. Nesse sentido, Kawaguchi (2015) de forma

contextualizada cita sobre a formação da identidade caiçara como resultado da miscigenação:

A formação da identidade caiçara é híbrida, fruto da miscigenação entre portugueses, índios e negros acompanha a ocupação litorânea e desenvolvimento econômico nas regiões sul e sudeste e possui como características a combinação da agricultura de subsistência, baseada na mandioca, com a pesca. O termo caiçara tem origem no vocábulo Tupi- Guarani caá-içara, que era utilizado para denominar as estacas colocadas em torno das tabas ou aldeias, e o curral feito de galhos de árvores fincados na água para cercar o peixe (Kawaguchi, 2015, p.12).

À vista disso:

A cultura caiçara é aqui definida como um conjunto de valores, visões de mundo, práticas cognitivas e símbolos compartilhados, que orientamos indivíduos em suas relações com a natureza e com os outros membros da sociedade e que se expressam também em produtos materiais (tipo de moradia, embarcação, instrumentos de trabalho) e não materiais (linguagem, música, dança e rituais religiosos. (...)) (Diegues, 2004, p.22 *apud* Kawaguchi 2015, p.12-13).

Maria conservou a cultura caiçara e transmitiu-a aos demais membros da comunidade da Ilha dos Valadares, reforçando sua identidade cultural e sua conexão com o ambiente em que vivia. Muitas dessas histórias foram compartilhadas por ela e algumas foram vivenciadas diretamente pela autora deste trabalho.

Nascida no município de Guaraqueçaba no ano de 1934, mais precisamente na região próxima ao Canal do Varadouro, na divisa entre Paraná em São Paulo. Maria, teve sua primeira infância feliz e digna até a morte prematura de seus pais, o que a forçou, junto aos seus irmãos, a se mudar para Paranaguá e enfrentar uma vida desafiadora, que separou a sua família, pois, os meninos foram para casa de alguns parentes e as meninas foram para casa de seus padrinhos, que residiam na Rua XV de Novembro em Paranaguá. Assim, Maria, a caçula entre suas irmãs, foi morar em uma residência que pertencia a uma nobre família de árabes. Em troca de moradia, comida e vestes, Maria trabalhou como empregada doméstica aos 6 anos de idade, demonstrando desde muito cedo, sua coragem para enfrentar a dureza da vida.

Apesar das adversidades, Maria não apenas sobreviveu, mas também, conseguiu prosperar, aprendendo a ler e escrever em casa, junto com suas irmãs mais velhas, além disso, sabia algumas palavras em árabe e em latim, pois na época, meados de 1940, frequentava a Missa na Catedral Diocesana Nossa Senhora do Rosário, que era rezada em latim. Podemos dizer, que Maria, além de tudo, foi uma autodidata, adquirindo conhecimentos práticos e desenvolvendo algumas habilidades culinárias e artesanais que no futuro, se tornaria uma marca em sua vida.

A fase em que Maria viveu na casa de seus padrinhos e trabalhou como doméstica chegou ao fim por volta de 1950, quando conheceu e se casou com Jurandir Damasceno. Dessa união nasceram oito filhos: Terezinha do Rocio, Geruza de Fátima, Luiz César, Edmilson, Marisa, Josemar, Jucimari e Lúcia Helena. Maria dedicou sua vida à criação dos filhos, com o sonho de proporcionar-lhes uma educação que ela mesma não teve oportunidade de receber.

Logo após o casamento, Maria, seu marido e os filhos mais velhos mudaram-se para a Prainha Ponta de Ubá, uma localidade afastada do centro do município de Paranaguá. Apesar da distância e das dificuldades, Maria não mediu esforços para garantir a formação acadêmica de seus filhos. Diariamente, remava em uma canoa até o centro da cidade para que pudessem frequentar a escola.

Essa determinação ressoa no que Sarraff e Fagundes (2023, p. 21250) descrevem como uma valorização dos saberes e fazeres historicamente ligados à terra e ao mar, constituindo “uma rica combinação de manifestações”. Inspirados pelo exemplo de Maria, os filhos obtiveram formações acadêmicas em áreas como Magistério, Pedagogia, Administração, Música e Dança.

O incentivo e o compromisso de Maria com a educação resultaram em uma contribuição para a comunidade. De seus oito filhos, cinco trabalharam em escolas, perpetuando o legado de Maria como defensora da educação. Atualmente, três de suas filhas continuam lecionando em instituições de ensino na Ilha dos Valadares, reafirmando o impacto do esforço e da dedicação de Maria em suas vidas e na história local.

A paixão de Maria pela culinária e sua habilidade em criar pratos deliciosos, fizeram dela uma figura querida na comunidade, onde trabalhou como merendeira, na antiga Escola Mista de Valadares. Segundo Guadalupe Vivekananda do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá (IHGP, 2017):

A Escola Mista de Valadares, que em 1953 passou a chamar-se Grupo Escolar Valadares. Comenta ainda que, inicialmente, a professora Cidália dava aula em salas de casas de famílias, depois foi construída uma instalação de madeira para ser destinada à escola. Em 1967 o Grupo Escolar Valadares recebeu o nome de Escola Estadual Cidália Rebello Gomes (Vivekananda - IHGP, 2017).

Assim, Maria foi convidada pela patrona da escola, Cidália, para fazer parte da equipe de funcionários da escola, uma vez que ela procurava por moradores locais. Então, em 1962, Maria foi registrada como trabalhadora da escola, onde teve o privilégio de conhecer e conviver com Cidália, uma pessoa que deixou uma marca importante em sua vida e na vida da comunidade. Pois, de acordo com Guadalupe Vivekananda do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá (IHGP, 2017):

A professora Cidália nasceu em Paranaguá em 21/06/1893 e faleceu também em Paranaguá em 04/05/1966. Era filha de Antonio Gonçalves Rebelo e de Maria Pereira Rebelo. Casou em 14/04/1920 com Vicente de Paula Gomes e tiveram seis filhos, nem todos sobreviveram, apenas Dorah e Dagmar, no entanto, a professora Cidália tinha muitos filhos do coração, pois costumava abrigar aqueles que desejavam estudar, oriundos de outras localidades (Vivekananda - IHGP, 2017).

Nesse sentido, Franco (2015), cita que:

Por estarem isoladas, as comunidades caiçaras não dispunham de nenhuma escola formal e quem se interessava pelo aprendizado das contas, das letras e da leitura, procurava, por si próprio, alguém que voluntariamente ensinasse a alfabetização (Franco, 2015, p. 51).

De certa forma, Cidália serviu de inspiração para muitas pessoas, por ter acreditado na educação, uma vez que “dedicou-se muito aos estudos e em 1936 concluiu o Curso Normal em Paranaguá. Aposentou-se em 1963 com 42 anos de serviço, destes, 37 dedicados à comunidade da Ilha dos Valadares” (Vivekananda - IHGP, 2017). Ainda, Guadalupe Vivekananda do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá (IHGP, 2017), complementa:

Era uma pessoa dedicada e destemida, pois iniciou sua carreira na comunidade do Saco do Tambarutaca e depois foi trabalhar em Valadares, que eram lugares difíceis de chegar. Mesmo que as condições do tempo não fossem favoráveis lá estava Cidália trabalhando. Extrapolava suas funções, pois dedicava-se de corpo e alma a outras necessidades da comunidade de Valadares (Vivekananda - IHGP, 2017).

Cidália certamente foi uma pessoa compromissada e sua carreira foi dedicada aos locais tradicionais e caiçaras, demonstrando um cuidado com o bem-estar local, assim como Maria, pois não só preparava refeições, mas também cuidava e zelava pela escola, ganhando o respeito e a admiração de muitas pessoas da comunidade da Ilha dos Valadares, prestando serviço até o ano de 1989.

Maria, era mais do que uma prestadora de serviço público, era uma fonte de sabedoria, suas histórias e ensinamentos, inspiraram a visão de mundo dos seus familiares, transmitindo valores fundamentais como a importância da educação, a resiliência diante das dificuldades e o amor pela comunidade. A casa de Maria, um refúgio de paz e acolhimento, era um lugar onde tradições eram mantidas vivas e onde cada visitante se sentia bem-vindo e acolhido. Assim, Kawaguchi (2015), explana que:

É importante salientar que as diferentes manifestações culturais pautadas na tradição não sejam imutáveis e ou estagnadas. A tradição que está inerente ao conceito de cultura pode no decorrer de sua trajetória adaptar-se e reorganizar-se em um contexto globalizado, promovendo continuamente um processo de hibridação (Kawaguchi, 2015, p. 9).

Maria preservava as tradições culturais, como histórias locais, lendas e receitas culinárias, que são parte integrante da cultura popular caiçara. Ao ensinar seus familiares e outros membros da comunidade, Maria ajudou a manter vivas essas práticas culturais, contribuindo para que as mesmas não sejam apagadas pelo tempo. Pois, ainda de acordo com Kawaguchi (2015):

Os povos e comunidades tradicionais têm vivido uma situação de agravamento em relação às possibilidades de permanência e controle de seus territórios, constantemente são ameaçadas por pecuaristas, incorporações imobiliárias ou até mesmo o autoritarismo ambiental por parte do Estado. Assegurar o acesso ao território significa para esses povos e comunidades manter vivos a memória, as práticas sociais, os

sistemas de classificação e de manejo dos recursos, os sistemas produtivos, os modos de distribuição e consumo da produção, além de elementos simbólicos essenciais à sua identidade cultural (Kawaguchi, 2015, p. 10).

Mesmo enfrentando problemas de saúde, como câncer de mama e de útero, Maria manteve sua fé e força, tornando-se um exemplo de coragem para sua família e para a comunidade. Sua vida, marcada por lutas e superações, deixou um legado que continua a influenciar e inspirar todos que tiveram o privilégio de conhecê-la. Maria Siqueira Damasceno é, portanto, uma mulher de grande sabedoria, força e fé, cuja vida e legado continuam a ser celebrados e lembrados através das memórias de sua bisneta Geovana e da comunidade da Ilha dos Valadares. Sua história é um testemunho da resiliência humana e do impacto duradouro que uma pessoa pode ter em sua família e em sua comunidade. A história de Maria Siqueira Damasceno e sua relação com a identidade cultural é rica e multifacetada, refletindo a profundidade das tradições e dos valores da comunidade da Ilha dos Valadares.

Nesse sentido, há uma necessidade de introduzir o pensamento complexo na educação, integrando de forma criativa e transdisciplinar diferentes áreas de conhecimento, bem como os saberes populares, repassados de geração em geração, pois de acordo com Conceição (2018):

[...] conscientes que o pensamento complexo é um paradigma emergente e, diante da urgência da construção desse cidadão com consciência planetária faz-se premente que no chão da escola, em nossa cotidianidade, de maneira prática, todavia sem determinismo reducionista, construir algumas formas de religar o conhecimento, através de uma proposta educativa transdisciplinar e criativa. Essa concepção contextualiza no mundo o objeto de conhecimento e o sujeito que aprende, auxiliando no sentimento de pertença a esse planeta (Conceição, 2018, p. 107).

Considerando a trajetória de Maria e o objetivo declarado da BNCC de formar cidadãos com sensibilidade ambiental e uma visão global, que se sintam integrados ao mundo, surgem questionamentos sobre a eficácia da Base em alcançar essa meta. Embora ela aspire a cultivar uma consciência ecológica e uma perspectiva holística, a estrutura do documento parece se

concentrar mais na padronização curricular do que na promoção de uma educação que realmente transcenda essas diretrizes.

A BNCC, com sua lógica prescritiva, foca mais em competências e habilidades formatadas por uma visão tecnicista do ensino, o que dificulta a criação de uma verdadeira conexão entre o macrocosmo (o mundo global) e o microcosmo (as realidades locais). Em vez de valorizar as múltiplas formas de conhecimento, como os saberes populares caiçaras, ela tende a sobrepor uma única narrativa globalizada, que desconsidera as especificidades regionais e culturais.

O Brasil como um todo, devido à sua história e diversidade cultural, possui uma riqueza de crenças, culturas e formas de expressão em cada comunidade. Cada uma dessas comunidades é única e possui características distintas, moldadas por suas tradições e experiências próprias, de acordo com Xavier e Flôr (2015):

Vivemos em um país que, devido à sua própria história, apresenta uma diversidade enorme de crenças, culturas e formas de expressão, o que torna cada comunidade única, com características próprias. Acreditamos que essas especificidades precisam ser consideradas na prática educacional local que deve, portanto, valorizar e resgatar os saberes vindos da sociedade e que os estudantes trazem consigo, fruto de sua vivência (Xavier; Flôr, 2015, p. 310).

Maria, com sua sabedoria prática e os conhecimentos que aprendeu ao longo de sua vida, mostra como as experiências pessoais e os conhecimentos tradicionais podem ser essenciais para a educação. Ela preservou as tradições caiçaras e enriqueceu a vida de sua comunidade com conhecimentos fora dos livros didáticos ao ensinar a sua família sobre cultivo da terra, culinária e artesanato. Sua influência na escola mostra como a educação pode ser melhorada agregando conhecimento local e comunitário e criando um ambiente de aprendizado inclusivo e respeitoso. Ainda, Xavier e Flôr (2015), complementam:

[...] consideramos os saberes populares como um conjunto de conhecimentos elaborados por pequenos grupos (famílias, comunidades), fundamentados em experiências ou em crenças e superstições, e transmitidos de um indivíduo para outro, principalmente por meio da linguagem oral e dos gestos (Xavier; Flôr, 2015, p. 310).

Portanto, o microcosmo da vida de Maria Siqueira Damasceno reflete a educação caiçara, a cultura popular e a identidade cultural da Ilha dos Valadares, diante desses aspectos, existe um paradigma entre o conhecimento científico e o saber popular. Assim, Nascibem e Vivero (2015), explicam que:

O conhecimento científico é definido na literatura a partir de diferentes perspectivas. São considerados científicos os conhecimentos produzidos por instituições científicas, de pesquisa, e que seguem rígidos métodos para lhe atribuir confiabilidade e lhe diferir dos conhecimentos não científicos. Têm como objetivo explicar os fenômenos da natureza, da sociedade, etc., e baseia-se em problemas de pesquisa muito bem definidos e que são esmiuçados seguindo metodologias e processos na busca de resultados para o problema inicial (Nascibem; Vivero, 2015, p. 288).

Ambos, ainda completam que, “os saberes populares, por sua vez, são aqueles que as pessoas possuem acumulados durante sua vida e servem para explicar e compreender aquilo que as cerca” (Nascibem e Vivero, 2015, p. 289).

Nesse sentido, o saber popular, como o de Maria, é formado pela experiência prática, pela tradição cultural e pela observação direta. Ele é vivido e transmitido oralmente, carregando uma profunda conexão com o ambiente e a cultura local. Por outro lado, o conhecimento científico busca um certo rigor, objetividade e universalidade, utilizando métodos formais e validação sistemática.

Para que essa integração ocorra, é necessário um diálogo, onde o saber popular seja reconhecido como válido e relevante, contribuindo para um conhecimento emancipatório. Esse é um desafio no contexto educacional, especialmente quando lidamos com currículos como o da BNCC, que tendem a priorizar o conhecimento científico em detrimento dos saberes tradicionais. A valorização e a integração dos saberes populares, como os da comunidade caiçara, podem enriquecer o processo educativo, formando cidadãos mais conectados com suas raízes e mais críticos em relação às complexidades do mundo globalizado.

Assim, a história de Maria na sua comunidade mostra como os saberes populares são transmitidos e preservados, como a comunidade se ajuda umas com as outras e como a identidade cultural é fortalecida pelas

atividades diárias, pois “esses conhecimentos não possuem o mesmo rigor e nem sempre trazem a pretendida veracidade científica, mas carregam enorme riqueza cultural e de experiência de vida” (Nascibem e Vivero, 2015, p. 289).

Em suma, Maria Siqueira Damasceno nos mostra com sua história como o conhecimento científico pode ser complementado pelos saberes populares coletados ao longo da vida e do trabalho e serviço à comunidade local. Maria ajudou os estudantes não apenas fisicamente com sua arte de cozinhar, mas também valorizou e integrou seus saberes populares ao ambiente educacional. Nesse sentido, para Nascibem e Vivero (2015):

Associados a conhecimentos adquiridos à luz da experiência em anos de trabalho e de vida, e sendo parte da cultura do indivíduo e de um grupo social, os saberes populares podem trazer grandes contribuições se forem estabelecidos diálogos com os conhecimentos científicos. Este processo pode ocasionar muitas determinações interessantes e novos caminhos para ciência, por um lado, e valorização daqueles que produzem e detêm os saberes populares, por outro. Na escola, essa articulação é especialmente interessante e necessária (Nascibem e Vivero, 2015, p. 290).

Tudo isso, implica um pensamento emancipatório, capaz de moldar e empoderar as comunidades locais para que suas práticas, tradições e senso de comunidade e o sentimento de pertencimento permaneçam vivos.

2.4 CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE, CARLOS RODRIGUES BRANDÃO E MILTON SANTOS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO, CULTURA E TRADIÇÃO

Maria Siqueira Damasceno, com sua valorização dos saberes caiçaras, exemplifica na prática as reflexões de Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão e Milton Santos sobre educação, cultura e tradição. Freire (1987) defende o diálogo e os saberes locais, Brandão (1985) valoriza a educação popular como resistência cultural, e Santos (1996) destaca o espaço como construção de cidadania. Juntas, essas perspectivas reforçam a importância de uma educação que preserve a identidade cultural e enfrente criticamente os desafios atuais.

Paulo Freire é conhecido por suas ideias sobre a educação como uma forma de exercer liberdade. Seu trabalho é essencial para a pedagogia do oprimido e da educação popular. Freire defende uma abordagem educacional que estimula a conscientização crítica. Isso significa que os alunos são incentivados a pensar criticamente sobre o que estão passando e a tomar medidas para mudar isso. Ele critica a educação bancária, pois ela vê os alunos como recipientes passivos de conhecimento. Como alternativa, ele propõe um modelo participativo e dialógico em que as pessoas construam o conhecimento juntas, pois “quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e se desenvolve o que venho chamando curiosidade epistemológica, sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto” (2004, p. 13).

Carlos Rodrigues Brandão, um educador popular e antropólogo brasileiro, contribuiu para expandir os conceitos de Freire. Seu trabalho aponta que a cultura popular e as práticas comunitárias são essenciais para a educação. Brandão enfatiza a importância de respeitar e integrar as culturas locais e tradicionais no processo educacional. Isso pode ser feito promovendo uma educação que valorize e potencialize os conhecimentos populares e culturais, bem como incentivando a participação ativa da comunidade na educação. Assim, Brandão cita que:

A cultura é histórica. A iniciativa humana que cria a história é precisamente a cultura. A história não é mais que o desenvolvimento do processo pelo qual se opera a mudança dialética da Natureza em Cultura, vale dizer, de mundo natural a mundo humano. Logo, uma cultura a-histórica é um contrassenso. Em verdade, sendo o sujeito da história por ser o criador da cultura, as formas históricas das criações culturais devem situar-se na linha das exigências de realização do homem. Existem valores essenciais que a cultura deve encarnar em situações históricas infinitamente variáveis, justamente por serem valores constitutivos do ser-homem (sem estes a cultura é desumanizante e alienante) (Brandão, 1985, p. 18).

Milton Santos, foi um renomado geógrafo por sua perspectiva crítica sobre o desenvolvimento e globalização, pois contribuiu significativamente para a geografia crítica, redefinindo a maneira como entendemos o espaço geográfico e as desigualdades regionais, segundo Silva (2009, p. 2), “os conceitos discutidos e elaborados por ele, compõem a realidade histórica,

política, social e econômica em que a educação formal está presente e para tanto há a necessidade do esmiuçamento de seu pensamento”.

As contribuições desses autores permanecem altamente relevantes até os dias atuais, suas ideias sobre conscientização, sensibilização e participação são importantes para compreender um mundo marcado por desigualdades, opressões e entre outros desafios complexos. Nesse sentido, ambos acreditavam no poder da educação e cultura como instrumentos de transformação social, destacando a importância de promover uma reflexão crítica, tais como caminhos para a emancipação e uma possível mudança positiva na vida em sociedade.

Desse modo, exploraremos como as ideias de Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão e Milton Santos convergem e se complementam, destacando como suas contribuições moldam a educação e a cultura no Brasil e no mundo. A abordagem é interdisciplinar no sentido de propor a complementação entre áreas do conhecimento reconhecidamente dialógicas e justifica-se pela afinidade que "os aspectos epistemológicos e metodológicos, tipificantes de cada uma das ciências arroladas, revelam diante do objeto de estudo, enriquecendo sua análise" (Pitano; Noal, 2009, p. 284).

Paulo Freire, é reconhecido como um dos mais influentes educadores do século XX, sua abordagem da educação é centrada na conscientização, na libertação e na crítica. Segundo Freire (2004, p. 61), “a prática educativo crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo, pois através da crítica, podemos despertar nos seres uma relação entre sociedade e natureza, podendo agregar a educação e cultura”.

Dessa forma, podemos notar que é necessário que o educando obtenha o conhecimento histórico agregado a sua regionalidade, para que assim, desenvolvam argumentos críticos em seu ambiente e contexto local que está inserido, de forma coletiva e a fim de que contribua para suas vivências. Para Freire (2004, p. 31), “a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo”.

Freire acreditava que a educação deveria ser um meio de capacitar as pessoas a entenderem o mundo à sua volta e assim, mudá-lo para melhor. Para isso, a educação não deve ser uma mera transferência de conhecimento, mas sim um processo em que alunos e professores aprendem juntos, questionam as estruturas de poder, tornando assim, agentes de mudança. Segundo Paulo Freire (2004):

saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Ainda complementa, quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a ele ensinar e não a de transferir conhecimento (Freire, 2004, p. 27).

Nesse sentido, a maneira como o poder público, historicamente, negligenciou a educação no Brasil, na visão de Freire, tem efeitos prejudiciais na cultura e na mentalidade da sociedade brasileira. Podemos analisar essa citação do ponto de vista da cultura, conforme Freire:

um dos piores males que o poder público vem fazendo a nós, no Brasil, historicamente, desde que a sociedade brasileira foi criada, é o de fazer muitos de nós correr o risco de, a custo de tanto descaso pela educação pública, existencialmente cansados, cair no indiferentismo fatalistamente cínico que leva ao cruzamento dos braços. "Não há o que fazer" é o discurso acomodado que não podemos aceitar (Freire, 2004, p. 39).

Para isso, a esperança reflete a ideia de que os seres humanos têm uma tendência inata para buscar, crescer, melhorar e superar desafios, impulsionando as pessoas a agir, a acreditar em um futuro melhor e a persistir diante das dificuldades. Para entender essa afirmação, podemos desdobrá-la da seguinte maneira, pois Freire argumenta (2004, p. 43), "que a esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabado, primeiro o ser humano não se inscreveu ou não se achasse predisposto a participar de movimento constante de busca e, segundo se buscassem sem esperança".

Desse modo, Paulo Freire desempenhou um papel importante no entendimento e promoção da cultura, dando ênfase no contexto educacional, pois a sua visão pedagógica, reconhece a profunda interconexão entre

educação e cultura, de maneira com que considera a cultura dos estudantes como um dos protagonistas do processo educacional, Freire cita que:

Um dos saberes primeiros, indispensáveis a quem, chegando a favelas ou a realidades marcadas pela traição a nosso direito de ser, pretende que sua presença se vá tornando convivência, que seu estar no contexto vá virando estar com ele, é o saber do futuro como problema e não como inexorabilidade. É o saber da História como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo (Freire, 2004, p. 46).

Assim, podemos citar o diálogo cultural, que é um conceito importante na pedagogia de Paulo Freire, pois o diálogo cultural refere-se à interação entre diferentes culturas e grupos sociais, com suas vivências diversas, tendo como objetivo de promover a compreensão mútua e a troca de experiências, a fim de corroborar para a transformação social e a emancipação. Pois para Freire (2004):

pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (Freire, 2004, p. 16).

À vista disso, Freire ressalta a importância de contextualizar o conteúdo educacional na realidade e na cultura em que os educandos estão inseridos dependendo do seu contexto cultural, social e histórico, trazendo sentido, relevância e significado frente aos desafios enfrentados por eles.

Na obra *Pedagogia do Oprimido* (2002), Freire aponta e defende uma pedagogia para todos e que possam se emancipar, mediante uma luta libertadora, que “só faz sentido se os oprimidos buscarem a reconstrução de sua humanidade e realizarem a grande tarefa humanística e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e os opressores” (Freire, 2002, p. 30). Para isso, um dos principais princípios da pedagogia de Paulo Freire é a emancipação, onde a educação serve como um meio de emancipar os oprimidos, ou seja, permite que os oprimidos se tornem conscientes de sua situação e busquem transformações sociais, uma vez que a cultura acaba sendo afetada por desigualdades.

Diante desse contexto, o trabalho do educador e antropólogo brasileiro Carlos Rodrigues Brandão nos ajuda a entendermos a educação em contextos culturais e tradicionais. Reconhecendo a riqueza dos saberes populares e a importância de uma abordagem educacional que respeite e valorize as tradições locais, suas contribuições destacam a importância da integração entre cultura e educação. Assim, para Brandão (1986):

pensar sobre a educação popular obriga a uma revisão do sentido da própria educação. Veremos adiante por quê. Adiantemos, no entanto, uma razão. Pelo menos entre aqueles que a pensam de modo mais motivado, a educação popular parece não só existir fora da escola e à margem, portanto de uma “educação escolar”, de um “sistema de educação”, ou mesmo “da educação”, como também parece resistir a tudo isso (Brandão, 1986, p. 8).

Brandão é conhecido por seu trabalho na Educação Popular, um campo que se baseia na ideia de que a educação deve ser um processo dinâmico e participativo que reflita as realidades e necessidades das comunidades locais. Ele ampliou os conceitos de Paulo Freire, enfatizando a importância da valorização dos saberes populares e a encorajamento da participação ativa das comunidades na construção do conhecimento. Ele acredita que a educação deve ser uma conversa constante entre professores e estudantes, onde todos têm voz e os conhecimentos locais são respeitados. Nesse sentido, cita Brandão (1986) que:

o conhecimento que qualquer ser vivo tem para viver, na consciência do saber, que é o começo da possibilidade de os seres vivos aprenderem não apenas diretamente do e com o seu meio natural, naturalmente, mas uns com os outros e uns entre os outros, culturalmente (Brandão, 1986, p. 8).

Ainda, de acordo com Brandão (1986, p. 12), “ao mesmo tempo que socialmente a educação, um domínio da cultura entre outros, é condição da permanente recriação da própria cultura, individualmente a educação, uma relação de saber entre trocas de pessoas”. Dessa forma, podemos considerar que a integração da cultura e das tradições no processo educacional é uma de suas principais contribuições. Ele defende que a educação deve ser contextualizada, levando em consideração as tradições e práticas culturais dos grupos sociais com os quais trabalha. Para isso, é fundamental adaptar os métodos pedagógicos às realidades culturais dos alunos, em vez de impor uma

visão unitária e universalizada da educação. Além de ajudar a preservar e fortalecer as tradições culturais, essa abordagem torna o ensino mais relevante e significativo.

Outro ponto central em sua reflexão é o papel da educação como ferramenta para o empoderamento das comunidades. O ensino deve promover a autonomia e a identidade cultural dos indivíduos, valorizando e incorporando os saberes locais. Mais do que transmitir conhecimento, é necessário estimular um senso de pertencimento e uma consciência crítica sobre a própria cultura, preparando os alunos para enfrentar os desafios do mundo moderno sem perder de vista suas origens. Como afirma o autor:

a produção de um saber popular se dá, pois, em direção oposta àquela que muitos imaginam ser a verdadeira. Não existiu primeiro um saber científico, tecnológico, artístico ou religioso 'sábio e erudito' que, levado a escravos, servos, camponeses e pequenos artesãos, tornou-se, empobrecido, um 'saber do povo' (Brandão, 1986, p. 16).

Por fim, segundo o autor (1986, p. 17), "um saber da comunidade torna-se o saber das frações (classes, grupos, povos, tribos) subalternas da sociedade desigual". Seu trabalho nos lembra que a educação deve ser inclusiva e participativa, com respeito e valorização das culturas locais. Ao combinar esses elementos, sua contribuição ajuda a construir uma educação que não apenas ensina, mas também transforma e empodera os alunos.

No contexto da discussão sobre a integração de saberes populares e o conhecimento científico, é essencial considerar a crítica de Santos ao desenvolvimento global. Ele apontava que a globalização muitas vezes acentua desigualdades, e ressaltava a necessidade de se pensar globalmente, mas agir localmente, para garantir que as comunidades possam participar ativamente do planejamento e das decisões que impactam suas vidas. Esse conceito se alinha com a ideia de que, no trato prático-utilitário com o mundo, como destacado por Kosik (1976, p. 10 *apud* Silva, 2009, p. 5), o indivíduo "em situação" desenvolve suas próprias representações e noções da realidade com base em suas experiências e necessidades específicas.

Assim, a capacidade de criar e utilizar sistemas de noções que captam o aspecto fenomênico da realidade local é crucial para a integração dos saberes

populares na educação. A BNCC, ao impor um currículo padronizado, pode negligenciar essas representações locais, demonstrando a necessidade de uma abordagem que valorize a participação comunitária e o conhecimento contextualizado.

Milton Santos também discutiu sobre cultura e sua relação com o desenvolvimento e o meio na vida em sociedade, suas ideias sobre cultura influenciaram sua abordagem crítica para a compreensão do espaço como um todo. Em consonância com as ideias freireanas, Milton Santos (2007, p. 142), afirma que “a cidadania pressupõe o respeito ao indivíduo, mas isto somente acontecerá de fato quando as pessoas tiverem consciência deste direito”. Pois, ela é “resultado de um processo de aprendizagens, que quando começa, vai delineando a subjetividade dos sujeitos e cria laços culturais (Nascimento, 2017, p. 77)”.

Portanto, a cultura como elemento geográfico é essencial para a compreensão da construção da paisagem, estando ligada intrinsecamente a constituição do espaço, influenciando a forma de como as pessoas habitam no meio, de acordo com Brizuela (2015):

a perspectiva miltoniana não considera o território apenas como um palco, um cenário passivo onde acontece a vida em sociedade. O território também “acontece”. Ele surge, “retorna” – na metáfora do autor – como um ator dinâmico, em constante movimento e interação com o seu entorno cultural (Brizuela, 2015, p. 30).

Santos reconhecia que a cultura era dinâmica e podia desempenhar um papel significativo na transformação social e no desenvolvimento. Ele via a cultura como uma força capaz de impulsionar a mudança, especialmente quando as comunidades estavam empoderadas para preservar e revitalizar suas tradições culturais. Diante disso, Brizuela (2015, p. 30), afirma que “esta multiplicidade de categorias espaciais associadas ao território nos obrigam a (re)pensar o estudo das políticas culturais desde uma perspectiva mais abrangente e, claro, territorial”.

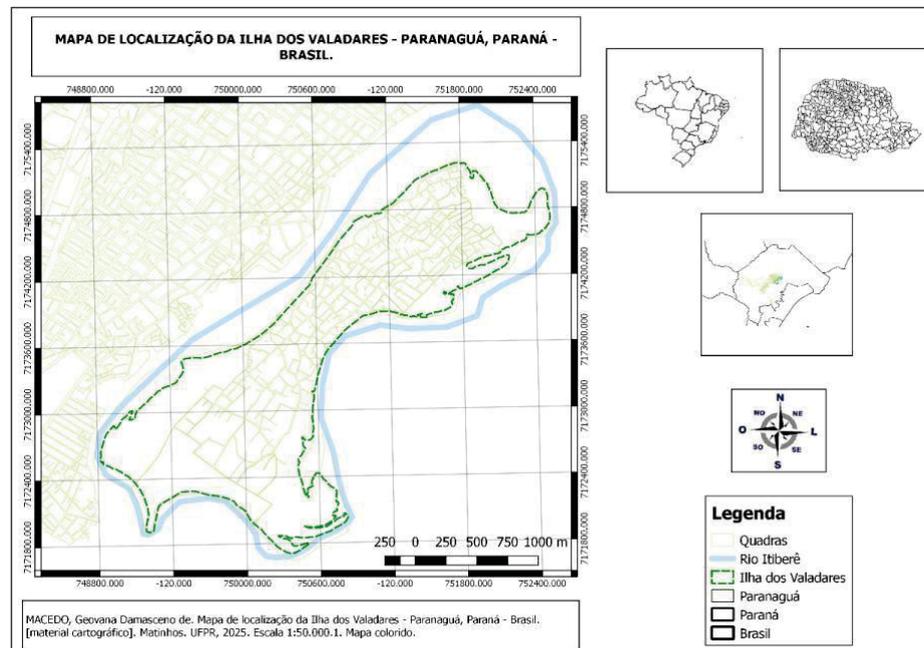
Portanto, podemos considerar que Paulo Freire e Milton Santos, tinham uma mesma visão epistemológica sobre cultura e educação, pois Freire enfatiza o diálogo e a valorização da cultura dos educandos como parte fundamental ao

longo do processo da vida educacional, buscando a emancipação cultural e social. Por outro lado, Milton Santos reconhecia a interconexão entre a cultura, a geografia e a educação, frisando a importância de proteger e respeitar a diversidade cultural tendo em vista um mundo globalizado, e assim, permitir que a cultura local desempenhasse um papel no desenvolvimento educacional e até mesmo sustentável. Sendo assim, ambos destacavam a educação e a cultura como uma ferramenta de mudança e de sensibilidade com o meio, influenciando as diversas disciplinas e promovendo uma filosofia humanista em diversos campos de atuação. Considerando as contribuições de Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão e Milton Santos para a educação e cultura, bem como a sociedade como um todo, é evidente a importância de suas abordagens interligadas, pois ambos pensadores enfatizaram a necessidade de compreender o mundo de forma crítica, promovendo a conscientização e a sensibilização da sociedade nos contextos educacionais e geográficos. Em suma, destacam a importância crucial da cultura na formação da identidade e no desenvolvimento social e educacional. Os pensadores enfatizam a valorização das culturas locais, o respeito à diversidade e a busca por soluções inclusivas e equitativas em educação e geografia. Eles nos lembram da necessidade de equilibrar o global e o local para promover transformações positivas em um mundo globalizado. Suas ideias são fonte contínua de inspiração para aqueles que buscam compreender e melhorar nossa sociedade.

3 METODOLOGIA

3.1 LOCAL DE ESTUDO

FIGURA 2 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA ILHA DOS VALADARES – PARANAGUÁ, PARANÁ – BRASIL.



FONTE: A autora (2025).

A Ilha dos Valadares (FIGURA 2), localizada no litoral do estado do Paraná, Brasil, integra o município de Paranaguá. Com uma área de 2,8 quilômetros quadrados, a ilha está situada a aproximadamente 400 metros do centro da cidade. Suas paisagens naturais são marcadas por manguezais e marés.

FIGURA 3 - TRAVESSIA FEITA POR UMA LANCHAS DA ILHA DOS VALADARES PARA O CONTINENTE, ANOS 80.



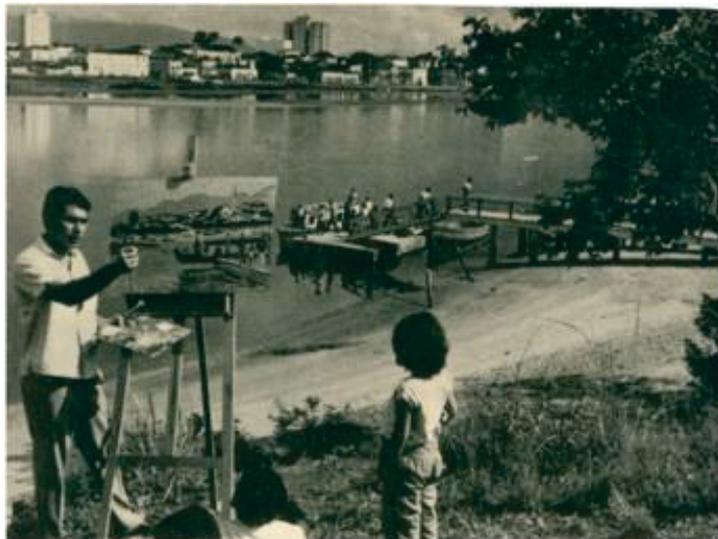
FONTE: Nosso Paraná (1980).

FIGURA 4 - FLUTUANTE QUE FAZIA ACESSO DO CONTINENTE ATÉ A ILHA DOS VALADARES, ANOS 80.



FONTE: Nosso Paraná (1980).

FIGURA 5 - FLUTUANTE QUE FAZIA ACESSO DA A ILHA DOS VALADARES AO CONTINENTE. NA FOTO ESTÁ PRESENTE O ARTISTA PLÁSTICO EMIR ROTH, ANOS 80.



Fonte: IBGE (1980).

Historicamente, o acesso à Ilha dos Valadares era considerado difícil, uma vez que até algumas décadas atrás, ele dependia exclusivamente de embarcações, como barcos e lanchas (FIGURA 3, FIGURA 4 e FIGURA 5).

Nos anos 1990, a inauguração da ponte "Antônio José Sant'Anna Lobo Neto" (FIGURA 6), representou um marco importante, facilitando a conexão da ilha com o continente. No entanto, com o aumento da modernização e o crescimento do número de automóveis na região, essa ponte já não atendia plenamente às necessidades da comunidade. Por um período, o transporte de veículos para a ilha foi realizado por uma balsa, o que trouxe certa praticidade, mas ainda limitava o fluxo.

FIGURA 6 - ATUALMENTE, DUAS PONTES QUE LIGAM A ILHA DOS VALADARES AO CONTINENTE, A PONTE "ANTÔNIO JOSÉ SANT'ANNA LOBO NETO" E A PONTE "DOMINGOS MASSA".



FONTE: EVANILDO CRISANTO (2024).

O acesso à ilha é realizado por duas passarelas: a Ponte "Antônio José Sant'Anna Lobo Neto" e a Ponte "Domingos Massa" (FIGURA 6), que conectam a ilha aos bairros vizinhos, Ponta do Caju e Centro Histórico. Além disso, a ilha pode ser alcançada por barcos, navegando pelo Rio Itiberê.

Constituída por pescadores artesanais, como mencionado anteriormente, vindos de Guaraqueçaba - Paraná, a Ilha dos Valadares mantém uma conexão com suas tradições culturais, sendo um dos locais onde se preserva o fandango caiçara, uma dança típica litorânea (FIGURA 7). A vida na ilha era marcada por uma simplicidade, refletida nas suas ruas, que são uma mistura de hexágonos pavimentados e trilhas de areia, proporcionando um ar rústico.

FIGURA 7 - PRAÇA CYRO ABALEM - ILHA DOS VALADARES.



Fonte: A autora, 2024.

A diversidade das habitações, que vão desde casas simples a construções mais modernas, ilustra a evolução da comunidade ao longo do tempo. O principal meio de transporte é a bicicleta, com moradores percorrendo as ruas tranquilas e as carrocinhas escolares transportando crianças para as escolas locais.

A comunidade da Ilha dos Valadares é predominantemente composta por pescadores, artesãos, trabalhadores do Porto de Paranaguá e do comércio local. A vida é influenciada pelas tradições caiçaras, que incluem uma rica herança cultural e um espírito de bairrismo muito forte. A ilha também é famosa por suas celebrações culturais e religiosas, como a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes e a Festa do Fandango Caiçara, que envolvem quermesses, procissões e apresentações culturais que reforçam os laços comunitários e mantêm vivas as tradições locais.

Na Ilha dos Valadares, o Mar de Lá (FIGURA 8 e FIGURA 9) é um refúgio para os moradores. Nos dias quentes de verão, eles se reúnem ali para se refrescar, seja tomando banho ou passeando de barco pelo Rio Itiberê.

FIGURA 8 - MAR DE LÁ, ANOS 90 - ILHA DOS VALADARES.



FONTE: Ronaldo Damasceno (1990).

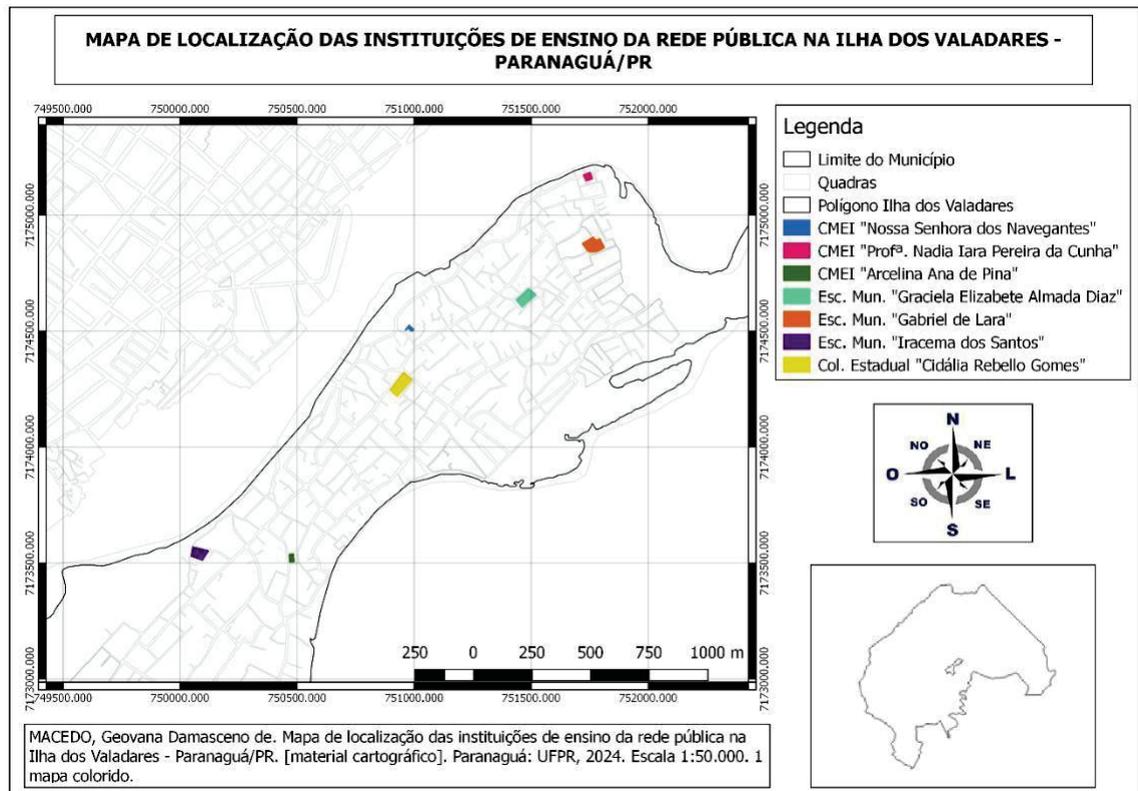
FIGURA 9 - MAR DE LÁ - ILHA DOS VALADARES.



FONTE: Ronaldo Damasceno (2013).

Partindo agora para o setor educacional, a educação pública na Ilha dos Valadares é composta por sete instituições de ensino, como o Colégio Estadual “Cidália Rebello Gomes”, a Escola Municipal em Tempo Integral “Graciela Elizabete Almada Diaz”, a Escola Municipal em Tempo Integral “Gabriel de Lara”, a Escola Municipal “Iracema dos Santos”, o Centro Municipal de Educação Infantil “Nossa Senhora dos Navegantes”, o Centro Municipal de Educação Infantil “Profª. Nádia Iara Pereira da Cunha” e o Centro Municipal de Educação Infantil “Arcelina Ana de Pina”, todos em pontos estratégicos de acordo com a região da Ilha (Figura 10). Para proporcionar uma melhor compreensão do contexto da pesquisa, é fundamental situar o leitor no espaço geográfico em que o estudo foi conduzido. A seguir, apresentamos o mapa (Figura 10) que ilustra a localização da Ilha dos Valadares e as instituições de ensino públicas presentes no local.

FIGURA 10 - LOCALIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA E SUAS RESPECTIVAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO.



FONTE: A autora (2024).

A Ilha dos Valadares, mais do que um espaço geográfico delimitado, é um lugar no sentido proposto por Tuan (1983, p. 6), que afirma que “o que começa como um espaço indiferenciado torna-se lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”. Para a comunidade local, a ilha é um território repleto de significados culturais, afetivos e históricos, representando identidade, resistência e cultura. Essa relação entre os habitantes e a ilha molda um senso de pertencimento que fortalece os laços comunitários e a resiliência social.

Apesar de sua riqueza cultural, a Ilha dos Valadares enfrenta desafios relacionados à infraestrutura e à conservação ambiental. A noção de sustentabilidade, mais do que o desenvolvimento sustentável, torna-se essencial para alinhar as práticas culturais e tradicionais com a conservação do ambiente natural. Como destaca Tuan (1983, p. 8), “a intimidade com um lugar é construída ao longo do tempo, por meio de experiências e práticas que transformam o espaço em parte de quem somos”.

A história e as tradições da Ilha dos Valadares são mantidas vivas por seus habitantes, que, ao mesmo tempo, buscam formas de conviver com os desafios contemporâneos. Essa articulação entre cultura, ambiente e identidade é fundamental para o futuro da ilha, permitindo que ela continue sendo não apenas um lugar físico, mas um símbolo de memória, pertencimento e resistência.

3.2 PROCEDIMENTOS ADOTADOS

Para a condução desta pesquisa, foi adotado o método da História Oral, com o objetivo de compreender e preservar os saberes populares caiçaras. Segundo José Carlos Meihy (2006), a história oral se caracteriza por um compromisso com a transformação em todas as fases do processo investigativo:

Transformação, portanto, passa a ser o objetivo da história oral. Não se fala, contudo de uma transformação em sentido plano, restrito, simples, meramente imediato. Toda a ação da história oral é transformadora. E isto em todos os níveis, desde a elaboração do projeto, escolha dos colaboradores, operação de entrevista, produção textual e eventual análise (Meihy, 2006, p. 195).

Neste sentido, a metodologia da história oral foi empregada para capturar e analisar relatos pessoais. Esses materiais foram examinados para identificar a evolução dos valores culturais e saberes populares associados à Maria Siqueira Damasceno, bem como sua contribuição para a socioeducação na Ilha dos Valadares. Meihy (2006), reforça que a história oral deve promover transformação e não apenas coletar testemunhos tradicionais:

Durante todas as fases de execução da história oral temos um compromisso com a transformação sem o que a história oral não tem razão de ser. Sem isso, aliás, não se tem história oral e sim o velho e consagrado uso de entrevistas de cunho testemunhal (Meihy, 2006, p. 195).

Após essas etapas, o Método Dialético foi aplicado para analisar os dados coletados, fundamentando-se nos conceitos de Karl Marx (1867), Karel Kosik (1976) e Jamil Cury (2000). Kosik (1976) observa que: “a destruição da pseudoconcreticidade como método dialético-crítico... é apenas o outro lado da

dialética, como método revolucionário de transformação da realidade e para que o mundo possa ser explicado 'criticamente'" (Kosik, 1976, p. 22).

Essa perspectiva é essencial para analisar o diálogo entre os saberes populares caiçaras e a educação formal, pois considera não apenas as práticas culturais e educacionais como fenômenos isolados, mas também como partes de um contexto histórico, social e político mais amplo. Por exemplo, os saberes tradicionais caiçaras refletem uma relação estreita com a natureza e a comunidade, enquanto a BNCC busca uniformizar o ensino, frequentemente gerando tensões entre a preservação cultural e a padronização educacional.

Kosik (1976, p. 14-15) reforça essa visão ao afirmar que "nesta práxis se forma tanto o determinado ambiente material do indivíduo histórico, quanto a atmosfera espiritual em que a aparência superficial da realidade é fixada como o mundo da pretensa intimidade". Assim, a dialética nos ajuda a ir além da "aparência superficial" e desvelar as estruturas subjacentes que condicionam tanto o ambiente material quanto as experiências culturais e educacionais dos sujeitos históricos.

Portanto, o método dialético é indispensável para captar as nuances e contradições que envolvem os processos educacionais e culturais, promovendo uma compreensão crítica e transformadora da realidade.

Também utilizamos dos Círculos de Diálogo, que foram implementados como uma estratégia essencial para facilitar discussões coletivas e promover a troca de saberes entre os participantes. Como destaca Vieira (2021), "a prática circular pode ser entendida como uma ferramenta que contribui no processo de escuta grupal ou coletiva e promoção das conexões afetivas e emocionais intra e intersubjetivas" (p. 1). Dessa forma, os encontros possibilitaram um espaço de diálogo aberto, onde gestores, professores e demais participantes puderam compartilhar experiências e reflexões sobre a educação e a cultura caiçara.

A concepção desse processo dialogado se alinha ao pensamento de Freire (2011) *apud* Vieira (2021), que afirma: "é pela palavra que a existência humana se pronuncia e exerce seu direito de fala e não de cala... Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo" (p. 108). Assim, ao promover os Círculos de Diálogo, buscou-se não apenas apresentar o livro *Descobrimo as Raízes Caiçaras: A História de Maria Siqueira Damasceno*,

mas também incentivar a construção coletiva de conhecimentos, valorizando a escuta ativa e o fortalecimento das identidades locais.

Para a condução desta pesquisa, foi adotado o método da História Oral, com o objetivo de compreender e preservar os saberes populares caiçaras. A metodologia foi utilizada em duas etapas fundamentais do estudo: durante a redação do capítulo 2.3 MARIA SIQUEIRA DAMASCENO E A EDUCAÇÃO CAIÇARA, CULTURA POPULAR E IDENTIDADE CULTURAL da pesquisa e na escrita do livro *Descobrimo as Raízes Caiçaras: A História de Maria Siqueira Damasceno*.

No primeiro momento, a história oral foi empregada para estruturar a base teórica da pesquisa, analisando como essa abordagem pode contribuir para a valorização dos saberes caiçaras na educação formal. Para isso, foram realizadas entrevistas doze com moradores e antigos moradores da Ilha dos Valadares, especialmente aqueles que tiveram contato direto com Maria Siqueira Damasceno e puderam compartilhar suas memórias sobre sua trajetória e impacto na comunidade. Esses relatos foram registrados no questionário e analisados para identificar padrões e temas recorrentes que evidenciassem a relevância da personagem na construção do conhecimento e na identidade cultural local. No segundo momento, a história oral foi essencial na construção do livro, que não apenas narra a trajetória de Maria Siqueira Damasceno, mas também incorpora os saberes populares caiçaras de forma acessível e pedagógica. As narrativas coletadas foram organizadas e adaptadas para a linguagem do livro, garantindo que a oralidade e a vivacidade dos relatos fossem preservadas. Como ressalta Meihy (2006), a história oral deve promover transformação e não apenas coletar testemunhos tradicionais:

Durante todas as fases de execução da história oral temos um compromisso com a transformação sem o que a história oral não tem razão de ser. Sem isso, aliás, não se tem história oral e sim o velho e consagrado uso de entrevistas de cunho testemunhal (Meihy, 2006, p. 195).

Após a coleta dos dados com os doze participantes da pesquisa no questionário, o Método Dialético foi aplicado para analisar as informações obtidas.

Fundamentado nos conceitos de Karl Marx (1867), Karel Kosik (1976) e Jamil Cury (2000), esse método permitiu compreender as relações entre os saberes populares caiçaras, a educação formal e os desafios contemporâneos, como a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A análise dialética foi desenvolvida a partir do confronto entre diferentes perspectivas: de um lado, os relatos e práticas tradicionais da comunidade caiçara; de outro, as exigências e diretrizes da educação formal. Esse movimento entre tese, antítese e síntese possibilitou a identificação de tensões e contradições que emergem desse encontro, evidenciando os desafios na preservação da cultura local dentro do modelo educacional padronizado. Como destaca Kosik (1976, p. 14-15): “Nesta práxis se forma tanto o determinado ambiente material do indivíduo histórico, quanto a atmosfera espiritual em que a aparência superficial da realidade é fixada como o mundo da pretensa intimidade”.

Dessa forma, a dialética permitiu ir além da "aparência superficial" e compreender as estruturas sociais e educacionais que condicionam tanto a manutenção quanto a transformação dos saberes caiçaras.

Além disso, os Círculos de Diálogo realizados no mês de fevereiro entre 11 a 28 de fevereiro, foram implementados como uma estratégia essencial para promover a troca de saberes entre os participantes e validar as informações obtidas pela história oral. Esses encontros contaram com a participação de servidores da educação, incluindo pedagogos, professores, diretoras, vice-diretoras e representantes da Secretaria de Educação.

Os Círculos possibilitaram um espaço de escuta ativa, onde os participantes puderam compartilhar suas percepções sobre a integração dos saberes caiçaras na educação formal e debater possíveis caminhos para fortalecer essa abordagem dentro das escolas. Como destaca Vieira (2021, p. 1), “A prática circular pode ser entendida como uma ferramenta que contribui no processo de escuta grupal ou coletiva e promoção das conexões afetivas e emocionais intra e intersubjetivas”.

A concepção desse processo dialogado se alinha ao pensamento de Freire (2011, p. 108), que afirma: “É pela palavra que a existência humana se pronuncia e exerce seu direito de fala e não de cala... Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo”.

Dessa forma, ao promover os Círculos de Diálogo, buscou-se não apenas apresentar o livro, mas também incentivar a construção coletiva de conhecimentos, valorizando a escuta ativa e o fortalecimento das identidades locais.

3.3 PRODUTO TÉCNICO-TECNOLÓGICO

A pesquisa resultou na produção do livro “Descobrimdo as Raízes Caiçaras: A História de Maria Siqueira Damasceno” (FIGURA 11, APÊNDICE A), disponibilizado digitalmente como e-book nas seguintes plataformas:

- Amazon Kindle:
https://www.amazon.com.br/dp/B0DV4W1GTQ?ref=cm_sw_r_ffbk_mwn_dp_EC25WQ1QV8XJ9Y2BCFYX&ref_=cm_sw_r_ffbk_mwn_dp_EC25WQ1QV8XJ9Y2BCFYX&social_share=cm_sw_r_ffbk_mwn_dp_EC25WQ1QV8XJ9Y2BCFYX&language=en_US&skipTwisterOG=1&bestFormat=true&newOGT=1
- Google Play Livros:
https://books.google.com.br/books?id=031BEQAAQBAJ&newbks=0&printsec=frontcover&pg=PP1&dq=descobrimdo+as+raizes+cai%C3%A7aras&hl=pt-BR&source=newbks_fb&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false

Após a realização dos Círculos de Diálogos com gestores das instituições públicas da Ilha dos Valadares, incluindo: Centro Municipal de Educação Infantil “Profª. Nádia Iara Pereira da Cunha”; Centro Municipal de Educação Infantil “Arcelina Ana de Pina”; Centro Municipal de Educação Infantil “Nossa Senhora dos Navegantes”; Escola Municipal em Tempo Integral “Gabriel de Lara”; Escola Municipal em Tempo Integral “Graciela Elizabete Almada Diaz”; Escola Municipal “Iracema dos Santos”; Escola Municipal “Profª.

Eva Tereza Amarante Cavani” e Colégio Estadual “Cidália Rebello Gomes” um exemplar físico do livro foi disponibilizado para cada instituição de ensino.

A obra também foi apresentada em formato de animação, desenvolvida por meio do Canva, trazendo um design colorido e lúdico. A plataforma Canva é uma ferramenta de arte gráfica que tem se destacado como um recurso educacional, sendo utilizada na sequência didática para engajar os alunos e facilitar atividades como a construção de atividades, projetos, slides, entre outros (Sousa; Holanda; Santana, 2022, p. 2).

O material é voltado para docentes que desejam trabalhar a história da Ilha dos Valadares e suas narrativas locais e regionais. As ilustrações foram baseadas em fotos reais da autora, e a linguagem adotada é acessível, tornando o livro compreensível e atrativo para toda a comunidade. Embora tenha um foco pedagógico, a obra se propõe a alcançar um público mais amplo, valorizando a cultura e a identidade caiçara.

O livro (APÊNDICE A) está estruturado da seguinte forma:

Prefácio – A autora compartilha um pouco sobre sua trajetória e a inspiração para a criação da obra.

Introdução – Apresenta ao leitor a proposta do livro, contextualizando sua estrutura e os temas abordados em cada capítulo.

Capítulo 1: Raízes na Ilha dos Valadares – Explora a origem e a identidade cultural da Ilha dos Valadares, destacando suas paisagens, modo de vida e tradições caiçaras.

Capítulo 2: Memórias da Bisavó – Resgata as lembranças e histórias transmitidas pela Dona Maria, trazendo relatos sobre sua história e a vivência na comunidade.

Capítulo 3: Festas e Tradições – Aborda as celebrações e costumes característicos da Ilha dos Valadares.

Capítulo 4: A Vocação pela Educação – Relata a influência da educação na trajetória da família da autora e como essa vocação foi passada de geração em geração.

Capítulo 5: Integração no Currículo Escolar – Propõe formas de inserir a história e a cultura caiçara no ambiente escolar, promovendo a valorização da identidade local no ensino.

Considerações Finais – Reflete sobre a importância do resgate e da preservação da memória caiçara, destacando o papel da educação nesse processo.

Referências – Apresenta as fontes e materiais utilizados para a construção da obra.

FIGURA 11 – CAPA DO LIVRO “DESCOBRINDO AS RAÍZES CAIÇARAS: AS HISTÓRIAS DE MARIA SIQUEIRA DAMASCENO.



FONTE: A autora (2025).

A ilustração da capa do livro (FIGURA 11) retrata, em versão de animação, Dona Maria sentada em sua tradicional poltrona com seu bichinho de estimação no colo, como costumava fazer em suas tardes. Embora seja uma ilustração, a imagem capta o cotidiano de Dona Maria, transmitindo então, a essência de sua vida real.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO

O questionário foi inicialmente aplicado em 9 de agosto para 3 pessoas, fornecendo informações preliminares para o desenvolvimento do estudo. Posteriormente, nos dias 16 e 17 de agosto, o questionário foi enviado a mais 5

pessoas, e em 19 de agosto, a outras 2 pessoas, e entre o dia 20 a 27 de agosto, 2 pessoas também responderam, totalizando 12 respondentes. Esses dados foram necessários para avançarmos para a próxima etapa dos círculos de diálogos.

O questionário continha 12 perguntas, formuladas da seguinte maneira:

1. Qual é o seu nome?
2. Qual a sua idade?
3. Há quanto tempo você mora (ou morou) na Ilha dos Valadares?
4. Você conheceu a Agente Educacional Dona Maria Siqueira Damasceno?
5. Se sim, como você conheceu a Agente Educacional Dona Maria?
6. Você se sentia acolhido pela Agente Educacional Dona Maria no Colégio quando desfrutava das refeições que ela preparava? Descreva.
7. O que você acha que contribui para o sentimento de pertencimento na Ilha dos Valadares?
8. Para você, quais são os desafios para a preservação da cultura caiçara na Ilha dos Valadares?
9. Você acha que as tradições ou saberes populares (Pesca artesanal, Culinária Típica, Festas Religiosas, Músicas e Danças, Histórias e Lendas) devem ser preservados?
10. Você acredita que as Instituições de Ensino na Ilha dos Valadares, trabalham com os estudantes os saberes populares caiçaras? Descreva.
11. Você acredita que os valores deixados por figuras importantes da Ilha dos Valadares, incluindo a Agente Educacional Dona Maria, devem ser preservados para manter a história da comunidade e a cultura local com sua verdadeira essência? Descreva.
12. Você tem alguma história no Colégio Cidália Rebello Gomes que envolva a Agente Educacional Dona Maria que gostaria de

compartilhar?

Para preservar a privacidade dos participantes, os nomes não serão divulgados. As idades dos 12 respondentes variam entre 43 e 58 anos. Entre eles, sete pessoas residem na Ilha dos Valadares desde o nascimento, três se mudaram para a ilha ainda crianças e permanecem residentes, uma pessoa se mudou para a ilha na infância, mas atualmente não reside mais lá, e um participante nasceu na ilha, mas atualmente não mora mais na localidade.

Vale ressaltar, que os participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) como mostra no Anexo A.

As respostas de múltipla escolha foram apresentadas na pesquisa em formato gráfico, destacando as porcentagens de cada alternativa.

GRÁFICO 1 – PERGUNTA DE MULTIPLICA ESCOLHA 1.

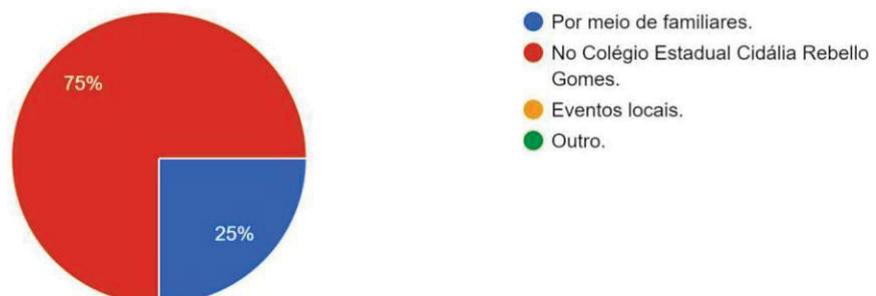
Você conheceu a Agente Educacional Dona Maria Siqueira Damasceno?
12 respostas



FONTE: Google Forms. ORG.: A autora (2024).

GRÁFICO 2 – PERGUNTA DE MULTIPLICA ESCOLHA 2.

Se sim, como você conheceu a Agente Educacional Dona Maria?
12 respostas

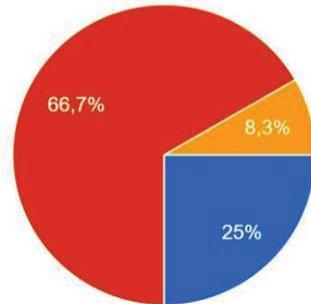


FONTE: Google Forms. ORG.: A autora (2024).

GRÁFICO 3 – PERGUNTA DE MULTIPLICA ESCOLHA 3.

O que você acha que contribui para o sentimento de pertencimento na Ilha dos Valadares?

12 respostas



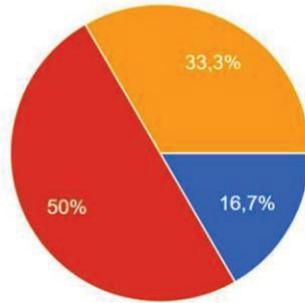
- Cultura comunitária forte: A conexão com tradições locais e a participação em eventos culturais.
- Vínculos familiares e sociais: Relações próximas com vizinhos e membros da comunidade.
- Sentimento de segurança e familiaridade: Conhecimento mútuo e apoio entre os residentes.

FONTE: Google Forms. ORG.: A autora (2024).

GRÁFICO 4 – PERGUNTA DE MULTIPLICA ESCOLHA 4.

Para você, quais são os desafios para a preservação da cultura caiçara na Ilha dos Valadares?

12 respostas



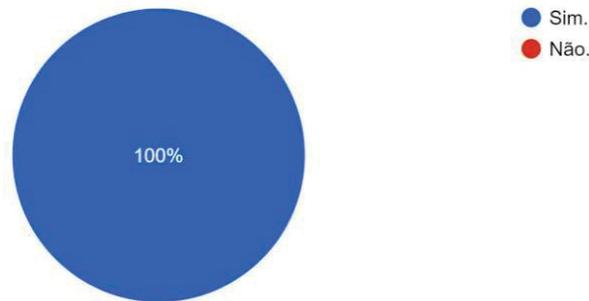
- Falta de empatia e sensibilização entre a comunidade local.
- Expansão urbana e desenvolvimento imobiliário que podem ameaçar áreas naturais e tradicionais da comunidade.
- Menor transmissão de conhecimentos entre gerações mais jovens devido a mudanças nos estilos de vida e educação.

FONTE: Google Forms. ORG.: A autora (2024).

GRÁFICO 5 – PERGUNTA DE MULTIPLICA ESCOLHA 5.

Você acha que as tradições ou saberes populares (Pesca artesanal, Culinária Típica, Festas Religiosas, Músicas e Danças, Histórias e Lendas) devem ser preservados?

12 respostas



FONTE: Google Forms. ORG.: A autora (2024).

As respostas às perguntas descritivas (quatro perguntas) serão apresentadas em formato de quadro (QUADRO 2).

QUADRO 2 – PERGUNTA: VOCÊ SE SENTIA ACOLHIDO PELA AGENTE EDUCACIONAL DONA MARIA NO COLÉGIO QUANDO DESFRUTAVA DAS REFEIÇÕES QUE ELA PREPARAVA? DESCREVA.

Resposta 1	Sim, ela sempre foi muito bem acolhida pela forma educada, respeitosa e carinhosa com que tratava todos os alunos que apreciavam a merenda que preparava. Sua maneira simples de ser aproximava os alunos, criando um vínculo de amizade que a tornou inesquecível, mesmo após sua aposentadoria.
Resposta 2	Dona Maria sempre carinhosa, lembro da merenda muito saborosa, seu macarrão inesquecível e cuidava zelando do colégio
Resposta 3	Com certeza ela era sempre acolhedora e muito querida e amável com todos
Resposta 4	Estudei na E.E Cidalia Rebello Gomes desde o ensino fundamental 1 e 2, que chamamos atualmente e durante este período todo tive o privilégio de conhecer a nossa Querida Dona Maria . Uma senhora amorosa e alegre e muito querida por todos os alunos daquela instituição.
Resposta 5	Sim,todos gostavam da Dona Maria, ela fazia uma sopa maravilhosa...
Resposta 6	Pessoa maravilhosa ,que cuidava com carinho de todos ,dos alunos aos professores
Resposta 7	Com certeza, Dona Maria era um ser bastante iluminado e tratava a todos com muito carinho! Lembro que na minha adolescência não saia da casa da família Damasceno, pois sou amigo de todos os filhos, principalmente da Lúcia, que fazíamos preparativos de festas e, quando havia concurso de dublagem, tínhamos uma banda que dublava a Blitz! Tempos que lembro com grande alegria e saudade!
Resposta 8	Sim
Resposta 9	Sim! Percebia-se que era tudo com muito sabor, mesmo sendo simples, era diferenciado. Parecia comida de vó, feita com todo amor! Comíamos sempre a merenda!

Resposta 10	Sim, a refeição era ótima.
Resposta 11	Sim era uma das melhores principalmente a sopa de feijão
Resposta 12	Sim. Ela não era só a merendeira da escola Cidalia, mas a tia Maria que estava atenta às necessidades dos alunos, sempre pronta ajudar principalmente dos curativos nos joelhos ralados.

FONTE: Google Forms. ORG.: A autora (2024).

QUADRO 3 – PERGUNTA: VOCÊ ACREDITA QUE AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO NA ILHA DOS VALADARES, TRABALHAM COM OS ESTUDANTES OS SABERES POPULARES CAIÇARAS? DESCREVA.

Resposta 1	O Fandango, uma manifestação cultural que se destaca em nível nacional, merece ser mais amplamente explorado para que mais pessoas possam conhecê-lo e ajudar a mantê-lo vivo. É fundamental que o município reconheça e valorize o trabalho realizado pelos mestres dessa tradição, como Mestre Arnaldo Costa e Mestre José Martins Filho, conhecido como Mestre Zeca (da Rabeca), que cresceram na comunidade caiçara. Além disso, é importante destacar o trabalho dos poucos pescadores artesanais que ainda sobrevivem da pesca, uma atividade que, infelizmente, tem recebido pouca atenção e está em risco de desaparecer.
Resposta 2	Sim trabalham com o Fandango
Resposta 3	Sim,alguns tem projetos referente ao Fandango Caiçara,fortalecendo nossa cultura local
Resposta 4	Não, acredito que nos dias atuais nenhuma instituição trabalha com seus estudantes os saberes culturais de sua localidade.
Resposta 5	Não, porque tenho um filho no ensino médio não sabe nada dos costumes populares da ilha dos Valadares...
Resposta 6	Acho que deveria ser mais trabalho com os alunos
Resposta 7	Infelizmente toda a modernidade faz com que os jovens abandonem a cultura local e só vão se dar conta da importância e grandiosidade desta quando envelhecem! É neste momento que as Instituições de Ensino deveriam inserir com forças a importância dos saberes populares caiçaras! Algo que não observo no momento, embora esteja morando em um outro local!
Resposta 8	Sim
Resposta 9	Sim! Mas é necessário mais envolvimento das instituições com projetos que durem o ano todo, envolvendo as famílias tradicionais para salvaguardar as raízes culturais locais.
Resposta 10	Não trabalham.
Resposta 11	Acho que não se sim bem pouco comentado
Resposta 12	Não. Apesar do Colégio Cidalia na disciplina de Arte incentivar os alunos a participarem de oficinas de danças (fandango) e confeccionar rabeca, entre outros, ainda faltam trabalhar mais esses saberes populares .

FONTE: Google Forms. ORG.: A autora (2024).

QUADRO 4 – PERGUNTA: VOCÊ ACREDITA QUE OS VALORES DEIXADOS POR FIGURAS IMPORTANTES DA ILHA DOS VALADARES, INCLUINDO A AGENTE EDUCACIONAL DONA MARIA, DEVEM SER PRESERVADOS PARA MANTER A HISTÓRIA DA COMUNIDADE E A CULTURA LOCAL COM SUA VERDADEIRA ESSÊNCIA? DESCREVA.

Resposta 1	Certamente, é importante preservar a memória de Dona Maria para que as
------------	--

	futuras gerações possam conhecer a pessoa importante e significativa que ela foi. Seu trabalho no Colégio Estadual Cidália Rebello Gomes, onde fui aluno, deixou uma marca profunda, e posso afirmar que tive os melhores professores durante minha passagem por lá.
Resposta 2	Dona Maria contribuiu muito com seu carinho e trabalho, fazendo parte da história da comunidade local
Resposta 3	Sim, com certeza, e os valores deixados por ela serão eternos na história de muitos aqui na Ilha dos Valadares principalmente a minha pois passei minha infância inteira convivendo com sua família, um grande aprendizado.
Resposta 4	Sim, lembrar de das pessoas que já se foram e deixaram um pouco do sua contribuição é muito importante para cultura da comunidade local.
Resposta 5	Sim. como Dona Maria tinha acolhimento como os alunos,, se preocupava , tinha a preocupação de tratar todos iguais...
Resposta 6	Sim
Resposta 7	Com toda certeza, pessoas com Dona Maria, que tanto contribuíram para a formação de muitos jovens, sempre deverão ser lembradas pelas futuras gerações, mostrando a importância destes insulanos. Acredito que Dona Maria e Dona Ana, deveriam ter um espaço com seu nome no próprio Colégio Cidália! Só assim, os alunos mais questionadores, saberão a importância destas pessoas! Eu, por exemplo, tenho uma nora que é parente da Dona Cidália Rebello Gomes que, só fui saber do parentesco, depois que falei pra minha nora que sabia da história de Dona Cidália e, por surpresa, ele me falou que era parente de tal! Talvez este espaço até exista mas, por estar ausente do por tanto tempo do Colégio, não tenho conhecimento!
Resposta 8	Sim
Resposta 9	Sim, acredito! Um belo exemplo são as receitas que eram praticadas por Dona Maria e que ficaram em nossas memórias afetivas para sempre.
Resposta 10	Sim
Resposta 11	Sim principalmente o tratamento com que ela nos tratava jeito simples mais de grande valia
Resposta 12	Com certeza! Dona Maria como outros cidadãos que viveram nessa comunidade deixaram exemplo de amor ,respeito e cuidado com o meio ambiente q devem sim ser preservado.

FONTE: Google Forms. ORG.: A autora (2024).

QUADRO 5 – PERGUNTA: VOCÊ TEM ALGUMA HISTÓRIA NO COLÉGIO CIDÁLIA REBELLO GOMES QUE ENVOLVA A AGENTE EDUCACIONAL DONA MARIA QUE GOSTARIA DE COMPARTILHAR?

Resposta 1	É importante lembrar que ela sempre tratou a todos com educação, carinho e respeito, qualidades que fazem com que seja lembrada até hoje. Registrar a história das pessoas que contribuíram para a construção da Ilha dos Valadares é essencial para que as futuras gerações reconheçam aqueles que se destacaram em suas respectivas áreas. Quem sabe um dia também sejamos lembrados da mesma forma.
Resposta 2	Dona Maria ficou marcada na história do Colégio Cidália como merendeira, zeladora e amiga dos alunos, tratava a todos com muito carinho, respeito e atenção especial dedicada aos alunos e professores
Resposta 3	Sim,sou grata pelas várias vezes que nos deixava repetir a merenda no Colégio,onde eu e meus irmãos passávamos um momento de dificuldades,e ela sabendo de nossa situação,sempre foi muito bondosa e solidária conosco,só gratidão em relação a saudosa Dona Maria.
Resposta 4	Lembro- me dá Dona Maria, nós servidno a merenda sempre com muito carinho e sorrindo ao lado de um panelão de sopa. Todos o período que estudei na instituição ,não me lembro de algum dia ver a Dona Maria Brava ou chamando a atenção de algum aluno. Ela era muito querida por todos.
Resposta 5	Sim,quando meu pai ia levar o lanche pare eu minha irmã ,ele ficava no muro da escola esperando ,nós não víamos ela saia correndo atrás de nós no corredore pr avisar que nosso pai estava lá,,uma tempo muito bom ,...
Resposta 6	Dona Maria fazia o melhor mingau que já comi e tenho a memória afetiva que sinto muitas saudades
Resposta 7	Já mencionei, anteriormente, das festas na casa de Dona Maria e só esqueci de mencionar os quitutes do café da tarde ao qual me deliciava! Esqueci também de mencionar o ponche das festas que não sei quem preparava, mas, confesso, era muito bom! Parabéns pelo trabalho e espero ter contribuído um pouco para a valorização desta grande senhora que sempre morará em meu coração!
Resposta 8	Sim ,sua bondade
Resposta 9	Sim! Recordo muito bem do gosto saboroso do macarrão com carne moída e das famosas sopas. Eram muito bem feitas, sentia-se o carinho que fora preparado. Fecho os olhos e consigo lembrar como era boa aquele momento de receber aquela alimentação preparada por Dona Maria!
Resposta 10	Sim, pessoa muito querida por todos os professores e alunos da época.
Resposta 11	Sim quando eu queria repetir ela até raspava o último do fundo do papelão para me dar
Resposta 12	O carinho o cuidado que ela tinha pela sua profissão e seu local de trabalho. Principalmente pelos alunos a forma como preparava e servia a merenda ,sempre com alegria e sorriso em seu rosto. Sem falar nos ingredientes que trazia de sua casa e pedia a colaboração da comunidade pra deixar a merenda mais saborosa. Isso me marcou muito ! Ela não era só uma funcionária, era uma grande amiga para todos que conviveram com ela. Até hoje é lembrada por muitas pessoas que tiveram o privilégio de conhecê-la.

FONTE: Google Forms. ORG.: A autora (2024).

Os resultados do questionário mostraram que a Agente Educacional Maria Siqueira Damasceno fez uma grande contribuição para a escola. Os depoimentos dos participantes confirmaram a importância de sua atuação. Devido à modernização, globalização e avanços tecnológicos, características

que eram importantes na época de Dona Maria trabalhando na instituição estão desaparecendo. O questionário serve como uma validação coletiva, mostrando que as percepções e memórias sobre Dona Maria não são apenas uma narrativa individual, mas sim um reflexo do reconhecimento da comunidade, reforçando a ideia de que a história local é um patrimônio de todos. Como produto da pesquisa, será elaborado um livro que narrará a história de Maria, além disso, sobre a Ilha dos Valadares desde seus primórdios, destacando a construção da primeira escola na região e o papel fundamental desempenhado por Maria Siqueira Damasceno. Esse livro estará disponível em todas as escolas da ilha, como um recurso pedagógico para que os docentes possam integrá-lo ao seu dia a dia, promovendo a preservação da história local, com círculos de diálogos realizados com os gestores e professores das instituições de ensino, para que o livro fique disponível nas dependências de cada uma das instituições.

4.2 CÍRCULOS DE DIÁLOGOS

No dia 11 de fevereiro de 2025, a autora da pesquisa e do livro reuniu-se com a secretária municipal de educação, Me. Fabíola Arcega Soares, para apresentar o material e discutir a possibilidade de levá-lo às instituições de ensino. Coincidentemente, no mesmo dia, todas as diretoras e algumas vice-diretoras da Ilha dos Valadares estavam na SEMEDI (Secretaria Municipal de Educação e Ensino Integral) para uma reunião com a secretária. Diante dessa oportunidade, a secretária sugeriu que a autora realizasse uma apresentação do livro para o grupo.

Esse encontro marcou o primeiro Círculo de Diálogos, uma conversa produtiva, agradável e promissora. Durante a apresentação, uma diretora do Ensino de Jovens e Adultos (EJA) demonstrou interesse na iniciativa e convidou a autora para uma roda de conversa sobre o livro na Escola Municipal Edite Lobo.

Após essa primeira reunião na SEMEDI, a autora deu início a uma série de apresentações e diálogos nas instituições de ensino da Ilha dos Valadares, envolvendo gestores e equipes pedagógicas. Além de divulgar o material, cada escola recebeu um exemplar físico do livro como doação.

A programação dos Círculos de Diálogos (QUADRO 6) seguiu a seguinte agenda:

QUADRO 6 - ROTEIRO DO CÍRCULO DE DIÁLOGO SOBRE O LIVRO “DESCOBRINDO AS RAÍZES CAIÇARAS: AS HISTÓRIAS DE MARIA SIQUEIRA DAMASCENO”.

Data	Instituição visitada	Objetivos	Metodologia	Resultados
11/02/2025 (terça-feira)	Secretaria Municipal de Educação e Ensino Integral (SEMEDI)	Apresentar a proposta da pesquisa à secretária de educação; promover o reconhecimento das contribuições de Dona Maria e levantar percepções sobre a memória local	Reunião no gabinete da secretária; Círculo de Diálogos com escuta ativa e roda de conversa com diretoras e vices-diretoras dos CMEIS e Escolas da Ilha dos Valadares e diretora do EJA.	A reunião se transformou em um Círculo de Diálogos espontâneo com as gestoras da Ilha dos Valadares, já presentes para outra agenda com a secretária, onde a mesma também compartilhou no Círculo de Diálogos sobre o tempo em que lecionou no Colégio Estadual “Cidália Rebello Gomes” e era colega de serviço de Dona Maria. A diretora da Escola Municipal Edite Lobo – EJA, também convidou a autora para um novo encontro com o seu corpo docente.
12/02/2025 (quarta-feira)	CMEI “Nossa Senhora dos Navegantes”	Apresentar a proposta da pesquisa; promover o reconhecimento das contribuições de Dona Maria e levantar percepções sobre a memória local	Círculo de Diálogos com escuta ativa	Durante o Círculo de Diálogos, uma professora que trabalhou com Dona Maria compartilhou lembranças da época em que atuaram juntas no Colégio Estadual “Cidália Rebello Gomes”. O reencontro com essas memórias despertou um sentimento nostálgico e

				valorizou ainda mais a trajetória de Dona Maria, evidenciando a importância de sua contribuição para a educação e a comunidade local
12/02/2025 (quarta-feira)	Escola Municipal em Tempo Integral “Graciela Almada Diaz”	Apresentar a proposta da pesquisa; promover o reconhecimento das contribuições de Dona Maria e levantar percepções sobre a memória local	Círculo de Diálogos com escuta ativa	Nesta escola, uma professora relatou com entusiasmo sua convivência com Dona Maria, que se transformou em um amiga pessoal ao longo dos anos. Ela destacou o carinho e a parceria no ambiente escolar, reforçando como era gratificante trabalhar ao lado de Dona Maria. Tamanha emoção resultou em uma dedicatória especial no livro entregue à biblioteca da escola. A professora demonstrou interesse em utilizar a obra em suas aulas, vendo nela uma oportunidade de trabalhar a identidade local com os alunos
12/02/2025 (quarta-feira)	Escola Municipal em Tempo Integral “Gabriel de Lara”	Apresentar a proposta da pesquisa; promover o reconhecimento das contribuições de Dona Maria e levantar percepções sobre a memória local	Círculo de Diálogos com escuta ativa (devido à falta de energia na escola, a visita ficou para ser reagendada)	No dia da visita nesta escola, uma queda de energia elétrica impediu um encontro coletivo com os profissionais. No entanto, a autora conseguiu dialogar com a diretora, repassando todas as informações sobre a obra, se

				colocando à disposição para eventuais dúvidas e curiosidades sobre a obra, bem como deixando também um exemplar disponível na biblioteca
12/02/2025 (quarta-feira)	CMEI "Nádia Iara Cunha"	Apresentar a proposta da pesquisa; promover o reconhecimento das contribuições de Dona Maria e levantar percepções sobre a memória local	Círculo de Diálogos com escuta ativa	Neste CMEI, a recepção foi calorosa e o diálogo foi muito produtivo. A diretora se mostrou interessada na história de Dona Maria, divulgando a proposta também para os pais e responsáveis das crianças nos canais de comunicação da instituição. Também, a diretora sugeriu que o livro fosse apresentado na Paróquia dos Navegantes, um espaço comunitário frequentado por muitas famílias da Ilha dos Valadares, de outras regiões da cidade e outras regiões do estado também. Assim, a sugestão por parte da diretora deste CMEI, reforça o papel do livro como instrumento de memória e pertencimento comunitário, que vai além de um recurso pedagógico, mas serve para a sociedade como

				um todo
13/02/2025 (quinta-feira)	Escola Municipal "Iracema dos Santos"	Promover o reconhecimento das contribuições de Dona Maria e resgatar memórias comunitárias	Círculo de Diálogos com escuta ativa	A conversa na escola Iracema foi marcada por emoção e longa duração, já que três das cinco filhas de Dona Maria lecionam na unidade. Além disso, durante a conversa foi lembrado que Dona Maria conviveu com a patrona da escola, Dona Iracema (<i>In memoriam</i>), ambas figuras importantes para a comunidade. Enquanto Dona Maria zelava pela escola com suas merendas e cuidados, Dona Iracema era conhecida por confeccionar fantasias carnavalescas. Na conversa, alguns professores relataram com carinho os tempos em que recebiam guloseimas feitas por Dona Maria, uma vez que sua residência ficava no caminho da escola, então, quando Dona Maria avistava os professores, sempre os chamavam para oferecer algo que ela preparou. O encontro também trouxe à tona a memória de importantes personagens da Ilha dos

				<p>Valadares, como o Sr. Marcílio Maia (Seu Duca), amigo de Dona Maria e pai de uma professora da escola; o Sr. Norberto Korsanke (<i>In memoriam</i>), compadre de Dona Maria e pai de educadoras locais; o Sr. Zeca (Seu Zequinha), fandangueiro, vizinho e amigo próximo de Dona Maria e Dona Ana, companheira de trabalho de Dona Maria, amiga pessoal e comadre, também atuava como zeladora e merendeira do colégio. Essas memórias fortalecem a identidade cultural e coletiva da comunidade</p>
13/02/2025 (quinta-feira)	CMEI “Arcelina Ana de Pina”	Apresentar a proposta da pesquisa; promover o reconhecimento das contribuições de Dona Maria e levantar percepções sobre a memória local	Círculo de Diálogos com escuta ativa	<p>Neste espaço, muito da história de Dona Maria permanece vivo, pois sua filha foi diretora do CMEI por 14 anos, trazendo consigo saberes da cultura caiçara herdados da mãe. Elementos como desde as cortinas das salas de aula, até a metodologia de ensino e tratamento com as crianças carregam marcas desta cultura, tornando-se referência na Ilha dos Valadares e na cidade como um todo, sendo a</p>

				<p>única instituição de ensino com um grupo de fandango e que promove aulas de campo no barco pela Baía de Paranaguá, com as crianças e suas famílias. Durante a visita, os professores comentaram que será elaborado um mural com figuras emblemáticas da cultura local, incluindo Dona Maria. Além disso, a atual gestora, que também é formadora do curso Leitura e Escrita na Educação Infantil (LEEI), convidou a autora para um roda de conversa e apresentação do livro durante uma das formações, reforçando a valorização da memória e da tradição</p>
14/02/2025 (sexta-feira)	Colégio Estadual "Cidália Rebello Gomes"	Valorizar a trajetória profissional de Dona Maria, que atuou na escola por 27 anos	Círculo de Diálogos com escuta ativa	<p>Essa escola foi o local em que Dona Maria trabalhou por 27 anos. Lá, hoje atua sua filha caçula como coordenadora pedagógica. Durante o encontro, foi lembrada também a companheira de trabalho e comadre de Dona Maria, Dona Ana, que também dedicou seu zelo, seu carinho e sua atenção durante</p>

				<p>anos no colégio. O livro foi disponibilizado na biblioteca e, segundo a equipe pedagógica, foi emprestado por diversos alunos que o levaram para casa, para ler com suas famílias. O movimento espontâneo de circulação da obra entre os estudantes gerou um sentimento coletivo de pertencimento e orgulho, conectando as novas gerações com suas raízes caíçaras</p>
14/02/2025 (sexta-feira)	Escola Municipal "Edite Lobo" – Educação de Jovens e Adultos	Apresentar a proposta da pesquisa; promover o reconhecimento das contribuições de Dona Maria e levantar percepções sobre a memória local	Círculo de Diálogos com escuta ativa	<p>Inicialmente, fora do roteiro da pesquisa, a visita à escola Edite Lobo aconteceu por convite da gestora. Lá, a autora encontrou uma que também trabalhou com Dona Maria no Colégio Cidália, no início de sua carreira. Ela relembrou a dedicação de Dona Maria à escola e seu cuidado não apenas com os alunos, mas também com os professores, oferecendo lanches e palavras de acolhimento. Durante o encontro, uma das professoras convidou a autora para, futuramente,</p>

				visitar sua sala de aula e conversar com os alunos sobre as figuras caiçaras locais, mostrando o potencial pedagógico da pesquisa para diversas áreas do currículo, até mesmo, a educação de jovens e adultos
18/02/2025 (terça-feira)	Escola Municipal de Educação Especial “Profª. Eva Tereza Amarente Cavani”	Apresentar a proposta da pesquisa; promover o reconhecimento das contribuições de Dona Maria e levantar percepções sobre a memória local	Círculo de Diálogos com escuta ativa	Na Escola Eva Cavani, uma das netas de Dona Maria atua como secretária geral. O corpo docente da escola é composto em grande parte por profissionais experientes e entre eles, cerca de cinco professoras que estavam iniciando suas carreiras na época em que trabalharam com Dona Maria. Durante o diálogo, foram compartilhadas lembranças afetivas do tempo em que atravessavam o Rio Itiberê para chegar ao Colégio Cidália, além do carinho e da dedicação com que Dona Maria tratava a todos no ambiente escolar
28/02/2025 (sexta-feira)	Formação Leitura e Escrita na Educação Infantil (LEEI) – Escola Municipal em Tempo Integral “Nascimento Junior”	Compartilhar a trajetória de Dona Maria com professores de diversas regiões de Paranaguá	Apresentação do livro e Círculo de Diálogos com escuta ativa	O encerramento do roteiro dos Círculo de Diálogos ocorreu durante a formação do curso Leitura e Escrita na Educação Infantil (LEEI), na Escola

				<p>Nascimento Júnior. O encontrou extrapolou o espaço geográfico da Ilha dos Valares e atingiu educadores de várias instituições de ensino do município. Muitos se emocionaram com a trajetória de Dona Maria, fizeram perguntas sobre sua vida e destacaram o modo como suas filhas hoje seguem os passos da mãe, trabalhando com dedicação na escola e na sala de aula. O interesse pelo livro foi imediato, e a obra passou a ser reconhecida como material para trabalhar a cultura local, as memórias comunitárias e o sentimento de pertencimento nas práticas pedagógicas. Assim, o encerramento do Círculo de Diálogos mostrou que não foi um ponto final, mas o início de novas possibilidades de encontros e reflexões futuras</p>
--	--	--	--	--

FONTE: A autora (2025).

Além das visitas presenciais, foi enviado um comunicado nos grupos de WhatsApp das instituições com informações sobre o livro e sua disponibilização.

A autora também se colocou à disposição para esclarecer dúvidas e ampliar o diálogo sobre o material, como segue abaixo:

Olá a todos! Meu nome é Geovana Damasceno de Macedo, sou pesquisadora do IFPR, mestranda no (PPGCTS/IFPR) e no (PROFCIAMB/UFPR).

Venho divulgar meu livro: "Descobrimo as Raízes Caiçaras: As Histórias de Maria Siqueira Damasceno". Nele, compartilho as histórias da minha bisavó, Dona Maria, uma mulher caiçara que dedicou parte de sua vida à educação e à cultura na Ilha dos Valadares.

Além das narrativas, o livro conta com um capítulo especial voltado aos professores, com sugestões de como utilizar esse conteúdo como referência curricular para diferentes níveis de ensino, promovendo uma abordagem interdisciplinar.

O livro está disponível fisicamente nas dependências da instituição. Para quem deseja uma cópia física exclusiva, é possível entrar em contato pelo telefone: (41) 99777-8147 ou adquiri-lo o E-book através dos links:

https://www.amazon.com.br/dp/B0DV4W1GTQ?ref=cm_sw_r_ffobk_mwn_dp_EC25WQ1QV8XJ9Y2BCFYX&ref_=cm_sw_r_ffobk_mwn_dp_EC25WQ1QV8XJ9Y2BCFYX&social_share=cm_sw_r_ffobk_mwn_dp_EC25WQ1QV8XJ9Y2BCFYX&language=en_US&skipTwisterOG=1&bestFormat=true&newOGT=1

https://books.google.com.br/books?id=031BEQAAQBAJ&newbks=0&printsec=frontcover&pg=PP1&dq=descobrimo+as+raizes+cai%C3%A7aras&hl=ptBR&source=newbks_fb&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false

Agradeço pela atenção e espero que, ao explorar essas páginas, vocês possam encontrar a mesma beleza que eu no processo de escrita.

QUADRO 7 – REGISTROS FOTOGRÁFICOS DAS DOAÇÕES E DIVULGAÇÃO DO LIVRO “DESCOBRINDO AS RAÍZES CAIÇARAS: AS HISTÓRIAS DE MARIA SIQUEIRA DAMASCENO” E CÍRCULO DE DIÁLOGOS NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO.

Roteiro	Fotos das visitas
---------	-------------------

Roteiro: Primeira instituição visitada, CMEI “Nossa Senhora dos Navegantes”, na foto, a autora fazendo a doação do livro após o Círculo de Diálogos e a Diretora Janaína



Roteiro: Segunda instituição visitada, Escola Municipal em Tempo Integral “Graciela Almada Diaz”, na foto, a autora fazendo a doação do livro após o Círculo de Diálogos, com a vice-diretora Caroline e a pedagoga Ivete



Roteiro: Terceira instituição visitada, Escola Municipal em Tempo Integral “Gabriel de Lara”, na foto, a autora fazendo a doação do livro com a diretora Karine



Roteiro: Quarta instituição visitada, CMEI “Nádia Iara Cunha”, na foto, a autora fazendo a doação do livro após o Círculo de Diálogos com a diretora Tatiane, a pedagoga Shirley e a professora Edmary



Roteiro: Quinta instituição visitada, Escola Municipal “Iracema dos Santos”, na foto, a autora fazendo a doação do livro após o Círculo de Diálogos, com a diretora Rosângela, a professora Jucimari, professora, Lúcia Helena e professora Terezinha do Rocio (filhas de Dona Maria)



Roteiro: Sexta instituição visitada CMEI “Arcelina Ana de Pina”, na foto, a autora fazendo a doação do livro após o Círculo de Diálogos, com o pedagogo Christopher, professora Ednéia, professora Laudicéia, professora Roseli, professora Luciana, professora Jucimara e professora Ana Marlize



Roteiro: Sétima instituição visitada, Colégio Estadual “Cidália Rebello Gomes”, na foto, a autora fazendo a doação do livro após o Círculo de Diálogos, com a pedagoga Lúcia Helena (filha de Dona Maria)



Roteiro: Oitava instituição visitada, Escola Municipal “Edite Lobo – EJA”, na foto, a autora divulgando o livro após o Círculo de Diálogos, com a diretora Edimar



Roteiro: Nona instituição visitada, Escola Municipal de Educação Especial “Profª. Eva Tereza Amarante Cavani”, na foto, a autora fazendo a doação do livro após o Círculo de Diálogos, com a diretora Solange



Roteiro: Décima instituição visitada, Formação Leitura e Escrita na Educação Infantil (LEEI) – Escola Municipal em Tempo Integral “Nascimento Júnior”, na foto, a autora com a formadora do LEEI, Gabriela, supervisora da SEMEDI, Márcia e diversas professoras da rede municipal de ensino de Paranaguá/PR



FONTE: A autora (2025).

As visitas (como mostram as imagens acima) às instituições de ensino e a realização dos Círculos de Diálogo foram passos fundamentais para fortalecer o vínculo entre a educação formal e os saberes populares caiçaras. A ampla participação de gestores, professores e comunidade escolar demonstrou o interesse e a necessidade de reconhecer e valorizar as tradições locais dentro do ambiente educacional. Como destaca Vieira (2021), “a prática circular pode ser entendida como uma ferramenta que contribui no processo de escuta grupal ou coletiva e promoção das conexões afetivas e emocionais intra e intersubjetivas” (p. 1).

O diálogo aberto proporcionado por esses encontros reforçou a importância da oralidade e da memória coletiva como ferramentas pedagógicas, promovendo uma educação mais contextualizada e significativa. A adoção do Método Dialético evidenciou os desafios e as potencialidades desse processo, apontando caminhos para integrar a cultura caiçara ao currículo escolar de forma crítica e reflexiva. Como ressalta Kosik (1976, p. 22), “a destruição da pseudoconcreticidade como método dialético-crítico... é apenas o outro lado da dialética, como método revolucionário de transformação da realidade e para que o mundo possa ser explicado 'criticamente”.

Além da disseminação do livro *Descobrimo as Raízes Caiçaras: A História de Maria Siqueira Damasceno*, as visitas despertaram o interesse de diferentes segmentos da educação, incluindo o Ensino de Jovens e Adultos (EJA), ampliando o impacto da pesquisa. A presença das filhas de Dona Maria em um dos encontros trouxe um componente afetivo e histórico que fortaleceu ainda mais o propósito da obra.

Dessa forma, os Círculos de Diálogo não se limitaram a momentos pontuais, mas abriram espaço para a continuidade desse debate e para futuras ações que valorizem a cultura caiçara como parte essencial da identidade da Ilha dos Valadares. A pesquisa se consolidou como um exemplo de como a educação pode ser um agente de transformação social, promovendo o pertencimento e o reconhecimento das raízes culturais no processo de ensino-aprendizagem.

4.3 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO E DO CÍRCULO DE DIÁLOGOS: UM DIÁLOGO COM A REVISÃO DA LITERATURA

A realização do questionário com as pessoas que conviveram com Dona Maria e dos Círculos de Diálogos com os(as) profissionais da educação das instituições da Ilha dos Valadares foi importante para compreender de maneira sensível as percepções sobre Dona Maria Siqueira Damasceno e suas contribuições na cultura caiçara como agente educacional.

No questionário, composto por perguntas abertas e enviado antecipadamente aos participantes, emergiram relatos que ressaltaram o papel de Dona Maria como merendeira, zeladora e mulher de saberes múltiplos. Durante os diálogos tanto com os respondentes do questionário, quanto os educadores que conheceram Dona Maria, uma das falas que mais se repetiu foi: “Dona Maria cuidava das pessoas com carinho com seu jeito acolhedor e carinhoso”. Essa memória afetiva presente nos relatos aponta para a força pedagógica da oralidade, da escuta e da presença, que se destacam como instrumentos de educação popular e comunitária.

Essa prática está diretamente conectada ao pensamento de Paulo Freire (1996, p. 25), que afirma: “Ninguém ignora tudo, ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa, todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso, aprendemos sempre.” Freire defende a valorização dos saberes populares como elemento central para a construção de uma pedagogia libertadora, fundamentada no diálogo e na escuta ativa.

Nos Círculos de Diálogos, realizados em cada uma das instituições participantes, a escuta sensível e o compartilhamento foram os fios condutores. professores(as), gestores(as) e agentes educacionais se reuniram em rodas formadas para dialogar sobre memória, identidade e pertencimento. A presença simbólica de Dona Maria nesses encontros despertou lembranças carregadas de afeto e respeito.

Essa vivência se aproxima do que Carlos Frederico Loureiro propõe em *Questões de Vida: Educação Ambiental e Prática Educativa* (2006), quando destaca que a educação ambiental crítica deve promover a reconexão dos sujeitos com a vida, com o território e com os saberes historicamente construídos: “Educar para a vida é educar para o vínculo, para o afeto, para a história e para o sentido de pertencimento” (Loureiro, 2006, p. 71). Nesse sentido, a história de Dona Maria representa uma prática pedagógica viva, situada e coerente com os fundamentos de uma educação transformadora, que nasce da experiência e da coletividade.

Milton Santos (1996, p. 252), ao refletir sobre o território como espaço de experiência, nos lembra que “o espaço é o lugar onde os processos sociais se materializam. Ele é, ao mesmo tempo, produto e produtor das

relações sociais”. Assim, a atuação de Dona Maria, situada na Ilha dos Valadares, ultrapassa a lógica do espaço físico e se inscreve como território afetivo, simbólico e educativo. É nesse espaço vivido que os saberes populares ganham sentido e podem dialogar com a escola.

No entanto, entre os diálogos, alguns professores também revelaram que, embora haja um desejo de incorporar essas memórias e saberes ao cotidiano escolar, muitos profissionais ainda não se sentem preparados para realizar uma aula sobre esses saberes com figuras locais. Essa tensão é reflexo do que Kosik (1976, p. 84) chama de realidade concreta, marcada por contradições sociais profundas: “A realidade concreta é a totalidade das relações sociais contraditórias vividas no cotidiano.”

Brandão (2002, p. 43), por sua vez, reforça que a educação se faz também fora da escola, nos encontros entre sujeitos e nos aprendizados informais: “Educação é o que a gente aprende com a vida e com os outros.” Isso ficou nítido nos relatos sobre Dona Maria, cuja atuação educativa era permeada pela sensibilidade e pelo respeito ao outro. A escola, portanto, precisa reconhecer que há saberes populares legítimos além dos manuais didáticos e que a história local é um poderoso instrumento pedagógico, pois Dona Maria e as demais figuras populares entendem da terra, do mar, da fé e do cotidiano vivido em comunidade.

Ao final dos Círculos, emergiu um sentimento de pertencimento à Ilha e de valorização da memória coletiva. Paulo Freire (1983, p. 47) já alertava que “a escola tem que ser um espaço onde se aprende a ler o mundo, não apenas as palavras.” E, a partir dessa escuta, percebemos que o mundo que se quer ler está nas histórias dos mais velhos, nas práticas de cuidado, na sabedoria silenciosa que se transmite nos quintais e nas cozinhas.

Ao final dos Círculos, emergiu um sentimento de pertencimento à Ilha e de valorização da memória coletiva. Paulo Freire (1983, p. 47) já alertava que “a escola tem que ser um espaço onde se aprende a ler o mundo, não apenas as palavras.” E, a partir dessa escuta, percebemos que o mundo que se quer ler está nas histórias dos mais velhos, nas práticas de cuidado, na sabedoria silenciosa que se transmite nos quintais e nas cozinhas.

Em síntese, o Questionário e os Círculos de Diálogos forneceram dados importantes para esta pesquisa, provocando a reflexão e o pertencimento. A partir do diálogo com os autores que embasam esta investigação, Freire, Brandão, Loureiro, Santos e Kosik, reafirma-se a importância de uma educação que valorize os sujeitos históricos do território, suas experiências, suas narrativas e seus saberes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa, que resultou na elaboração do livro *Descobrendo as Raízes Caiçaras: A História de Maria Siqueira Damasceno*, evidenciou a importância de integrar a cultura caiçara ao ambiente educacional da Ilha dos Valadares. Os Círculos de Diálogo promoveram um espaço de escuta e reflexão, permitindo que gestores e educadores reconhecessem e valorizassem as tradições locais como parte fundamental da identidade cultural da região.

Diante disso, a pesquisa buscou compreender como a trajetória de Dona Maria pode orientar estratégias pedagógicas que integrem tradição e ensino formal, considerando tanto os desafios quanto as oportunidades desse processo. Nesse sentido, a pesquisa foi satisfatória, pois a apresentação do livro nos Círculos de Diálogo abriu portas para que a obra fosse compartilhada em outras instituições, além de ser tema de uma formação de professores sobre leitura e escrita na Educação Infantil e a autora ir como convidada.

Durante as conversas e visitas nas instituições de ensino, algumas professoras que trabalharam com Dona Maria relembrou suas práticas e destacaram como seu legado — marcado pela generosidade, pelo afeto e pelo amor à profissão — ainda inspira suas ações em sala de aula. Além disso, ex-alunas que hoje atuam como professoras relataram que, na época em que estudavam, a casa de Dona Maria chegou a servir como refeitório da escola enquanto o local passava por reformas, demonstrando seu compromisso e dedicação à comunidade escolar.

As visitas às instituições de ensino possibilitaram a disseminação do material, o fortalecimento dos vínculos entre a educação formal e os saberes

populares. O envolvimento e o interesse demonstrados pelos profissionais da educação reforçaram a necessidade de uma abordagem pedagógica que respeite e incorpore as particularidades culturais dos alunos, tornando o ensino mais contextualizado e significativo.

O diálogo aberto durante os encontros estimulou uma maior conscientização sobre a importância da oralidade e da memória coletiva, evidenciando o potencial da educação como agente de mudança social. Ao promover a reflexão crítica e o sentimento de pertencimento, a pesquisa se consolidou como uma iniciativa, incentivando outras ações voltadas à valorização das culturas locais nas escolas e à valorização de figuras como Dona Maria.

Outro aspecto relevante foi a participação das filhas de Dona Maria em dois encontros dos Círculos de Diálogo, o que acrescentou uma dimensão afetiva e histórica à pesquisa. Esse envolvimento reforçou a importância da transmissão intergeracional do conhecimento e do fortalecimento da identidade cultural, contribuindo para a construção de um ambiente escolar que reconheça e respeite a trajetória de seus protagonistas.

Em síntese, a pesquisa e as ações desenvolvidas demonstram que é possível criar um ambiente educativo que valorize as raízes culturais e contribua para a formação de cidadãos críticos e conscientes de sua identidade. A continuidade dos Círculos de Diálogo e a implementação de futuras iniciativas são passos para garantir que a cultura caiçara permaneça viva no cotidiano escolar, consolidando a educação como um espaço de transformação e reconhecimento das diversidades culturais.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A educação como cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Educação popular. 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. 48. ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; et al. Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Parecer CNE/CEB nº 07, de 07 de abril de 2010. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Brasília, DF: MEC/CNE/CEB, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 03 abr. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (DCNEB). Resolução CNE/CEB nº 4, de 13 de julho de 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=4824-rceb004-10&category_slug=agosto-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 14 mai. 2024.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 14 mai. 2024.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 14 mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 14 mai. 2024.

BRIZUELA, Juan Ignacio; BARROS, José Márcio. Políticas Culturais e Território na América Latina: Diálogos conceituais entre Néstor García Canclini, Rodolfo Kusch e Milton Santos. *PragMATIZES: Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura*, p. 22-36, 2015.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CONCEIÇÃO, Gislene Angélica. Identidade cultural e o sentimento de pertencimento. *Revista Signos*, v. 39, n. 1, 2018.

DA SILVA, Renata Lopes; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. Milton Santos e a educação.

DE PAULA, Elenice; ZALUSKI, Jorge Luiz. Gênero, interseccionalidade e ensino de história. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo*, v. 4, p. e49167-e49167, 2022.

DE SOUSA, Érica Maria; DE HOLANDA, Maria dos Livramento; SANTANA, Isabel Cristina Higino. O uso do Canva e Padlet como recurso educativo para o ensino de ciências por investigação. *Humanidades e Tecnologia (FINOM)*, v. 35, n. 2, p. 289-299, 2022.

DOS SANTOS, Marcio Antonio Raiol; et al. Estado da arte: aspectos históricos e fundamentos teórico-metodológicos. *Revista Pesquisa Qualitativa*, v. 8, n. 17, p. 202- 220, 2020.

FOLHA DO LITORAL. Cidália Rebelo Gomes. Disponível em: <https://folhadolitoral.com.br/instituto-historico-e-geografico-de-paranagua/cidalia-rebelo-gomes>. Acesso em: 23 set. 2024.

FRANCO, Paulo Cesar. Oficinas de fandango caiçara como vivência de educação popular na Associação dos Jovens da Jureia - AJJ/Barra do Ribeira Iguape SP: reafirmando o potencial das comunidades tradicionais caiçaras. 2015.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1983.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HALL, Stuart. Identidade cultural na pós-modernidade. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KAWAGUCHI, Renata Castro Cardias. Identidade e hibridismo cultural: aspectos folkcomunicações da cultura caiçara no Vale do Ribeira-SP.

KOSIK, Karel. Dialética do concreto. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KOSIK, Karel. Dialética do concreto. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

- NASCIBEM, Fábio Gabriel; VIVEIRO, Alessandra Aparecida.** Para além do conhecimento científico: a importância dos saberes populares para o ensino de ciências. *Revista Interações*, v. 11, n. 39, 2015.
- PITANO, Sandro de Castro; NOAL, Rosa Elena.** Horizontes de diálogo em educação ambiental: contribuições de Milton Santos, Jean-Jacques Rousseau e Paulo Freire. *Educação em Revista*, v. 25, p. 283-298, 2009.
- RAMBO, Ricardo Albino.** Emancipação na perspectiva de Paulo Freire. *Revista Ibc*, p. 1-9, 2016.
- ROSSETTO, Elisabeth; CASTRO, Solange de.** Teoria e prática no referencial curricular do Paraná: implicações no desenvolvimento do psiquismo humano. Disponível em: <https://orcid.org/0000-0002-4581-2446>. Acesso em: 03 abr. 2025.
- SANTOS, Milton.** A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SARRAFF, Elizangela; FAGUNDES, Maurício Cesar Vitória.** A partilha dos saberes da cultura popular caiçara com os conhecimentos da escola. *Observatório de la Economía Latinoamericana*, v. 21, n. 11, p. 21249-21262, 2023.
- SILVA, A. L.** Educação e saberes locais: desafios e possibilidades na BNCC. São Paulo: Editora XYZ, 2020.
- SILVA, A. L.; SOUZA, M. R.** Educação e saberes locais: desafios e possibilidades na BNCC. São Paulo: Editora XYZ, 2020.
- VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de.** O Estado da Arte ou o Estado do Conhecimento. *Educação*, v. 43, n. 3, 2020.
- SILVA, Silvana do Nascimento; LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo.** As vozes de professores-pesquisadores do campo da educação ambiental sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação Infantil ao Ensino Fundamental. *Ciência & Educação (Bauru)*, v. 26, p. e20004, 2020.
- TUAN, Yi-Fu.** Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.
- VIEIRA, Tânia Mara Menezes.** Práticas circulares com Paulo Freire entre nós: escuta em diálogo do nós por nós para além da relação eu-tu. *Revista Pedagogia Social UFF*, v. 11, n. 1, 2021.

XAVIER, Patrícia Maria Azevedo; FLÔR, Cristhiane Carneiro Cunha. Saberes populares e educação científica: um olhar a partir da literatura na área de ensino de ciências. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)*, v. 17, p. 308- 328, 2015.

APÊNDICE A – PRODUTO TÉCNICO-TECNOLÓGICO – DESCOBRINDO AS RAÍZES CAIÇARAS: AS HISTÓRIAS DE MARIA SIQUEIRA DAMASCENO

Descobrimdo as Raízes Caiçaras: As Histórias de Maria Siqueira Damasceno



Geovana Damasceno de Macedo

Universidade Federal do Paraná

2025

Descobrimo as Raízes Caiçaras: As Histórias de Maria Siqueira Damasceno

Escrito por: Geovana Damasceno de Macedo



**Dedico este livro com carinho à Dona
Maria Siqueira Damasceno (In memoriam)
e à comunidade da Ilha dos Valadares.**

Sumário

Prefácio.....	1
Introdução.....	2
Capítulo 1: Raízes na Ilha dos Valadares.....	5
Capítulo 2: Memórias da Bisavó.....	16
Capítulo 3: Festas e Tradições.....	24
Capítulo 4: A Vocação pela Educação.....	32
Capítulo 5: Integração no Currículo Escolar... 	40
Considerações Finais.....	49
Referências.....	50

Prefácio

Este livro foi criado e escrito por Geovana Damasceno de Macedo, nascida em Paranaguá, Paraná. Geovana cresceu na Ilha dos Valadares, um lugar especial em seu coração e que moldou suas memórias e vivências. A autora conviveu e experienciou o carinho e a sabedoria de sua bisavó, Maria Siqueira Damasceno (*in memoriam*).

Maria Siqueira Damasceno desempenhou um papel fundamental na vida de Geovana, influenciando não apenas em sua educação, mas também inspirando seus outros filhos, netos e bisnetos a seguirem carreiras que ela mesma não teve a oportunidade de perseguir, sobretudo, no setor educacional. Esse legado de determinação e sonho se reflete nas páginas deste livro, onde Geovana entrelaça as histórias e ensinamentos herdados de sua bisavó com o território, espaço e lugar, que nos ensinam sobre o pertencer.

A Ilha dos Valadares não é apenas o cenário de memórias, mas também um território amado que serve de pano de fundo para muitas das histórias caiçaras contadas aqui. É com carinho e respeito que Geovana dedica este trabalho à sua bisavó, à sua família e à comunidade da Ilha dos Valadares, celebrando suas raízes caiçaras e homenageando a mulher que foi uma das grandes protagonistas em sua formação.

Espero que os leitores encontrem nestas páginas a mesma beleza que Geovana encontrou em sua vida na Ilha dos Valadares, e que sintam a profunda influência de Maria Siqueira Damasceno em cada palavra escrita. Este livro é um tributo ao amor, à resiliência e à herança de uma mulher que nunca deixou de sonhar.

Boa leitura!



Introdução

Este livro é o resultado da Dissertação de Mestrado de Geovana Damasceno de Macedo, mestre em Ciências Ambientais pelo Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB). Como um produto técnico-tecnológico educacional, ele vai além de uma simples obra literária: é uma celebração das memórias, tradições e do poder transformador da educação, tendo como cenário a encantadora Ilha dos Valadares, em Paranaguá.

Com histórias pessoais e relatos familiares, o livro nos convida a mergulhar nas raízes caiçaras, onde a conexão com a terra, os valores culturais e a paixão pelo aprendizado moldaram gerações. Em suas páginas, somos transportados para a Ilha dos Valadares, um lugar onde manguezais e rios emolduram a paisagem, definem o ritmo de vida e o espírito comunitário de seus habitantes.

O primeiro capítulo, é uma introdução a esse cenário tão característico, um ambiente natural que inspira simplicidade, respeito e uma conexão com o entorno. A Ilha dos Valadares é um lugar e um reflexo da harmonia entre homem e natureza, moldando o cotidiano de quem ali vive.

O segundo capítulo mergulha nas memórias e narrativas que Dona Maria contava a Geovana. Por meio de relatos repletos de afeto e nostalgia, conhecemos as tradições familiares que marcaram sua trajetória.

Introdução

Essas histórias, ao mesmo tempo singulares, revelam o senso de pertencimento e identidade que brota das vivências compartilhadas em uma comunidade.

No terceiro capítulo, adentramos o universo dos sabores e saberes que atravessam gerações. A culinária caseira, as receitas familiares e os momentos em torno da mesa são mais do que um registro cultural: representam uma linguagem de amor e pertencimento, fortalecendo laços e perpetuando tradições que conectam passado e presente.

Já no quarto capítulo, a educação é apresentada como um poderoso agente de transformação, representada pela figura inspiradora de Dona Maria. Mesmo sem ter frequentado uma escola, Maria vislumbrou na educação o caminho para um futuro melhor e plantou em sua família o amor pelo aprendizado. Seu legado de dedicação ecoou em gerações de educadoras, que hoje levam sua visão transformando vidas por onde passam.

Por fim, no quinto capítulo, o livro transcende a narrativa pessoal e se torna um recurso pedagógico. Ele apresenta formas de integrar suas histórias ao currículo escolar, conectando disciplinas como história, geografia, literatura e estudos sociais às vivências ricas da Ilha dos Valadares. Essas histórias enriquecem o aprendizado formal e também incentivam alunos e professores a refletirem sobre pertencimento, diversidade cultural e emancipação.

Introdução

Dividido em capítulos que entrelaçam memória, geografia, cultura e educação, este livro ultrapassa as fronteiras de um relato familiar. Ele é um testemunho de como as experiências vividas em uma comunidade singular podem ecoar além de suas margens, inspirando reflexões sobre identidade, pertencimento e o impacto transformador da educação.

Ao longo dessas páginas, conhecemos a força visionária de Dona Maria e o impacto de seu legado nas gerações que a sucederam. Descobrimos também como a rica história e cultura da Ilha dos Valadares podem ser celebradas e integradas ao aprendizado de crianças, jovens e adultos, proporcionando uma conexão significativa entre o passado e o futuro.

Este livro não é apenas um registro de histórias marcantes, mas um convite à valorização das raízes que nos sustentam e das tradições que nos moldam. Que ele inspire o reconhecimento da educação como ferramenta de transformação e da importância de preservar a herança cultural que define nossa identidade.

Seja bem-vindo à Ilha dos Valadares, um lugar onde o passado e o presente se encontram, e as histórias de uma família se conectam à história de uma comunidade inteira. Que esta leitura desperte em você, leitor, o desejo de aprender, ensinar e perpetuar legados que transformam vidas.

Raízes na Ilha dos Valadares

A Ilha dos Valadares é mais do que um simples ponto no mapa; é um refúgio de memórias e histórias para aqueles que, como Geovana, tiveram o privilégio de crescer entre ruas de areia e hexágonos, com suas casas variadas — algumas simples, outras modernas e sempre aconchegantes. Em cada esquina, é possível ver bicicletas, o meio de transporte mais utilizado pelos moradores, enquanto a carrocinha leva as crianças para a escola, compondo uma cena que reflete a alma da comunidade. Desde pequena, Geovana aprendeu a admirar cada detalhe da ilha, cercada pelos manguezais e pela maré, e a reconhecer tanto suas belezas quanto suas necessidades — aqueles desafios que devem ser enfrentados para que a vida ali seja marcada pelos direitos que a cidade pode oferecer.

Neste primeiro capítulo, Geovana convida a viajar por suas memórias de infância, apresentando as paisagens e as pessoas que moldaram sua vida, revelando o profundo legado de Dona Maria Siqueira Damasceno. Esta é uma jornada de descoberta e de celebração das raízes que sustentam não apenas a autora, mas também uma comunidade inteira.



5

Rio Itiberê - Ilha dos Valadares. Vista da casa da Dona Maria.

Raízes na Ilha dos Valadares

A vida na Ilha dos Valadares é marcada por um forte senso de comunidade e pertença. Os moradores, muitos deles pescadores, artesãos, trabalhadores do porto e do comércio local, compartilham não apenas o espaço físico, mas também suas histórias e tradições.

Essas experiências tecem uma rede de apoio e solidariedade entre os habitantes, criando laços que se estendem por gerações e preservam a identidade única da Ilha.



Vista do pôr do sol no quintal da Dona Maria.



Crianças indo à escola de carrocinha.



Vista da Ilha dos Valadares para o continente.

Raízes na Ilha dos Valadares

Geovana convivia muito com sua amorosa bisavó, Maria Siqueira Damasceno, uma figura de grande importância e inspiração. Maria, apesar de todas as dificuldades que enfrentou na vida, era uma mulher de sabedoria, força e fé inabaláveis. Ela transmitiu a Geovana não apenas conhecimentos práticos, como o cultivo da terra e as tradições culinárias da família, mas também valores fundamentais, como a importância da educação e da resiliência.



7
Neste dia, Geovana havia levado hortelã para Dona Maria fazer quibe, e ela estava admirada com o tamanho da folha do hortelã.



Geovana, ao se despedir, resolveu registrar esse momento. Dona Maria, em sua casa de madeira com seu gato aos fundos.

Raízes na Ilha dos Valadares

Maria, nasceu no município de Guaraqueçaba, logo perto da divisa com o estado de São Paulo, mais conhecido como caminho do Varadouro, ela contava que com suas lembranças de pouco menos de 5 anos, em sua primeira infância, vivia com seus pais e irmãos em um lindo sítio que obtinha 200 alqueires de terra e que tinha até um rio que passava por seu quintal, pode-se dizer que, até seus 5 anos de idade, teve uma infância feliz e digna, pois sua vida em meio a natureza e com sua família, fez ela de ter seu direito enquanto criança.

Porém, sua vida vira do avesso quando seus pais morrem, Maria e seus irmãos ficam órfãos, sendo obrigados a deixarem a vida em Guaraqueçaba e enfrentar os desafios da nova vida na cidade de Paranaguá. Então, Maria e suas irmãs (as meninas), foram morar na casa de seus padrinhos, um casal árabe que morava na rua XV De Novembro, e seus irmãos homens, foram cada um para a casa de alguns parentes mais próximos. A vida de Maria nessa nova casa não foi feliz e nem um pouco digna, pois teve seu direito de infância roubado quando teve que trabalhar de empregada doméstica aos 6 anos de idade para que em troca, ela e suas irmãs tivessem onde dormir e o que comer.



Visita do irmão de Dona Maria, Sr. Antônio.
Neste dia, ele foi de bicicleta visita-lá, com quase seus 100 anos.



Visita de Dona Maria para sua irmã Dona Cidália.

8

Raízes na Ilha dos Valadares

Uma lembrança que ela sempre contava a Geovana era de que, como era muito pequena, não conseguia alcançar na pia da cozinha, então, pegava um banco de madeira, para que ficasse a altura e pudesse realizar o seu serviço de lavar as louças. Nessa época, ela aprendeu a ler e escrever, com suas irmãs em casa, como frequentava a Missa na Catedral Diocesana Nossa Senhora do Rosário, aprendeu algumas palavras do latim, pois naquela época a missa era rezada nessa língua, também sabia algumas palavras em árabe, também sabia costurar, bordar e fazer fuxico, o que ela mais amava (Geovana aprendeu com ela e fez uma colcha, porém, ela conseguiu ver apenas a metade da colcha pronta antes de falecer), pode-se dizer, que ela era autodidata, realizando tarefas sozinha, sem a ajuda, e o amparo necessário, tão jovem... Nessa casa, ela também aprendeu a cozinhar, e a cozinhar muito bem, tanto que refletiu em seu futuro, criando até uma paixão por isso... Foram longos e dolorosos anos nesta casa, mas logo na sua juventude, conheceu Jurandir, bisavô (*in memoriam*) de Geovana, que logo casou-se, se mudando para Prainha Ponta de Ubá e tendo seus filhos.



9

Esse foi o primeiro fuxico que Dona Maria ensinou a Geovana fazer.



Resultou em uma colcha para cama de Geovana. Infelizmente, Dona Maria não conseguiu ver o resultado final.

Raízes na Ilha dos Valadares



30 GRAMAS de FERMENTO (PÃO)
 1/2 XÍCARA (chá) de AÇÚCAR
 2 XÍCARAS (chá) de leite morno
 1 ovo
 1/2 XÍCARA (chá) de óleo
 1 colher (chá) de SAL
 600 GRAMAS de FARINHA de TRIGO
 300 GRAMAS de FRUTAS
 130 GRAMAS de UVAS-PASSAS
 ESSENCIA de PANETONE
 ZASPAS de LARANJA

 PANETONE de
 LIQUIDIFICADO



Alguns dos grandes dotes culinários de Dona Maria...

Raízes na Ilha dos Valadares

Maria Siqueira Damasceno, apesar de sua história conturbada, construiu seu lar com muito amor e resiliência, criando seus oito filhos: Terezinha do Rocio, Geruza Fátima, Luiz César, Edmilson, Marisa, Jucimari, Josemar e Lúcia Helena. Ela sonhava em proporcionar aos filhos o que lhe foi negado: a oportunidade de estudar e conquistar uma formação. Embora nunca o tenha dito em voz alta, Geovana sempre sentiu que Maria desejava ser professora. Sua força de espírito e dedicação para ensinar e aprender com o mundo ao seu redor refletiam essa vocação não realizada.

Para tornar esse sonho realidade, Maria, seu marido e os filhos mais velhos começaram a vida em Ponta de Ubá, um lugar afastado da cidade. Como o marido trabalhava fora, cabia a Maria garantir a educação das crianças, enfrentando longas jornadas. Diariamente, ela atravessava o mar em seu pequeno barco, remando sozinha e levando os filhos ao centro da cidade para que pudessem estudar. Essa rotina desafiadora mostrava a força de seu compromisso com o futuro da família, mantendo vivo o sonho de que seus filhos pudessem alcançar as oportunidades que ela própria não teve.



||

Sr. Jurandir e Dona Maria, juntos com sua cadelinha Belinha.

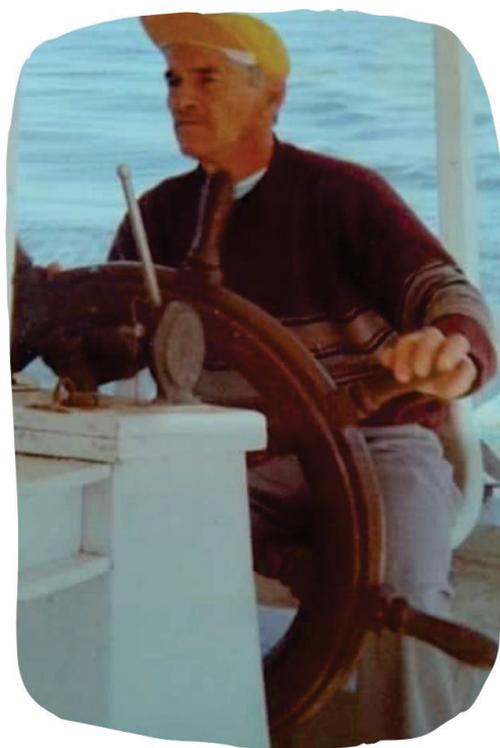
Raízes na Ilha dos Valadares

Por alguns anos, Maria manteve essa rotina desafiadora, até que seu marido conseguiu um emprego como estivador no Porto Dom Pedro II. Com essa oportunidade, a família mudou-se para a Ilha dos Valadares, e suas vidas tomaram um novo rumo. Agora, moravam em uma casa de madeira à beira da maré, de frente para o continente. Nos anos 1970, a Ilha dos Valadares ainda se estruturava, e ali a família construiu suas raízes.

Na década de 1980, uma mudança significativa ocorreu para Maria: a diretora e patrona do Colégio Cidália Rebello Gomes, Sra. Cidália Rebello Gomes (*In memoriam*), a convidou para ser merendeira da escola. Aceitar esse trabalho significava muito para Maria, que sempre teve o desejo de frequentar uma escola. Com ambos os empregos estáveis, o casal finalmente conquistou a estabilidade financeira necessária para dar aos filhos oportunidades de estudo.

Assim, Maria via seu sonho se aproximar da realidade, com seus filhos já na juventude e se dedicando aos estudos. Eles seguiram diferentes caminhos, com alguns se formando no magistério, outros em técnico de administração, além de música e dança. Ver os filhos crescendo e conquistando conhecimentos que antes ela só podia sonhar era uma realização imensa para Maria, que finalmente podia vislumbrar, por meio deles, a concretização de seu próprio sonho.

Raízes na Ilha dos Valadares



Bisavós de Geovana em suas profissões: Maria (merendeira e zeladora) e Jurandir (estivador e pescador).

Raízes na Ilha dos Valadares

Em seu novo emprego, Maria dedicou-se intensamente, desempenhando não apenas as funções de merendeira, mas também cuidando da limpeza e da conservação da escola. Seu comprometimento e carinho com o ambiente escolar conquistaram o respeito da comunidade e dos diretores da época, Levi Jorge (*in memoriam*) e Cândida Maria, que posteriormente se tornaram seus compadres. O cuidado de Maria pelo colégio e sua presença constante fizeram dela uma figura querida e respeitada, reforçando seus laços com a escola e a comunidade.



Visita da ex-diretora da escola e comadre de Dona Maria, Cândida Maria,



Levi Jorge (camisa branca), com o time de futebol da escola, comadre de Dona Maria, e ex-diretor do Colégio Cidália.

Raízes na Ilha dos Valadares

A influência de Maria ia muito além de suas tarefas diárias na escola. Com um cuidado generoso, ela levava as cortinas da escola para lavar em casa e, frequentemente, levava ingredientes de sua própria dispensa para garantir que os alunos tivessem uma refeição completa. Naquela época, muitas famílias da Ilha dos Valadares viviam em condições precárias, sem ter o que comer, e Maria tornou-se uma figura reconhecida por alimentar não só os estudantes, mas também suas famílias.

Cada aluno levava um pote de maionese reciclado para a escola, e, ao final do dia, voltava para casa com o pote cheio de comida, levando alegria e sustento para muitos lares. Seu arroz doce e sua sopa de carne com legumes tornaram-se memoráveis, e essa dedicação fez dela uma figura querida por toda a comunidade. Foram anos longos, mas prazerosos, dedicados ao serviço público, em um local que a acolheu com carinho e onde mais tarde suas filhas também trabalhariam. Lúcia Helena, uma de suas filhas, ainda atua na escola como pedagoga.



Essas fotos mostram o início do Colégio Cidália na Ilha dos Valadares.

Memórias da Bisavó

As histórias de vida de Maria Siqueira Damasceno eram como fios de ouro tecendo o tecido da infância de Geovana. Neste capítulo, Geovana vai mais fundo nas memórias de sua bisavó, uma mulher cuja presença iluminou e guiou sua juventude.

Maria era uma contadora de histórias nata. Por inúmeras tardes e noites, Geovana sentava-se para ouvir as narrativas de sua bisavó, que falava sobre tempos passados, lendas locais e contos cheios de lições. Houve até ocasiões em que Maria foi entrevistada pelo jornal local sobre as lendas caiçaras, e suas palavras reverberaram não só na TV, mas também nas redes sociais, conquistando uma audiência impressionada pela riqueza cultural que compartilhava.

Essas histórias, além de entreter, educavam Geovana, moldando sua visão de mundo e a compreensão da importância de preservar a história e as tradições de sua terra. Com o passar do tempo, a Ilha dos Valadares deixou de ser apenas um lugar físico para Geovana e tornou-se um símbolo de sua identidade e origem.



Dona Maria recebendo em sua casa um dos apresentadores da TV local de Paranaguá - PR.

Memórias da Bisavó



Voz do Litoral - TVCI
July 27, 2019 · 🌐

Pra celebrar os 371 anos de Paranaguá, a TVCI preparou um Es... See more

Para celebrar os 371 anos de Paranaguá, a TVCI preparou um Especial para homenagear essa cidade tão ...
See more

👍❤️ 575 62 🗨️ 29K 🔗

👍 Like 💬 Comment ➦ Share

Comments See

Comment as Geovana Damas...



Voz do Litoral - TVCI
September 26, 2017 · 🌐

Moradora da Ilha dos Valadares faz denúncia sobre descaso do poder público.

👍❤️ 28 3 🗨️ 3.1K 🔗

👍 Like 💬 Comment ➦ Share

Comments See

Comment as Geovana Damas...



TVCI
July 29, 2016 · 🌐

A cultura caiçara preservada na ilha dos Valadares é repleta de lendas e histórias, histórias que também estão inseridas em seus costumes, acompanhe na reportagem.

See less

👍❤️ 18 9 🗨️ 2.6K 🔗

👍 Like 💬 Comment ➦ Share

Comments See

Comment as Geovana Damas...

17 Dona Maria dando entrevistas à TVCI, tv local da cidade. Nestes dias, mais pessoas puderam ver o quanto ela era sábia e o quanto tinha a contribuir com a cultura caiçara.

Memórias da Bisavó

A ilha e suas raízes plantadas no coração de Geovana continuariam a influenciar sua vida e seu trabalho, servindo de inspiração para as histórias que ela agora compartilha por onde passa. Geovana cresceu com essas aspirações gravadas em seu coração, sabendo que cada passo que dava era, de certa forma, um cumprimento dos sonhos de sua bisavó.



Dona Maria e seu filho Luiz César.



Dona Maria e sua neta Alessandra.



Dona Maria, sua bisneta Leticia e sua tataraneta Heloisa.

18

Nessas imagens, quatro gerações.

Memórias da Bisavó

Maria, nascida em uma época de escassas oportunidades para as mulheres, especialmente em regiões isoladas, enfrentou desafios profundos ao longo de sua vida. No entanto, sua determinação, fé e espírito resiliente fizeram dela um exemplo de força incomparável. Suas histórias eram sempre repletas de lições sobre perseverança, amor à família e à comunidade, e a importância de lutar por aquilo em que se acredita. Sua coragem era ainda mais admirável por ter superado não apenas um, mas dois cânceres — de mama e de útero —, mostrando uma força extraordinária que inspirava todos ao seu redor.

Maria enfrentou cada obstáculo com uma fé inabalável no Divino Espírito Santo, no Sagrado Coração de Jesus e em Nossa Senhora dos Navegantes, protetores de cada jornada que a vida lhe impunha. Católica devota, ela rezava o Rosário religiosamente às 17h da tarde. Embora sua mobilidade a impedisse de ir à igreja, ela mantinha sua fé viva em casa. A cada primeira sexta-feira do mês, o grupo do Apostolado da Oração visitava sua residência para que ela recebesse a Comunhão Eucarística, e nas novenas de Natal, o mesmo grupo organizava as celebrações em sua casa.

Após a reza da tarde, Maria preparava um café delicioso, sempre acompanhado de alguma guloseima. O aroma de sua comida parecia atravessar os muros e paredes, atraindo vizinhos que vinham compartilhar um café e um bom bate-papo. Eram tardes agradáveis e acolhedoras, repletas de carinho e de memórias que aqueciam o coração.

Memórias da Bisavó

Geovana guarda com carinho as lembranças dos momentos passados ao lado de Maria, especialmente durante a pandemia de Covid-19, quando, trabalhando em home office, pôde estar mais próxima de sua bisavó. Com ternura, Geovana cuidava de Maria, auxiliando-a no banho, na troca de roupas e oferecendo-lhe uma massagem diária que era parte essencial de sua rotina. Essas tardes compartilhadas, entre histórias, orações e cuidados, tornaram-se memórias bonitas, marcadas por um vínculo inquebrável entre elas.

Era uma verdadeira troca de afeto e cuidado. No final do dia, Geovana nunca saía de mãos vazias; sempre levava para casa algo preparado com carinho por Maria — um bolo, um quibe, um hambúrguer, ou uma torta. Entre as tardes de segunda a sexta-feira, enquanto Geovana trabalhava em home office, sentada à mesa de jantar com seu computador, Maria ocupava sua tradicional poltrona marrom ao lado, acompanhando os dias da bisneta.

Entre um cochilo e outro, Maria transmitia a Geovana não só receitas de família passadas de geração em geração, mas também histórias de sua infância e de sua família. Cada assunto e cada receita, trazia uma nova camada de história e significado.

Esses momentos eram mais do que apenas conversas sobre culinária e lembranças. Eram um ato de transmissão de cultura e identidade, onde Geovana recebia com muita gratidão.

Memórias da Bisavó

Esses momentos, foram exatamente um ano antes do falecimento de Maria, em que Geovana teve a oportunidade de estar ao seu lado. Embora sinta saudades da bisavó, Geovana se sente profundamente grata por ter sido "escolhida" para estar presente nos últimos dias de vida de Maria, amparando-a com amor. Esse tempo juntas transformou-se em um legado de afeto e gratidão que Geovana carregará para sempre.



Em muitas tardes, Dona Maria gostava de sentar no quintal, sentir o vento e ver a maré... E é claro, conversar.



Devoção.



Muitas conversas...

Memórias da Bisavó

Maria era uma mulher de hábitos simples, que preferia a tranquilidade ao barulho. Embora vivesse rodeada por uma família tagarela e animada, nas festas, ela encontrava seu lugar na poltrona, observando com um sorriso carinhoso enquanto todos se divertiam. Ao final de cada celebração, era certo que um prato de doces e salgados seria preparado para cada filho levar para casa, como um gesto de carinho e cuidado.

Com roupas simples e confortáveis, Maria vestia-se com malhas que não a apertavam, e no frio, adorava usar seu pijama e um casaco de lã azul-marinho. Seu perfume característico era de erva-doce. Sua humildade era profunda e sábia, transcendendo as limitações materiais; ela sabia transformar pequenos gestos em grandes atos de amor e bondade. Era comum ouvir na comunidade a frase: “Dona Maria matou a minha fome muitas vezes!”, uma expressão do impacto que sua generosidade tinha na vida dos outros.

Geovana recorda com carinho como Maria sempre tinha uma palavra gentil para os vizinhos, um conselho sábio para os amigos e um abraço reconfortante e caloroso para a família. Seu lar de madeira, com um quintal onde crescia um bambuzal e um barquinho ancorado à beira da maré, era um refúgio de paz e acolhimento, onde todos eram bem-vindos.

Nas tardes ensolaradas, Maria costumava colocar sua cadeira de plástico no quintal, de frente para o rio Itiberê. Ali, ela sentava-se para contemplar a beleza da paisagem, apreciando a vista em silêncio, como se cada instante fosse um presente, uma pausa para refletir sobre a vida e a simplicidade que a cercava. **22**

Memórias da Bisavó

Geovana reconhece que a influência de Maria foi fundamental na formação de seu caráter e na trajetória de sua carreira profissional. Sua bisavó sempre torcia para que ela conseguisse um bom emprego, compartilhando histórias e lições que não apenas a inspiravam, mas também lhe proporcionavam uma base sólida sobre a qual construir sua própria vida.

Maria Siqueira Damasceno, com sua sabedoria, amor e resiliência, deixou um legado duradouro que continuará a viver nas palavras e nas memórias de Geovana. Mesmo com a saudade que sente, Geovana tem a certeza de que uma parte de sua bisavó permanece com ela, acompanhando-a em cada passo que dá. A influência de Maria se reflete em sua forma de encarar desafios, em seu compromisso com os outros, perpetuando assim o espírito de sua bisavó por onde quer que vá.



23

Memórias...

Festas e Tradições

A Ilha dos Valadares é um lugar onde as tradições e festividades desempenham um papel essencial na vida da comunidade. Das celebrações religiosas às festas populares, esses eventos são momentos de união, alegria e valorização das raízes culturais que definem a identidade dos moradores da ilha.

As festas religiosas têm um significado especial para a comunidade da Ilha dos Valadares. No dia 2 de fevereiro, celebra-se o dia de Nossa Senhora dos Navegantes, padroeira dos pescadores, com nove dias de festividades que incluem a novena e a tradicional quermesse após cada cerimônia. Durante esses dias, nove das famílias mais antigas da ilha são convidadas para acompanhar a entrada da padroeira na igreja, em um gesto de honra e tradição. Entre essas famílias está a de Dona Maria, a família Damasceno, que participa anualmente dessa celebração, fortalecendo os laços entre gerações e reafirmando sua devoção.



Família Damasceno na Festa de Nossa Senhora dos Navegantes.

Festas e Tradições

Após o rito religioso, paroquianos e visitantes são convidados a celebrar a tradicional quermesse na praça Cyro Abalem. Ali, são montadas barracas de comidas típicas, além de um palco para apresentações musicais e o tradicional bingo. Essa festa sempre foi muito aguardada por Dona Maria, devota de Nossa Senhora dos Navegantes, assim como por seus familiares, que todos os anos prestigiam com entusiasmo esse momento de confraternização e alegria comunitária.

No último dia de festa, realiza-se a tradicional procissão marítima na baía de Paranaguá. Paroquianos com embarcações próprias saem em celebração, enchendo as águas de fé e alegria. Para que todos possam participar, o padre também aluga barcos maiores, garantindo que ninguém fique de fora desse momento especial. A imagem de Nossa Senhora dos Navegantes é conduzida no barco da Marinha Mercante, acompanhada pelos marinheiros, pelo padre local e pelo bispo diocesano, formando uma bela e solene homenagem à padroeira, que abençoa a comunidade e suas águas.



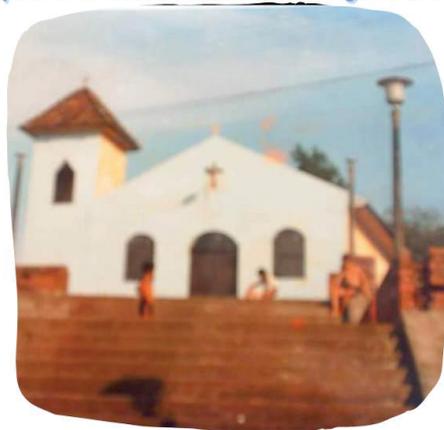
25

Procissão marítima em honra à Nossa Senhora dos Navegantes.

Festas e Tradições

A festa, que chega à sua 56ª edição, ganhou uma visibilidade muito significativa na última década, especialmente graças ao carisma do atual pároco, padre Binu Joseph Chollackal. Reconhecido por sua acolhida calorosa e seu profundo respeito pelas tradições locais, padre Binu tem sido uma figura essencial para fortalecer e divulgar essa celebração, atraindo cada vez mais devotos e visitantes. Vale destacar que a igreja recentemente passou por grandes reformas estruturais, e sua nova arquitetura, inspirada na forma de um grande barco, simboliza a fé e a devoção da comunidade a Nossa Senhora dos Navegantes.

Paróquia de Nossa Senhora dos Navegantes, anos 80.



Paróquia de Nossa Senhora dos Navegantes, 2023.

Festas e Tradições

A devoção de Dona Maria sempre inspirou sua bisneta Geovana, que cresceu ouvindo os testemunhos de fé e as graças alcançadas por intermédio da Virgem Maria. Com o tempo, a devoção de Geovana foi se fortalecendo, até que um dia ela recebeu um convite da coordenadora da catequese para integrar a Pastoral da Catequese. Geovana aceitou com entusiasmo e, ao lado de sua prima e madrinha – neta mais velha de Dona Maria –, passou a ministrar encontros catequéticos na Paróquia de Nossa Senhora dos Navegantes durante três anos. Para Dona Maria, ver duas netas dedicadas ao serviço catequético foi uma das maiores alegrias, reafirmando sua fé e deixando um legado espiritual na família.



Geovana na Pastoral da Catequese da Paróquia de Nossa Senhora dos Navegantes.



27

Último lugar que Dona Maria visitou, uma Igreja.

Festas e Tradições

Oração de Nossa Senhora dos Navegantes

Ó Nossa Senhora dos Navegantes,
Mãe de Deus, Criador do céu,
da terra, dos rios, lagos e mares;
protegei-me em todas as minhas viagens.
Que ventos, tempestades, borrascas, raios e ressacas
não perturbem a minha embarcação
e que monstro nenhum, nem incidentes imprevistos
causem alteração e atraso à minha viagem,
nem me desviem da rota traçada.
Virgem Maria, Senhora dos Navegantes,
minha vida é a travessia de um mar furioso.
As tentações, os fracassos e as decepções
são ondas impetuosas
que ameaçam afundar minha frágil embarcação
no abismo do desânimo e do desespero.
Nossa Senhora dos Navegantes,
nas horas de perigo, eu penso em vós
e o medo desaparece;
O ânimo e a disposição de lutar e de vencer
tornam a me fortalecer.
Com a vossa proteção e a bênção de vosso Filho,
a embarcação da minha vida há de ancorar
segura e tranquila no porto da eternidade.
Nossa Senhora dos Navegantes, rogai por nós.

Festas e Tradições

Hino à Nossa Senhora dos Navegantes

Graças vos damos, Senhora, porque em Deus fostes ofertante
Para a Mãe do Redentor, ó Senhora dos Navegantes. (2x)

Louvemos sempre a Rainha, Mãe de Deus a todo instante,
Louvemos com alegria a Senhora dos Navegantes. (2x)

Em seu barco e pelo mar, de graças muito importantes,
Nos revela a esperança, a Senhora dos Navegantes. (2x)

Se quisermos ser felizes por tempo indeterminado,
Sejamos sempre devotos da Senhora dos Navegantes. (2x)

E na hora derradeira, ao partirmos triunfantes,
Implorai a Deus por nós, ó Senhora dos Navegantes. (2x)



29

Imagem de Nossa Senhora dos Navegantes.

Festas e Tradições

Essa oração e essa canção, eram muito significativas para Dona Maria, e também para diversos habitantes da Ilha dos Valadares, pois a oração e o hino a Nossa Senhora dos Navegantes trazem uma mensagem de fé, proteção e esperança, especialmente para aqueles que enfrentam desafios e incertezas, seja no mar físico ou nas "águas" da vida cotidiana.

Na oração, Nossa Senhora dos Navegantes é invocada como uma protetora dos viajantes, especialmente dos pescadores, para que guie suas travessias e os proteja das adversidades naturais e espirituais. Ela representa o auxílio em meio às tempestades e perigos da vida, reforçando a confiança de que, com sua intercessão, mesmo as jornadas mais turbulentas podem encontrar paz e segurança.



Devoção de gerações...

Festas e Tradições

O hino reforça esse sentimento de gratidão e devoção, reconhecendo Nossa Senhora como uma fonte de esperança e alegria. Ele inspira a fidelidade à fé e à proteção divina para uma vida de bem-estar e plenitude. A mensagem central é a de que, ao confiar na proteção de Nossa Senhora dos Navegantes, somos fortalecidos para superar os desafios e seguir adiante, até que alcancemos nosso "porto seguro," tanto na vida como na eternidade.

Vale destacar que essa canção foi escrita por Sr. João Muniz, nascido em Guaraqueçaba, que se tornou um dos muitos acolhidos pela querida comunidade da Ilha dos Valadares. Até hoje, nas festividades da paróquia, Seu João participa das missas e é sempre lembrado pelo pároco e pela comunidade, com um profundo sentimento de gratidão por ter criado essa bela canção que enriquece as celebrações e fortalece a devoção local.



31 Sr. João Euzébio Muniz, autor da música de Nossa Senhora dos Navegantes.



Padre Binu Joseph, atual pároco da Igreja.

A Vocação pela Educação

O caminho no setor educacional sempre teve um papel importante na vida da família de Geovana. A paixão pelo ensino e a crença no poder transformador da educação são legados deixados por Maria Siqueira Damasceno, que sonhava em ver seus descendentes trilhando um caminho que ela mesma não teve a oportunidade de seguir. Esse sonho se concretizou, e boa parte da família de Geovana tornou-se professor.

Alguns membros da família, embora não trabalhem diretamente na Ilha dos Valadares, nasceram e cresceram lá, levando consigo os valores que aprenderam em sua terra natal. Essa conexão com suas raízes não é uma limitação, mas uma base que os acompanha onde quer que estejam. Assim, independentemente do local em que exerçam suas profissões, eles carregam consigo a herança de amor pelo aprendizado e o compromisso com a educação, impactando positivamente as comunidades em que vivem e trabalham.

Maria Siqueira Damasceno, embora nunca tenha pisado em uma sala de aula como aluna, sempre valorizou profundamente o saber. Ela incentivou seus filhos e netos a buscarem a educação como um meio de transformação pessoal e comunitária. Maria acreditava firmemente que, por meio do conhecimento, era possível superar desafios e abrir portas para um futuro melhor.

A Vocação pela Educação

Essa crença se enraizou na família, tornando-se uma motivação para que muitas de suas descendentes escolhessem a carreira de professora. Para elas, a educação não era apenas uma profissão, mas uma maneira de honrar o legado de Maria. Essa dedicação ao ensino reflete não apenas o amor por ensinar, mas também o compromisso com a construção de uma sociedade mais justa e consciente.

Geovana cresceu rodeada por exemplos de dedicação ao ensino que moldaram sua visão sobre a educação. Sua mãe, embora não tenha sido professora, sempre ajudava suas tias na escola, contribuindo para um ambiente familiar que valorizava o aprendizado. Como segunda neta de Maria, a mãe de Geovana também se destacou como confeitadeira, sendo fortemente influenciada pelos dotes culinários de sua avó.

As filhas de Maria, quase todas professoras, eram figuras inspiradoras que demonstravam diariamente a importância da educação. Elas não apenas transmitiam conhecimento acadêmico, mas também incorporavam valores e princípios. As conversas em casa frequentemente giravam em torno de métodos de ensino, histórias de alunos e os desafios enfrentados no dia a dia da sala de aula, criando um ambiente de reflexão. Essa atmosfera de valorização da educação foi fundamental na formação de Geovana, que viu em cada relato e discussão uma oportunidade de aprender e crescer.

A Vocação pela Educação

Todas as cinco filhas de Maria trabalharam ou ainda trabalham em escolas, perpetuando o legado educacional da família. A mais velha, Terezinha do Rocio, possui impressionantes 45 anos de magistério. Ela começou sua trajetória no Colégio Cidália Rebello Gomes, ainda na época em que Maria era merendeira. Atualmente, Terezinha atua como corregente dos pré-escolares na Escola Municipal Iracema dos Santos, onde está desde a fundação da escola em 1992. Terezinha é uma figura fundamental na instituição, conhecendo-a como a palma de sua mão. Seu trabalho vai além da sala de aula; ela já alfabetizou muitas crianças, cuidou da limpeza da escola e cria lindos murais que embelezam o ambiente. Hoje, tem o prazer de ensinar os netos de seus antigos alunos, sendo uma professora querida e respeitada. Além disso, muitos de seus colegas de trabalho foram seus alunos no passado, o que a torna uma figura emblemática da educação na comunidade.



Terezinha do Rocio, com toda sua dedicação.



Na foto, Terezinha, Geruza e Lúcia, na Escola Iracema.

A Vocação pela Educação

Geruza Fátima também fez parte da equipe da Escola Municipal Iracema dos Santos, onde começou sua carreira como merendeira, assim como sua mãe. Marisa, por sua vez, trabalhou brevemente no setor educacional durante o antigo Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), utilizando o espaço cedido pela Terceira Igreja Batista de Paranaguá, que ficava próxima à casa de Dona Maria. Ela se dedicou à educação infantil nessa época.

Jucimari iniciou sua jornada no MOBRAL aos 16 anos, enquanto ainda cursava o Magistério. Após um tempo, tornou-se funcionária pública, atuando no setor administrativo da Secretaria Municipal de Educação de Paranaguá. Com o passar dos anos, ela voltou a lecionar, assumindo cargos de professora e coordenadora na Escola Municipal de Tempo Integral Graciela Almada Diaz e na Escola Municipal Iracema dos Santos. Após 16 anos nessas funções, Jucimari foi convidada pela secretária de educação da época a assumir a direção do Centro Municipal de Educação Infantil Arcelina Ana de Pina, um local que estava deixando de ser filantrópico para se tornar municipal. Com seu conhecimento da comunidade, Jucimari abraçou a oportunidade e foi diretora por 14 anos.



35
Jucimari com sua turma do MOBRAL, anos 80.



Jucimari, como diretora, 2023.

A Vocação pela Educação

Por fim, Lúcia Helena, a filha caçula de Dona Maria, seguiu o mesmo caminho das irmãs, começando a dar aulas muito cedo. Ela é concursada como professora pelo município de Paranaguá e como pedagoga pelo estado do Paraná, tendo passado por várias escolas na região, mas firmando sua carreira na Ilha dos Valadares. Atualmente, Lúcia atua na Escola Municipal Iracema dos Santos e no Colégio Cidália Rebello Gomes.

As irmãs trabalharam juntas ao longo de suas trajetórias, e a relação entre Terezinha, Jucimari e Lúcia se destacam, pois hoje as três continuam a atuar como professoras e são colegas de trabalho. Para elas, as escolas Iracema e Cidália são mais do que locais de trabalho; são espaços que carregam significados profundos, entrelaçando suas histórias e raízes familiares.



Lúcia Helena lecionando na Escola Iracema.



Lúcia Helena na formatura dos alunos do Colégio Cidália.

A Vocação pela Educação

Geovana teve a oportunidade de atuar como estagiária em várias escolas, mas um dos maiores privilégios foi poder trabalhar ao lado de suas tias, Terezinha e Lúcia, na Escola Municipal Iracema dos Santos, onde passou cinco meses. Essa experiência não apenas a introduziu ao ambiente escolar, mas também a imergiu em um contexto familiar rico em tradição e dedicação à educação.

Além disso, Geovana também trabalhou no Centro Municipal de Educação Infantil Arcelina Ana de Pina, sob a supervisão de sua tia Jucimari, onde passou seis meses. Durante esse período, ela teve a chance de aprender e se desenvolver profissionalmente com mulheres que não eram apenas suas tias, mas também verdadeiras fontes de conhecimento e inspiração. A vivência prática com essas educadoras ajudou Geovana a adquirir habilidades essenciais para sua carreira, transformando essas experiências em verdadeiras "faculdades" da vida real, que moldaram sua formação como professora.



37

Geovana e Terezinha representando as Escolas na Missa dos Educadores na 210ª Festa de Nossa Senhora do Rocio.

A Vocação pela Educação

Além de Geovana, bisneta de Dona Maria, outras netas também seguiram o caminho da educação. Natally, filha de Jucimari, foi professora por um período, atuando em escolas de outras ilhas de Paranaguá. Renata, filha de Terezinha, contribui como agente de apoio no Centro Municipal de Educação Infantil Antônio Tortato, em Paranaguá, enquanto Gisele, filha de Geruza, leciona no Colégio Bom Jesus de Paranaguá. Emanuelle, filha de Luiz César, embora tenha formação em Letras Português e Inglês, atualmente ocupa a função de Secretária Geral na Escola Municipal de Educação Especial Professora Eva Tereza Amarante Cavani.

Atualmente, Geovana desempenha o papel de Pesquisadora da Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no Instituto Federal do Paraná – Campus Paranaguá. Essas netas, juntamente com Geovana, representam três gerações que carregam consigo o legado de Dona Maria. A influência e os valores transmitidos ao longo dos anos continuam a moldar suas trajetórias e seu compromisso com a educação, refletindo a dedicação e a paixão pela aprendizagem que sempre caracterizaram a família.



Geovana como pesquisadora.

A Vocação pela Educação

Apesar de Geovana ter explorado outras carreiras, como no setor técnico ambiental, a influência do ambiente educacional em que cresceu sempre exerceu um forte impacto em sua vida. O desejo de ingressar nesse mundo nunca deixou de estar presente. Assim, Geovana celebra a vocação pela educação que permeia sua família, destacando a importância de sua bisavó Maria. A visão e os sonhos de Maria abriram caminho para que tantas mulheres se tornassem professoras dedicadas e influentes, perpetuando um legado de amor ao ensino.

Este capítulo é um tributo ao poder transformador da educação e à força de uma família que fez dela sua missão de vida. Juntas, essas mulheres têm contribuído para a construção de uma Ilha dos Valadares mais rica em conhecimento e amor, demonstrando que a educação é uma ferramenta poderosa para a transformação social. Geovana reflete sobre como as histórias e ensinamentos de sua bisavó moldaram não apenas sua trajetória, mas também o futuro de muitas gerações, reafirmando o compromisso da família com a educação e o impacto positivo que ela pode ter nas comunidades.



Geovana aprendendo a ser professora.

Integração no Currículo Escolar

Educação Especial e Educação Infantil:

Este livro também pode ser uma ferramenta para a educação especial e a educação infantil, proporcionando experiências inclusivas para todos os alunos. Aqui estão algumas maneiras de integrá-lo nesses contextos:

- **Estimulação Sensorial:** As descrições vívidas das paisagens e da vida na Ilha dos Valadares podem ser utilizadas para atividades sensoriais. Os educadores podem incentivar as crianças a explorar texturas, sons e cheiros relacionados aos elementos naturais mencionados no livro, como os manguezais e a fauna local.
- **Contação de Histórias:** As histórias e memórias apresentadas no livro podem ser utilizadas em sessões de contação de histórias, facilitando a compreensão e a conexão emocional das crianças com o conteúdo. Professores podem adaptar a narrativa para torná-la mais acessível, usando recursos visuais, fantoches ou dramatizações.
- **Atividades de Arte:** As ilustrações e descrições inspiradoras podem motivar atividades de arte, onde as crianças possam criar suas próprias representações das paisagens e tradições da ilha. Isso não só estimula a criatividade, mas também permite que elas expressem suas interpretações do que aprenderam.

Integração no Currículo Escolar

- **Desenvolvimento de Linguagem:** O livro pode servir como um recurso para desenvolver habilidades de linguagem. Educadores podem incentivar as crianças a discutir as histórias, fazendo perguntas abertas e promovendo o diálogo. Para alunos com necessidades especiais, atividades de leitura em voz alta podem ajudar a melhorar a fluência e a compreensão.
- **Inclusão e Diversidade:** As histórias da Ilha dos Valadares refletem a diversidade cultural e as experiências de vida dos habitantes. Isso pode ser um ponto de partida para conversas sobre inclusão e respeito pelas diferenças, promovendo um ambiente de aprendizado acolhedor e respeitoso para todos os alunos.

Integrar esse livro ao currículo de educação especial e infantil pode promover um senso de pertencimento e valorização da diversidade cultural.

Integração no Currículo Escolar

Atividades e Projetos

Para tornar o aprendizado ainda mais interativo, os professores podem planejar atividades e projetos baseados no livro:

- **Projetos de Pesquisa:** Os alunos podem realizar pesquisas sobre diferentes aspectos da vida na Ilha dos Valadares, como as profissões locais, as festividades culturais e as práticas ambientais. Esses projetos podem culminar em apresentações, exposições ou documentários.
- **Visitas de Campo:** Organizar visitas nos arredores da Ilha dos Valadares podem proporcionar aos alunos uma experiência prática e imersiva. Eles podem explorar os ambientes naturais descritos no livro e interagir com a comunidade local, aprofundando sua compreensão e apreço pela cultura e história da região.
- **Dramatizações e Apresentações:** Os alunos podem encenar histórias e episódios do livro, desenvolvendo suas habilidades de atuação e expressão oral. Dramatizações podem ajudar a trazer as histórias à vida, tornando o aprendizado mais dinâmico e memorável.
- **Oficinas de Escrita e Contação de Histórias:** Professores podem organizar oficinas de escrita e contação de histórias, inspiradas pelas narrativas do livro. Alunos podem criar suas próprias histórias baseadas em suas experiências ou nas histórias de suas próprias famílias.

Integração no Currículo Escolar

Conexão com a Comunidade

O uso deste livro na escola também pode fortalecer os laços entre a instituição e a comunidade local. Envolver membros da comunidade, pode enriquecer as aulas e proporcionar uma perspectiva viva e autêntica das tradições e histórias da ilha.

Reflexão e Discussão

Por fim, o livro pode ser um ponto de partida para reflexões e discussões sobre temas importantes, como a importância da família, a preservação da natureza, a valorização das tradições e o poder transformador da educação. Essas discussões ajudam os alunos a desenvolver um senso crítico e a apreciar a riqueza de suas próprias culturas e histórias.

Neste capítulo, fica claro que este livro é mais do que uma coleção de memórias; é um recurso educacional que pode enriquecer o aprendizado, inspirar a criatividade e fortalecer os laços culturais. Ao integrá-lo ao currículo escolar, os professores podem proporcionar aos alunos uma experiência educacional significativa, conectando-os com suas raízes e incentivando-os a valorizar a herança cultural.

Integração no Currículo Escolar

Utilizando Este Livro na Jornada Educacional

Este livro é uma ponte entre as páginas e as vivências, uma janela para a cultura e história da Ilha dos Valadares. Agora, exploramos como docentes e alunos podem aproveitar ao máximo este recurso em suas jornadas educacionais.

Para os Docentes:

- **Integração Curricular:** Este livro pode ser usado como complemento em uma variedade de disciplinas, desde história e geografia até literatura, estudos sociais e até mesmo na educação infantil e especial. Os docentes podem selecionar trechos relevantes para as aulas e contextualizar os conceitos estudados.
- **Atividades Interdisciplinares:** Os docentes podem colaborar para criar projetos interdisciplinares que explorem diferentes aspectos da cultura e história da Ilha dos Valadares. Por exemplo, uma atividade de escrita criativa pode ser combinada com pesquisa histórica e análise literária.
- **Desenvolvimento de Habilidades:** O livro pode ser usado para desenvolver uma variedade de habilidades, como leitura crítica, escrita criativa, pesquisa histórica e expressão oral. Os docentes podem projetar atividades que atendam às necessidades específicas de seus alunos, promovendo um aprendizado significativo.

Integração no Currículo Escolar

Para os Alunos:

- **Exploração Individual:** Os alunos podem ler o livro de forma independente, explorando as histórias e memórias da Ilha dos Valadares em seu próprio ritmo. Eles podem fazer anotações, destacar passagens significativas e refletir sobre como essas experiências se relacionam com suas próprias vidas.
- **Discussões em Grupo:** Os alunos podem participar de discussões em grupo sobre o livro, compartilhando suas impressões, fazendo perguntas e explorando diferentes perspectivas. Essas discussões podem ocorrer em sala de aula ou em grupos de leitura, proporcionando um espaço para troca de ideias e reflexão.
- **Projetos Criativos:** Os alunos podem criar projetos criativos inspirados no livro, como escrever contos baseados nas histórias da Ilha dos Valadares, produzir peças teatrais ou criar obras de arte visuais. Esses projetos permitem que os alunos expressem sua criatividade e conexão pessoal com o material.
- **Atividades de Pesquisa:** Os alunos podem conduzir pesquisas adicionais sobre tópicos específicos abordados no livro, como a história da ilha, a ecologia local ou as tradições culturais. Eles podem apresentar suas descobertas em forma de relatórios, apresentações ou projetos multimídia.

Integração no Currículo Escolar

Para Todos:

- **Reflexão Pessoal:** Tanto docentes quanto alunos podem aproveitar este livro como uma oportunidade para reflexão pessoal sobre suas próprias identidades, valores e conexões com suas comunidades e heranças culturais.
- **Promoção do Diálogo:** O livro pode servir como ponto de partida para discussões significativas sobre questões relacionadas à identidade, diversidade cultural, preservação ambiental e educação. Essas discussões podem promover uma maior compreensão e apreciação das diferentes perspectivas e experiências.
- **Celebração da Diversidade:** Ao explorar as histórias e memórias da Ilha dos Valadares, todos podem celebrar a diversidade cultural e reconhecer a importância de preservar e valorizar as diversas culturas que enriquecem nosso mundo.
- **Continuação da Jornada:** Este livro é apenas o começo de uma jornada contínua de aprendizado e descoberta. Docentes e alunos são encorajados a continuar explorando, questionando e aprendendo, tanto dentro quanto fora da sala de aula.

Integração no Currículo Escolar

Ao final desta jornada, fica evidente que este livro vai além de ser apenas uma obra para ser lida. Ele se propõe a ser uma ferramenta que inspira, educa e capacita. Esperamos que as páginas aqui contidas abram portas para novas ideias e promovam conversas significativas, contribuindo para um entendimento mais profundo do mundo ao nosso redor.

Este livro é um convite à reflexão, à descoberta e ao aprendizado contínuo. Que as histórias, lições e experiências compartilhadas sirvam como uma fonte de luz, guiando-nos em nossa trajetória pessoal e coletiva. Que ele nos incentive a explorar nossas raízes, a valorizar nossas histórias e a nos conectarmos com os outros de maneira mais autêntica. Assim, possamos construir um futuro mais compreensivo e acolhedor para todos.

Considerações Finais

Este livro é mais do que uma simples coleção de memórias; é um tributo à rica cultura e história da Ilha dos Valadares, um lembrete da importância de valorizar nossas raízes culturais e ambientais. Ao longo das páginas, espero que você tenha sido transportado para as paisagens, os sabores vibrantes e as tradições acolhedoras da ilha, e que tenha sido inspirado a refletir sobre sua própria conexão com a terra e a comunidade ao seu redor.

À medida que fechamos este livro, convido-o a levar consigo as lições e mensagens que foram transmitidas. Que elas possam guiá-lo em sua própria jornada de descoberta e crescimento, inspirando-o a valorizar suas próprias origens e a contribuir para um mundo mais justo e inclusivo.

Agradeço por ter embarcado nesta jornada comigo e por compartilhar este momento de conexão e aprendizado. Que este livro permaneça como uma inspiração em sua vida, lembrando-o sempre da beleza e da riqueza que encontramos quando nos conectamos com nossa história, nossa cultura e nosso meio ambiente.

Que as memórias da Ilha dos Valadares continuem a ecoar em nossos corações e mentes, inspirando-nos a honrar as histórias e tradições que nos tornam quem somos.

Com gratidão e esperança.

Referências

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A educação como cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; et al. Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Educação popular. 1986.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (DCNEB). Resolução CNE/CEB nº 4, de 13 de julho de 2010. Disponível em: [z](#). Acesso em: 14 de mai. de 2024.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 14 de mai. de 2024.
- BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 14 de mai. de 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 14 de mai. de 2024.
- BRIZUELA, Juan Ignacio; BARROS, José Márcio. Políticas Culturais e Território na América Latina: Diálogos conceituais entre Néstor García Canclini, Rodolfo Kusch e Milton Santos. PragMATIZES: Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura, p. 22-36, 2015.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CONCEIÇÃO, Gislene Angélica. Identidade cultural e o sentimento de pertencimento. Revista Signos, v. 39, n. 1, 2018.
- DA SILVA, Renata Lopes; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. Milton Santos e a educação.
- DE PAULA, Elenice; ZALUSKI, Jorge Luiz. Gênero, interseccionalidade e ensino de história. Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo, v. 4, p. e49167-e49167, 2022.
- DOS SANTOS, Marcio Antonio Raiol et al. Estado da arte: aspectos históricos e fundamentos teórico-metodológicos. Revista Pesquisa Qualitativa, v. 8, n. 17, p. 202-220, 2020.
- FOLHA DO LITORAL. Cidália Rebelo Gomes. Disponível em: <https://folhadolitoral.com.br/instituto-historico-e-geografico-de-paranagua/cidalia-rebelo-gomes>. Acesso em: 23 de set. de 2024.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

Referências

- FRANCO, Paulo Cesar. Oficinas de fandango caiçara como vivência de educação popular na Associação dos Jovens da Jureia - AJJ/Barra do Ribeira Iguape SP: reafirmando o potencial das comunidades tradicionais caiçaras. 2015.
- HALL, Stuart. Identidade cultural na pós-modernidade. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- KAWAGUCHI, Renata Castro Cardias. Identidade e hibridismo cultural: aspectos folkcomunicaçãois da cultura caiçara no Vale do Ribeira-SP.
- KOSIK, Karel. Dialética do concreto. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. Revista de História, n. 155, p. 191-203, 2006.
- NASCIBEM, Fábio Gabriel; VIVEIRO, Alessandra Aparecida. Para além do conhecimento científico: a importância dos saberes populares para o ensino de ciências. Revista Interações, v. 11, n. 39, 2015.
- PITANO, Sandro de Castro; NOAL, Rosa Elena. Horizontes de diálogo em educação ambiental: contribuições de Milton Santos, Jean-Jacques Rousseau e Paulo Freire. Educação em Revista, v. 25, p. 283-298, 2009.
- RAMBO, Ricardo Albino. Emancipação na perspectiva de Paulo Freire. Revista Ibc, p. 1-9, 2016.
- SARRAFF, Elizangela; FAGUNDES, Maurício Cesar Vitória. A partilha dos saberes da cultura popular caiçara com os conhecimentos da escola. Observatório de la Economía Latinoamericana, v. 21, n. 11, p. 21249-21262, 2023.
- SILVA, A. L.; SOUZA, M. R. Educação e saberes locais: desafios e possibilidades na BNCC. São Paulo: Editora XYZ, 2020.
- SILVA, A. L. Educação e saberes locais: desafios e possibilidades na BNCC. São Paulo: Editora XYZ, 2020.
- SILVA, Anne Patricia Pimentel Nascimento da; SOUZA, Roberta Teixeira de; VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de. O Estado da Arte ou o Estado do Conhecimento. Educação, v. 43, n. 3, 2020.
- SILVA, Silvana do Nascimento; LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. As vozes de professores-pesquisadores do campo da educação ambiental sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação Infantil ao Ensino Fundamental. Ciência & Educação (Bauru), v. 26, p. e20004, 2020.
- TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.
- VIEIRA, Tânia Mara Menezes. Práticas circulares com Paulo Freire entre nós: escuta em diálogo do nós por nós para além da relação eu-tu. Revista Pedagogia Social UFF, v. 11, n. 1, 2021.
- XAVIER, Patrícia Maria Azevedo; FLÔR, Cristhiane Carneiro Cunha. Saberes populares e educação científica: um olhar a partir da literatura na área de ensino de ciências. Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte), v. 17, p. 308-328, 2015.

Agradecimentos



Obrigada por tudo e por tanto, Dona Maria.

Brasil
2025

Agradecimentos



Brasil
2025

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



- » O Termo de Consentimento Livre e esclarecido tem por finalidade possibilitar aos participantes da pesquisa um amplo esclarecimento sobre a investigação a ser realizada, os riscos e seus benefícios, para que sua manifestação de vontade no sentido de participar (ou não) seja realmente livre e consciente.
- » Este termo deve ser escrito na forma de convite, com o propósito de demonstrar de forma clara e inequívoca que todos os detalhes da pesquisa foram esclarecidos e o participante está plenamente convicto de tudo o que lhe foi explicado.
- » Quando os procedimentos forem diferentes para cada grupo de pesquisa, deve-se criar um TCLE para cada grupo pesquisado.
- » A fim de ser compreendido pelos participantes, o TCLE deve apresentar **linguagem de fácil entendimento e acessível**, evitando termos técnicos e expressões complexas.
- » Este documento deve ser enviado em formato Word e anexado na Plataforma Brasil separadamente do projeto detalhado.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nós, Geovana Damasceno de Macedo, aluna de pós-graduação em Ciências Ambientais da Universidade Federal do Paraná, e Maurício Cesar Vitoria Fagundes, professor orientador responsável, estamos convidando você, a participar de um estudo intitulado "Educação, Ambiente e Tradição: Contribuições da Agente Educacional Dona Maria Siqueira Damasceno na Ilha dos Valadares – Paranaguá – Paraná."

Este estudo tem como objetivo compreender a importância da educação, da preservação ambiental e das tradições locais na formação da identidade cultural da Ilha dos Valadares, por meio da atuação da agente educacional Dona Maria Siqueira Damasceno. A pesquisa busca explorar como suas contribuições impactaram a comunidade, promovendo uma educação que respeita e valoriza o saber local e os conhecimentos tradicionais, além de incentivar a conscientização ambiental.

- a) O objetivo desta pesquisa é investigar as práticas pedagógicas e as ações de Dona Maria Siqueira Damasceno, destacando sua importância na promoção da educação ambiental e na valorização da cultura caiçara.
- b) Caso você participe da pesquisa, será necessário realizar entrevistas e preencher questionários que abordam a temática da educação e da tradição na Ilha dos Valadares, além de participar de discussões em grupo sobre o tema.
- c) Para tanto, você deverá responder o questionário conforme o link enviado para as entrevistas e discussões, o que levará aproximadamente 10 minutos.
- d) É possível que você experimente algum desconforto, principalmente relacionado a discussões emocionais sobre a sua história e as tradições da comunidade.
- e) Alguns riscos relacionados ao estudo podem ser a exposição a lembranças que possam gerar desconforto emocional.

Participante da Pesquisa e/ou Responsável Legal Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE Orientador

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Setor de Ciências da Saúde da UFPR | CEP/SD
 Rua Padre Camargo, 285 | 1º andar | Alto da Glória | Curitiba/PR | CEP 80060-240 |
 cometica.saude@ufpr.br - telefone (041) 3360-7259

- f) Os benefícios diretos esperados com essa pesquisa são o reconhecimento das práticas educacionais e culturais da comunidade; benefícios indiretos podem incluir o fortalecimento da identidade local e a conscientização sobre a importância da preservação ambiental. Caso não haja nenhum tipo de benefício, justificar sucintamente.
- g) Os pesquisadores, Geovana Damasceno de Macedo e Maurício Cesar Vitoria Fagundes, responsáveis por este estudo poderão ser localizados no endereço institucional da Universidade Federal do Paraná, Rua Jaguariaíva, 512, Matinhos - PR, 83260-000 e pelo e-mail geovana.demacedo1999@gmail.com e mc.fagundes@ufpr.br e telefone 41 99777-8147 no horário das 9h às 18h para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.
- h) A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa, poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado. O seu atendimento e/ou tratamento está garantido e não será interrompido caso você desista de participar.
- i) As informações relacionadas ao estudo poderão ser conhecidas por pessoas autorizadas, como o orientador e autoridades sanitárias. No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a sua identidade seja preservada e mantida sua confidencialidade.
- j) O material obtido – questionários, imagens e vídeos – será utilizado unicamente para essa pesquisa e será destruído/descartado ao término do estudo, dentro de 2 anos.
- k) As despesas necessárias para a realização da pesquisa, como transporte para as entrevistas, não são de sua responsabilidade e você não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação.

Participante da Pesquisa e/ou Responsável Legal Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE Orientador



- l) Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código.
- m) Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP/SD) do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, pelo telefone 3360-7259. O Comitê de Ética em Pesquisa é um órgão colegiado multi e transdisciplinar, independente, que existe nas instituições nas quais se realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil e foi criado com o objetivo de proteger os participantes de pesquisa, em sua integridade e dignidade, e assegurar que as pesquisas sejam desenvolvidas dentro de padrões éticos (Resolução nº 466/12 Conselho Nacional de Saúde).

Eu, _____, li esse Termo de Consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem qualquer prejuízo para mim.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Paranaguá, ____ de _____ de _____

[Assinatura do Participante de Pesquisa ou Responsável Legal]

[Assinatura do Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE]